

# Suíte de Sol e Chuva de Esperanças



APRENDIZAGENS  
AFETOS

SONHAÇÕES



O  
Ed Pop  
SUS  
no  
Ceará

SUÍTE DE SOL E CHUVA DE ESPERANÇAS:  
APRENDIZAGENS, SONHAÇÕES, AFETOS – O  
EDPOPSUS NO CEARÁ



SUÍTE DE SOL E CHUVA DE ESPERANÇAS:  
APRENDIZAGENS, SONHAÇÕES, AFETOS – O  
EDPOPSUS NO CEARÁ

Vera Lúcia de Azevedo Dantas  
Thayza Miranda Pereira  
Ray Lima  
Gislei Siqueira Knierim  
(organizadores)

EDITORA DO CCTA/UFPB  
2019





UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITORA

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

VICE-REITORA

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira



DIRETOR DO CCTA

José David Campos Fernandes

VICE-DIRETOR

Ulisses Carvalho da Silva



Conselho Editorial

CARLOS JOSÉ CARTAXO

GABRIEL BECHARA FILHO

José Francisco de Melo Neto

JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

MARCÍLIO FAGNER ONOFRE

Editor

JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

Secretário do Conselho Editorial

PAULO VIEIRA

Laboratório de Jornalismo e Editoração

Coordenador

PEDRO NUNES FILHO

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

S948      Suíte de sol e chuva de esperanças: aprendizagens,  
sonhações, afetos – O EdPopSUS no Ceará / Organização:  
Vera Lúcia de Azevedo Dantas ... [et al.]. - João Pessoa:  
Editora do CCTA, 2019.  
152 p. : il.

ISBN: 978-85-9559-212-4

1. Educação e Saúde Pública. 2. Educação Popular.  
3. Saúde Pública – Ceará. 4. Educação em Saúde – Práticas.  
I. Dantas, Vera Lúcia de Azevedo.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 37:614

## **Ficha Técnica**

### **Organizadores:**

Vera Lúcia de A. Dantas, Thayza Miranda Pereira, Ray Lima e Gislei Siqueira Knierim

### **Capa:**

Martonio Holanda

### **Título:**

Proposto pelo educador popular Alex Josberto Andrade Sampaio em sua narrativa pessoal

### **Revisão e organização de textos e diagramação:**

Vera Lúcia de Azevedo Dantas, Thayza Miranda Pereira, Ray Lima, Maria de Fátima Babini Cabral e Jádriel Félix de Lima

### **Fotografia:**

Giseldo Castro

---

Essa obra é fruto do processo de sistematização do vivido no Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular e Saúde - EdPopSUS Ceará -

### **Agradecimentos**

Ronaldo Travassos e Grasielle Nespoli – Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ; Maria Rocineide Ferreira da Silva – Universidade Estadual do Ceará-UECE, Sílvia Maria Negreiros Bomfim Silva – Secretaria de Estado da Saúde-SESA/CE; Olga Maria de Alencar e Caio Cavalcanti – Escola de Saúde Pública do Ceará-ESP/CE; José Quintino Neto - Sindicato dos Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Endemias; Josete Malheiros Tavares - COSEMS/CE – Conselho das Secretarias Municipais de Saúde do Ceará



## **Autores e autoras**

**Alan Raymison Tavares Rabêlo** – graduado em Educação Física, militante do Levante Popular da Juventude. Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 2, no Ceará.

**Alex Josberto Andrade Sampaio** – graduado em Fonoaudiologia. Radialista. Educador Popular. Participou do coletivo que constituiu o chamado núcleo Cariri da ANEPS-CE. Programa UNISOL; Alfabetização Solidária – URCA. Cáritas Diocesana de Crato Fundação para o desenvolvimento sustentável do Araripe Aneps-CE.

**Aline Braúna dos Santos** – graduada em Serviço Social. Foi Agente Comunitário de Saúde. Coordenou grupo jovens do Programa Saúde e Prevenção nas Escolas – SPE. Atuou como Conselheira de Saúde. Foi Articuladora do Selo UNICEF em Paracuru.

**Antonia Regina Lima** – graduada em Pedagogia, artesã, atriz, possui formação em Reiki, massoterapia e farmácia viva, atuou como membro/cuidadora/educadora do Universo de Aprendizagens Vila de Poetas Mundo (UNAVILA); Atuou como cuidadora do Espaço Ekobé (Universidade Estadual do Ceará) até 2014. Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1, no Ceará.

**Antônio Edson Oliveira** – massoterapeuta, cordelista, reikiano, atuou como educador popular na estratégia “Cirandas da Vida” (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza), cuidador do espaço Ekobé (Universidade Estadual do Ceará). Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1, no Ceará.

**Antonio Edvan Florêncio** – graduado em História, Terapeuta Comunitário, Massoterapeuta, Mestre de Reiki, Educador Popular na estratégia “Cirandas da Vida” (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza), cuidador do espaço Ekobé (Universidade Estadual do Ceará). Pós-graduação em Terapias Holísticas, facilitador em farmácia viva. Membro da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS/CE. Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1, no Ceará.

**Charliane Fernandes Gonçalves Ribeiro** – graduada em Serviço Social, participou do Projeto VER-SUS, inicialmente como vivente do programa e, em seguida, como integrante da comissão organizadora. Residente no programa Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública do Ceará (RIS-ESP/CE). Realizou uma formação em palhaçaria no Theatro José de Alencar.

**Cleilton da Paz Bezerra** – graduado em Enfermagem, mestre em Saúde Pública. Experiência de mais de vinte anos dedicados ao Teatro Popular de Rua e suas incontáveis criações cenopoéticas (atos, intervenções, vivências, cortejos). Educador Popular no Grupo Flor do Sol, em Icapuí.

**Eduardo Teodósio de Quadros** – graduado em Comunicação Social (habilitação em Rádio e TV), formado em Educação Biocêntrica, especialista em Educação Permanente em Saúde, especialista em Comunicação e Saúde, integrante do Maracatu SOLAR, músico, percussionista, ator, diretor de teatro. Foi bolsista pela Fiocruz do EdPopSUS 1, no Ceará.

**Elias José da Silva** – educador popular na estratégia “Cirandas da Vida” (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza). Foi educador popular, alfabetizador de jovens e adultos, processo vinculado à Associação de Moradores do Bairro Serrinha - AMORBASE; Atuante nas Comunidades Eclesiais de Base. Atuou como educador popular da Organização o Pequeno Nazareno Idealizador e facilitador do processo educativo “Educação Popular em Vivência - Saúde, Ambiente e Moradia”, COMOV - Cirandas da Vida.

**Francisco Dário Queiroz de Oliveira** – graduado em Serviço social. Educador Popular. Cantor e compositor. Cordelista. Trabalha com Teatro de Fantoques. Assistente social/preceptor de núcleo da Residência Integrada em Saúde junto à Secretaria Municipal de Saúde de Quixadá.

**Francisco José da Silva Soares** – Graduado em Licenciatura em Teatro (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, 2015). Educador popular. Músico. Luthier de tambores. Poeta. Pai do Kayodê. Participou do grupo de jovens Soltando a Voz e Coletivo de Culturas Juvenis – CCJ, apoiados pela ONG Diaconia e do Movimento Escambo Popular Livre de Rua. Membro do Centro Ubuntu de Arte Negra – CUAN.

**Francisco Josenildo Ferreira do Nascimento** – atuou como Educador popular, na estratégia “Cirandas da Vida” (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza), membro da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS). Cineasta. Cartunista. Atuou como cuidador do Espaço Ekobé (Universidade Estadual do Ceará), nas práticas de Massoterapia e Farmácia Viva até 2017. Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1 no Ceará.

**Francisco Marcelo Matos da Silva** – graduado em Jornalismo. Atua no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra desde 1995. Atua na Cooperativa Regional dos Assentamentos da Reforma Agrária do Sertão Central do Ceará - COOPERASC, como mobilizador de atividades de cunho educativo na área da saúde nas reuniões do fórum dos assentados de Quixeramobim e na articulação de políticas de saúde para as áreas de assentamentos de reforma agrária.

**Gilvan de Souza Silva** – graduado em Artes Cênicas pelo IFCE. Educador popular do projeto Círculos de Cultura Brincante – CCB, ONG Espaço Cultural Frei Tito de Alencar – ESCUTA. Integrou o Pé na Estrada, projeto de montagem e circulação do espetáculo teatral “Manifestações da Gente”, realizado pelo Grupo Cervantes do Brasil (de Icapuí -RN) em rede com a ONG ESCUTA, os índios Tapeba (de Caucaia/CE), todos pertencentes à Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular em Saúde – ANEPS.

**Gislei Siqueira Knierim** – graduada em Pedagogia e Psicologia, mestre em Saúde Pública, atua profissionalmente junto aos Movimentos Sociais do Campo, da Floresta e das Águas, desenvolvendo projetos de formação na área da saúde, saneamento rural, educação em saúde, educação popular e profissional. Atuou como apoiadora nacional do EdPopSUS no Ceará de 2016 a 2018.

**Ivonildo dos Santos Silva** – graduado em Engenharia Ambiental. Educador Popular, Membro de Coletivo de Cultura. Atua em Movimentos Sociais em comunidades e nas Organizações da Sociedade Civil Locais.

**Jadiel Félix de Lima** – graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará. Ilustrador independente. Participante do Movimento Popular Escambo Livre de Rua. Integrante do grupo PINTOU MELODIA NA POESIA. Assistente administrativo da coordenação estadual do curso de aperfeiçoamento em educação popular em saúde/EdPopSUS, no Ceará (2017 e 2018).

**João Soares da Silva Filho** – graduado em Música, cantor, compositor, cordelista, atuou como educador popular na estratégia “Cirandas da Vida” (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza), diretor de escola pública. Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1, no Ceará.

**Maria Aparecida de Oliveira Nicolau** – graduada em Administração. Atua como Agente Comunitário de Saúde de Quixadá. Coordena Associação Comunitária desenvolvendo ações socioeducativas. Articuladora Municipal do Projovem Adolescente.

**Maria Charlianne de Lima Pereira** – graduada em Enfermagem. Atuou como Enfermeira Saúde da Família, onde desenvolveu junto a comunidade atividades de educação em saúde no território.

**Maria de Fátima Babini Cabral** – graduada em Comunicação Social – Jornalismo. Estuda temas relacionados à história da palhaçaria e a busca do palhaço pessoal, buscando afinidades entre este universo e o conceito de loucura. Assistente administrativo da coordenação estadual do curso de aperfeiçoamento em educação popular em saúde/EdPopSUS, no Ceará (2016 a 2018).

**Mayana Dantas Azevedo** – graduada em Filosofia, mestre em Saúde Coletiva, especialista em Educação Permanente em Saúde, atuou como educadora popular na estratégia “Cirandas da Vida” (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza), cuidadora e mestre de Reiki no Espaço Ekobé (Universidade Estadual do Ceará). Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1, no Ceará.

**Paulo de Albuquerque Nogueira Filho** – Atuou em movimentos ligados às Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e às missões populares, na Companhia de Jesus (Jesuítas), nos estados do Ceará, Piauí, Pará e Bahia, contribuindo com os movimentos sociais de luta pela terra na participação do Comitê Dorothy Stang e nos Agentes Ambientais do Parque Santa Rosa. Educador na ONG ESCUTA (Espaço Cultural Frei Tito de Alencar). Participou da Rede de Educação Cidadã (RECID) e da Articulação Nacional de Educação Popular e Saúde (ANEPS). Atuou como educador popular na estratégia “Cirandas da Vida” (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza). Foi bolsista pela Fiocruz do EdPopSUS 1, no Ceará.

**Rafael Rolim Farias** – graduado em Direito, mestre em Artes Cênicas, ator, brincante, percussionista, cordelista, pesquisador, coordenador dos grupos artísticos “Bando Cumatê” e “Bloco de Samba de Hoje a Oito”. Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1, na Bahia, e no EdPopSUS 2, no Ceará.

**Ray Lima** – graduado em Letras pela UERJ (1986) e especialista em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde pela UNICAMP-SP(2008/2009). Cenopoeta, ator, encenador e educador. Fundador do Movimento Escambo Popular Livre de Rua. Atualmente faz suas travessuras e travessias com os espetáculos: Lâminas, Pintou Melodia na Poesia, Poemia do Mundo, Vivências, Desafios de Repente e Intervenções Cenopoéticas pelo Nordeste e pelo Brasil. Seu grupo é o PINTOU MELODIA NA POESIA composto por Jadiel de Lima, Johnson Soares e Jair Soares com a colaboração permanente de Júnio Santos e Filippo Rodrigo. Além disso, atua como assessor artístico-pedagógico das Cirandas da Vida e é colaborador da Universidade Popular de Arte, Ciência e Saúde - UPAC-RJ e membro das Cirandas Ampliadas de Aprendizagens, Arte, Pesquisa e Educação Popular (em gestação). Apoiador Nacional do EdPopSUS de (2013 e 2014). Cordenador do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde no Ceará, etapas 1 (2016 e 2017) e 2 (2017 e 2018).

**Reginaldo Pereira de Figueiredo** – graduado em História, poeta, arte-educador, participante do Movimento Popular Escambo Livre de Rua, integrante do Núcleo de Educadores/as em Economia Solidária e da Rede Cearense de Socioeconomia Solidária/RCSSES, membro do Universo de Aprendizagens Vila de Poetas Mundo (UNAVILA), fundador do Instituto Cultural Templo da Poesia. Foi bolsista da Fiocruz no EdPopSUS 1, no Ceará.

**Sávia Augusta Oliveira Régis** – Graduada em pedagogia (Universidade Federal do Ceará, 2013), Mestra em Educação (Universidade Federal do Ceará, 2018). Educadora popular. Criadora do grupo Esteiras de Histórias. Mãe do Kayodê. Participou do grupo de jovens Fala Sério e Coletivo de Culturas Juvenis – CCJ, apoiados pela ONG Diaconia e do Movimento Escambo Popular Livre de Rua. Participante do Centro Ubuntu de Arte Negra – CUAN.

**Thayza Miranda Pereira** – graduada em Enfermagem, mestra em Saúde Pública(Universidade Federal do Ceará, 2013), doutora em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde(Universidade Estadual do Ceará, 2018). Tem experiência na Saúde Coletiva. Atuou como enfermeira do Saúde da Família (2000 a 2007) e gestora da Atenção Primária à Saúde (2008 e 2009). Possui formação em Reiki nível II. Orientadora de aprendizagem no EdPopSUS-CE (2013 e 2014). Cordenou o Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde no Ceará, etapas 1 (2016 e 2017) e 2 (2017 e 2018).

**Vera Lúcia de Azevedo Dantas** – educadora popular, graduada em Medicina, vem atuando na estratégia Saúde da Família no Ceará desde 1994, passando também pela saúde indígena. Mestra em Saúde Pública (Universidade Estadual do Ceará, 2002) e doutora em Educação (Universidade Federal do Ceará, 2009). Atua em vários coletivos de educação popular tais como a ANEPS e GT de Educação Popular da ABRASCO. Uma das articuladoras iniciais do Movimento Escambo Livre de Rua, da Universidade Popular de Arte e Ciência-UPAC e do Espaço Ekobé espaço onde atua na construção de processos de cuidado com Reiki, Massoterapia, Massagem do Som, Constelação Familiar e Farmácia Viva. Apoiadora Nacional do EdPopSUS (2013 a 2018).



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>DE COMO NOS TORNAMOS AUTORES DA NOSSA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA - sistematização do processo de aprendizagens e preparação da equipe de educadores .....</b>	<b>17</b>
<b>O SONHO RESSURGIU – a educação popular em Quixadá com o EdpopSUS a delinear caminhos e refazer sonhações.....</b>	<b>61</b>
<b>RIMAS DE UM PROCESSO VIVIDO COLETIVAMENTE – roteiro cenopoético refletindo o EdpopSUS em Fortaleza-CE.....</b>	<b>77</b>
<b>DO EDPOPSUS A CHAMA: luz sobre o caminhar da educação popular em saúde no Cariri cearense.....</b>	<b>101</b>
<b>MANDACARU QUANDO FULORA NA SECA: a experiência do EdPopSUS no sertão do Ceará.....</b>	<b>115</b>
<b>FALA QUE EU TE ESCUTO – o EdPopSUS em Pacatuba-CE.....</b>	<b>139</b>



## A P R E S E N T A Ç Ã O

Suíte de Sol e Chuva de Esperançares: aprendizagens, sonhações e afetos narra as experiências do EdPopSUS no Ceará. O material foi escrito a várias mãos, corpos entremeados pela arte, pela cultura, pela cenopoesia, por histórias de lutas e resistências dos educandos(as) e narrados pelos educadores(as) populares dos 12 territórios pulsantes e potentes vivenciados por todos(as) durante os 17 encontros presenciais do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular e Saúde — EdPopSUS Ceará. Propusemos a continuação da formação dos educadores(as) em 4 encontros durante o percurso da experiência por meio da sistematização do vivido tendo como pano de fundo os princípios da educação popular, e a (re)criação do eu-nós a partir do coletivo, utilizando as múltiplas linguagens que nos conduzem a reflexão crítica do existir-ético no mundo e qual sociedade estamos construindo-vivendo.

Por acreditarmos nas micro revoluções individuais e nos territórios decidimos partilhar esse material que narra um pouco das várias revoluções que aconteceram no Ceará por meio da Educação Popular.

O EdPopSUS 2018 ocorreu em 13 estados do país (janeiro a maio), com a perspectiva de potencializar as práticas e princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde na ação cotidiana dos Agentes Comunitários de Saúde, Agentes de Endemias, Agentes indígenas, lideranças comunitárias e de movimentos sociais, além de profissionais de Saúde da Atenção Básica e Saúde da Família.

Como não há ninguém melhor para falar do que vive senão a própria pessoa vivente, esta sistematização — organizada por Vera Dantas, médica e educadora popular, quem propriamente orientou o roteiro de produção dos escritos e costurou as narrativas, do cenopoeta e educador Ray Lima, que arrematou as reflexões trazidas com considerações finais sobre o percurso, e das mestras em Saúde Pública Thayza Miranda e Gislei Siqueira, que finalizaram a estruturação e observaram a concisão do texto — contou com as narrativas das/os próprias/os educadoras/es populares imersas/os nesta rica vivência. Desejamos boa leitura!

*Thayza Miranda e Ray Lima*  
*Coordenadores EdPopSUS Ceará*



## DE COMO NOS TORNAMOS AUTORES DA NOSSA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA - sistematização do processo de aprendizagens e preparação da equipe de educadores

Autores:

Alan Raymison Tavares Rabelo, Alex Josberto Andrade Sampaio, Aline Braúna dos Santos, Antonia Regina de Lima, Antônio Edilson da Silva Oliveira, Antônio Edvan Florêncio, Charlliane Fernandes Gonçalves Ribeiro, Cleilton da Paz Bezerra, Eduardo Teodósio de Quadros, Elias José da Silva, Francisco Dário Queiroz de Oliveira, Francisco José da Silva Soares, Francisco Josenildo Ferreira do Nascimento, Francisco Marcelo Matos da Silva, Gilvan de Souza Silva, Ivonildo dos Santos Silva, João Soares da Silva Filho, Maria Aparecida de Oliveira Nicolau, Maria Charlianne de Lima Pereira, Mayana de Azevedo Dantas, Paulo de Albuquerque Nogueira Filho, Rafael Rolim Farias, Reginaldo Pereira de Figueiredo, Sávia Augusta Oliveira Régis, Maria de Fátima Babini Cabral, Jádriel Félix de Lima, Raimundo Félix Lima (Ray Lima), Thayza Miranda Pereira, Vera Lúcia Azevedo Dantas, Gislei Siqueira Knierim



“A nossa história é tão antiga, se eu for contar, você duvida” (Ray Lima)

As reflexões que ora produzimos ancoram-se nos princípios pedagógicos da educação popular e se estruturam por um lado na proposta de sistematização de experiências sistematizada por Oscar Jara Holliday e na metodologia cunhada de Cirandas de Aprendizagem e Pesquisa (DANTAS, 2009).

Portanto buscamos organizá-las seguindo os cinco passos estruturantes propostos por Holliday (2006): o ponto de partida, a formulação do plano de sistematização, a recuperação do processo vivido, as reflexões de fundo e os pontos de chegada. Como ponto de partida, a necessidade de produção de reflexão sobre o vivido, considerando o protagonismo dos seus sujeitos educadores em preparação para conduzirem o percurso pedagógico do Edpopsus. A formulação do plano de sistematização se ancorou na

proposta pedagógica construída pelo grupo de coordenação estadual e apoiadores nacionais que, por sua vez representou uma reconfiguração da metodologia construída em âmbito nacional, na perspectiva de contextualizar o processo segundo aspectos do contexto local e perfil dos educadores. A recuperação do processo vivido se fez com a construção de narrativas dos sujeitos em diversas linguagens a partir das quais se desenvolveu a análise e síntese-crítica sobre o vivido e a socialização dos aprendizados tendo como referência principal os círculos de cultura e a cenopoesia.

Com o objetivo de fortalecer a práxis dos trabalhadores em saúde ancorando-a no referencial político-metodológico da educação popular em saúde, o Edpopsus propõe-se a contribuir com o cuidado, a participação e mobilização popular nos territórios, promover o reconhecimento e a aproximação dos educandos com esses referenciais e práticas com os saberes tradicionais e a diversidade cultural e assim fomentar a implementação da PNEPS-SUS tendo como foco os territórios de Atenção Primária a Saúde.

Nesse sentido, o grupo local considerou a importância de pensar a formação pedagógica dos educadores do curso como estratégia de educação permanente e construção coletiva de processos e de sistematização, considerando o protagonismo dos diversos sujeitos envolvidos.

O processo formativo organizado em 40 horas, representou, nas duas edições que ocorreram no estado, a terceira etapa da seleção dos educadores e envolveu educadores pré-selecionados. A opção inicial foi considerar a experiência prévia destes como fio condutor em diálogo com os eixos temáticos do curso.

Ao construir a proposta, como coletivo, refletíamos sobre as possibilidades daquele momento de respirar juntos e problematizar sobre o que pensar/ que fazer/ como fazer desse momento histórico? Como incluir as intenções, práticas, energias criadoras, potências e experiências de cada ator/atriz implicado (a), desde o que está preposto pelo curso com seus eixos e temas centrais aos novos sentidos e direções a serem dados partindo de seus objetivos e orientados pelos princípios da educação popular? Como transformar o momento de formação em um grande encontro entre pessoas com suas experiências, saberes, sonhações, inquietações, vontades, habilidades, afetos e potências criadoras e recriadoras do espaço-tempo em curso?

O processo de formação dos educadores na primeira edição do atual curso desvelou a necessidade de rever aspectos ligados à estrutura pedagógica dos conteúdos, à reorganização das ementas, que naquele momento foram norteadas pelo guia do curso e incorporar outros elementos e abordagens considerando o atual contexto e as mudanças

no processo de trabalho dos educandos que repercutirão significativamente no espaço político da educação popular e no desvelamento da vulnerabilidade do SUS.

O desejo era que o processo inicial pudesse significar o disparador fundamental de um percurso de cinco meses juntos, aprendendo, somando e multiplicando conhecimentos, semeando saberes, refletindo e agindo com discernimento, metamorfoseando vontades em ações concretas, medo em libertação, discursos descolados de sentidos em produção de imagens coletivas duradoras e geradoras de novas possibilidades genuínas de vidas-mundos. Nesse caminhar compreendíamos que havia necessidade de termos momentos densos com a leveza possível que cabe a um corpo-ser que, embora complexo, se pretende ágil e livre.

O desafio, portanto, seria animar “uma produção de saberes que seja fruto da interação entre as pessoas que agem em rede, de forma livre, e não do ensinamento e da imposição daquilo que o sistema necessita que reproduzamos para ele se manter” (Ray Lima, 2017). Desse modo, como nos dizia Freire (1980, p.27) “O utópico não é o irrealizável; a utopia não é idealismo é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estruturante humanizante”. Assim Ray Lima sintetiza os desejos do grupo animador do processo formativo:

*Pensar-agir para além do palpite,  
Pelo senso crítico encontrar saída;  
Simples caminhos pelo chão da vida  
A destrinchar as situações limite  
Que bloqueiam a vida sem ninguém sentir,  
Opondo o ser a seu próprio existir.  
No tempo-lugar reflexo e não dado  
Co’o saber de experiência o aprendido:  
Novo é o problema superado indo  
E alegremiando o bem viver surgindo.*

Como forma de materializar uma proposição programática para uma proposta sem uma construção rígida, apontávamos para algumas dimensões orientadoras. Inicialmente pautávamos o próprio curso, os desafios da educação popular nesse tempo-lugar e seus possíveis atos de superação, a estrutura, a duração, o processo de formação e sua importância como estratégia pedagógica e política no momento em que vivemos.

O perfil desejado para o (a) educador(a) como gestor(a) de conhecimentos e animador(a) de processo; mediador(a) de aprendizagens em sua relação com os educandos(as);

potencializador de diálogos entre educandos(as) e seus territórios de atuação e possibilidade de se constituir sujeito no exercício da criatividade.



No processo pedagógico no qual propôs-se reafirmar o círculo de cultura como fio condutor em diálogo polifônico com invenções das experiências cearenses\potiguares como a cenopoesia, a Feira do Soma Sempre, o Corredor de Cuidado, entre outros. Nesse caminho propúnhamos ainda, considerar o espaço de trabalho como processo de pesquisa (do próprio existir, das possibilidades de reinvenção das práticas cotidianas, da organização e gestão dos processos de trabalho, e da vida coletiva), criador e observador de inovações pedagógicas e metodológicas incluindo seus desdobramentos na vida prática dos educandos(as) e no âmbito dos territórios onde atuam.

O trabalho de campo na perspectiva do grupo de animadores(as) seria estratégia estruturante do processo para educandos(as) e educadores(as) e deveria potencializar a prática de elaboração e exercício de projetos em equipes buscando animar o educando(a) no sentido de fazê-lo(la) perceber/re-descobrir não apenas o que sabe, mas também aprender/fazer o que não sabe, não experimentou a partir do território.

Em todas as edições, a leitura dos materiais tem sido um dos aspectos considerados fundamentais no processo vivido na formação seja em estratégias de leitura coletiva em sala, ou na leitura individual como prazer de casa, como suporte para ampliar a reflexão, construir novos conhecimentos e cujo registro em linguagens diversas foi sempre estimulado como estratégia de produção compartilhada de conhecimentos e do auto reconhecimento da autoralidade dos educadores(as).

## **Do Grupo, dos afetos e ações cooperativas em rede**

Diante desse contexto introdutório, trazemos a recuperação do vivido nesse momento inicial, por meio das narrativas dos sujeitos educandos(as)/educadores(as) que permaneceram e assumiram as turmas nos 12 municípios da terceira edição e nos quatro municípios da segunda.

Um conto que reconta, cantando e encantando os fazeres de cuidado com outras e o outros viventes. (José Soares).

*Peço licença pra fazer uma ciranda  
Improvizada pra minha história contar  
O que aprendi durante a Oficina  
E como foi na hora de atuar*

*Nosso papel de eterno aprendiz  
Muito condiz com quem queira ensinar  
Compartilhar a nossa sabedoria  
Com a alegria da Educação Popular  
(Duda Quadros)*

A semana de formação para educadoras e educadores do EdPopSus, foi um momento de muita beleza e riqueza. Profundas emoções e reflexões. Nos animou e trouxe esperança de que as coisas ainda têm jeito.

Iniciamos mais uma jornada em busca do inédito viável: EDPOPSUS. Tateando caminhos, inventando métodos, caçando jeitos, criando formas e maneiras singulares de se fazer/viver e, portanto, ser em/na educação popular em saúde. Uma semana foi pouco e muito, ao mesmo tempo. Pouco pela escassez do tempo e do que deixamos de compartilhar e muito por tamanha vontade e disponibilidade de todos os presentes em

construir e trocar experiências. Foi intenso, potente e desafiador. Assim vejo a educação popular em saúde. Intenção, potência e desafios.

No que se refere às abordagens metodológicas, o uso de novas estratégias sugeria a busca pelo novo, pelo encantamento de surpreender de afetos, de integrar na grande roda que move os sentimentos. Foram momentos agradabilíssimos de construção humana e democrática de diversos saberes e a partilha de experiências enriquecedoras que envolveu o laço afetivo entre educadores(as) e formadores(as), criando um vínculo amoroso e harmonioso que proporcionou vivenciar a educação popular na sua forma mais bonita de ser. Em cada encontro se percebia claramente a prática da amorosidade, do cuidado e respeito com o (a) outro(a).

Todos os momentos foram iniciados com atividades de acolhimento com linguagens artísticas/culturais como cantigas populares, cirandas e capoeira, na perspectiva de criar um ambiente acolhedor com significado de educação popular.

A técnica do cochicho propôs a divisão do grupo em duplas para que estas pudessem conversar entre si e conhecer melhor a identidade de cada um(a), sua formação e atuação no Edpopsus. Após esse momento cada integrante da dupla foi orientado(a) a apresentar seu parceiro(a) ao grupo gerando laços de afetividade e amorosidade entre todos.

Nos marcou profundamente o acolhimento de cada uma das pessoas que organizaram o evento. O modo carinhoso, amoroso, inspirador, respeitoso, dinâmico, criativo, potente e sobretudo humilde. Ali não havia imposição de saberes, mas a experimentação genuína da construção coletiva do aprendizado um laboratório de transformação ancorado na educação popular.

## **O Corredor do Cuidado**

*Escuta, escuta o outro a outra já vem,  
Escuta, acolhe cuidar do outro faz bem.  
Cuidar do outro é cuidar de mim,  
Cuidar de mim é cuidar do mundo. (Ray Lima)*



Fomos acolhidos no Corredor do Cuidado, vivência inspirada no túnel da quadrilha junina, mas reinventado como espaço de cuidar e ser cuidado ao gosto do freguês, amolengados, chamegos, cafunés, bênçãos, benzeduras, energias, sons, cheiros, amorosidade e respeito que é bom e todos gostam. Todos se permitiram cuidar e ser cuidados(as); acolher e ser acolhidos(as). De olhos fechados e corações abertos, abraçados e abrasados por um coletivo de pessoas confiantes e confiadas, companheiros e companheiras de trajetória planetária. Foi um encontro de energias e de vidas que pulsavam rumo a um desafio para o bem comum e para a transformação social, que é o desafio de espalhar educação popular e saúde por vários cantos e, assim, contribuir para a emancipação de sujeitos nos diversos, singulares e multifacetados territórios. No final o corredor vira uma grande roda ou espiral que nos permite refletir sobre a relação não apenas com os seres humanos, mas, com o planeta e o universo.

***“ somos um círculo dentro de um círculo sem início e sem fim”***

A vivência do corredor parece ter trazido à tona aspectos das histórias de vida que foram ressignificados pela potência dos afetos e do coletivo:

*...Quando vivenciamos o Corredor do Cuidado, fiquei muito emocionada, senti energia, amor, afeto e vida pulsando. Me senti amada e cuidada por amigos e amigas, mas também por pessoas que nunca haviam me visto antes. Minha vida pessoal não estava nada fácil... Finalização de uma dissertação com criança pequena, o desemprego e o luto da perda da minha mãe... foi um momento de muita emoção...foi muito bom ser cuidada, mas também foi muito bom cuidar.*



*... o Corredor do Cuidado provocou-me um reencontro com meu próprio eu. Naquele dia senti-me acolhido, aconchegado, cuidado e sobretudo cativado a se doar por inteiro ao processo.*

O corredor do cuidado na acolhida é sempre renovador e recriado. Talvez, fosse importante que, ao final desta vivência, pudéssemos expressar de forma mais inteira o que



sentimos. A permeabilidade da arte, da música, da alegria o simbolismo do renascimento, da acolhida de quem renasce.

Sempre falamos de como nos sentimos bem, porque realmente é muito forte, mas alguns incômodos que vêm, visto a sociedade em que estamos inseridas ser cada vez mais, uma experiência de distanciamento do sensível e imersão no virtual e no racional, necessitam ser levados em conta.

Ao mesmo tempo, o cuidado com a organização do ambiente, com a musicalidade isso tudo foi fundamental para que se promovesse uma harmonização energética no grupo participante.

## **Das trilhas metodológicas**

O percurso metodológico ancorado especialmente nos círculos de cultura, propunha-se a relacionar os saberes prévios dos educadores(as) com os eixos e temas do curso, propiciando a problematização destes, a partir de narrativas, músicas, poesias e outras linguagens, mediadas por palavras e questões problematizadoras além da imersão nos textos do curso sempre vislumbrando a construção coletiva e a possibilidade das produções se constituírem instrumentos pedagógicos a serem usados nos territórios onde atuariam.

A dádiva do saber ensina, “aquele que aprende, ensina”. Assim fala um dito popular nas comunidades tradicionais africanas, sobre aprender e ensinar. A metodologia trouxe reflexões e memórias sobre movimentos que ajudaram a construir a ANEPS no Ceará como o movimento Escambo e movimentos populares do Bairro Pici em Fortaleza como o

Espaço Cultural Frei Tito de Alencar - ESCUTA que realizava Círculos de Culturas Brincantes nas escolas públicas do bairro.

O traçado pedagógico e metodológico durante os encontros, nos fez trabalhar a integralidade, longitudinalidade do cuidado, compreendendo os sujeitos em suas várias dimensões, apontando estratégias capazes de produzir novos sentidos, estando os sujeitos, protagonizados na construção compartilhada dos saberes.

Participar e vivenciar as imersões guiadas por uma metodologia aberta, no sentido de que os educadores(as) tinham sua liberdade respeitada para se posicionar foi fundamental para a construção de possibilidades coletivas. A cada dia fomos motivados a criar coletivamente nas equipes e produzir reflexões individuais. O processo metodológico nos fortaleceu no sentido de podermos expressar nossas criatividade, experiências anteriores e desejos, fazendo atividades em grupo, contribuindo com o que sabíamos fazer e ao mesmo tempo recebendo do outro e da outra, suas contribuições valiosas e necessárias transformando nosso repertório com os saberes dos novos educadores(as) presentes no curso em suas singularidades, diversidade artístico-cultural e valores humanos.

A disponibilidade da coordenação, apoios, educadores(as), convidados, para construir uma unidade, diante da diversidade foi um aspecto marcante. Diversidade de idade, gênero, cor, religião. Diversidade de pensamento, práticas, desejos. Diversos, pois diferentes. Diferentes, pois iguais, mesmo nas nossas aparentes discrepâncias. Somos diferentes sim e é isso que nos faz uno, universo, verso.

A escuta, o silêncio e o equilíbrio entre os dois tudo no seu tempo. Sem muita ordem, sem muita regra. Escutar o silêncio, o barulho, o corpo, o juízo, foi exercício de todos os dias na formação. Escutar para dialogar. Nesse contexto a alteridade surge como outra palavra provocadora. Saber me ver no outro, para poder me ver no mundo. Distantes da autoridade. Alteridade para sermos mais e melhor. Diferentes e semelhantes. As metodologias propostas e a interação entre os participantes revelaram a potência da comunhão, do comum, da comunidade. Alteridade na veia. Respeito e proposição, ação e reflexão, todos dançando na mesma melodia, no mesmo compasso, na mesma vibração. A efervescência dos diálogos entre o grupo, a apresentação do “ponto de vista” de cada ator/atriz presente, as ideias, os contextos das experiências nas trajetórias de vida de cada educador(a) direcionadas aos princípios da Educação Popular (EP), tornou o encontro ainda mais rico, pois, a oferta do saber, o receber da oferta, as trocas de experiências, o compartilhamento das expectativas, o ouvir, e o olhar, trouxe da forma mais bela e humana a solidariedade no convívio com os demais educadores(as) nos momentos realizados.

A roda constituiu-se espaço de fruição dessas artes, método e teoria que horizontaliza sem perder de vista as especificidades e singularidades de cada um. Círculos de Cultura que descentralizam o saber maior e põem, nesta mesma roda, as cartas/tarjetas desnudas do olho no olho, aqui e agora. A escuta como caminho desse criar e o diálogo como possibilidade de compartilhamentos, expansão, perpetuação de energias e experiências no trilhar de novas perspectivas pedagógicas de se fazer educação popular em saúde.

Desta forma, não negamos nenhuma tecnologia, meio de informação, ou forma de comunicação. Necessitamos sim, desses meios de comunicação para ajudar e facilitar nossos trabalhos, mas também precisamos da originalidade das conversas olho no olho, daquilo que parece a coisa mais antiga do mundo e se revela a coisa mais nova do mundo. A roda é lugar de comunicação profunda. Na educação popular não podemos abdicar dos nossos rituais de comunicação que aprendemos com nossos ancestrais do sertão aos litorais.

Seguindo na corrente de uma metodologia libertadora, o caminho orientado foi que todos pudessem se permitir dialogar, ouvir para questionar, se posicionar, enfim, problematizar os fatos, acontecimentos, pensamentos, realidades e vislumbrar o esperançar para um mundo melhor, justo, com práticas sociais capazes de transformar realidades, práticas ancoradas na perspectiva de um fazer com o outro e para o outro.

Dessa forma, as ações que vivenciamos, levantaram provocações sobre que elementos ou recursos presentes nos territórios podemos acessar e que podem dar visibilidade às ações de cuidado em saúde? Em que momento de nosso cotidiano podemos implementá-los? Quais as situações limite?

A Oficina de Formação, representou também uma etapa ainda do processo seletivo de educadores, mas o que poderia ser compreendido como competição, logo se fez adjunto, ajuntamento, mutirão, “o junto e com” de saberes, sabores da educação popular, do litoral, serra e sertão. Inicialmente a ideia de estarmos sendo avaliados não nos deixou muito à vontade, mas os facilitadores em nenhum momento fizeram menção a essa questão, o que nos tranquilizou e nos deixou livres para vivenciar o momento simplesmente buscando aprender o máximo possível como educadores(as) populares. A cenopoesia, esta multimisturança de canto, encanto, dança, atrizes, atores, atos teatrando nos espaços cheios (vazios não) entrou nos atando aos fios dos desafios da educação popular, problematizando, poemmatizando a educação popular. A cenopoesia possibilita quebra de protocolos, dormências, anima a proto-cooperação, ajuda a que se faça saúde brincando, sem brincar de fazer saúde, dinâmica atraente e reflexiva e já incorporada em nossas práxis no território.

## Da cenopoesia em sua relação com a educação popular



O que é essa linguagem? E enquanto linguagem de educação popular como se propôs a transversalizar o processo metodológico?

A poesia é a língua e a cenopoesia a linguagem que de interação em interação a vida abarca uma extensão infinda.

Na encruzilhada dos becos dialógicos, no entre si dos seres, de cada um consigo mesmo e ou com o outro seguimos aprendendo, porém, nem sempre reconhecendo e pondo em ação o que sabemos.

Em sua relação com a educação popular a cenopoesia vai buscar no repertório humano o ponto de encontro dos atores-sujeitos a imergir em processos de aprendizagens pela interação e problematização do existir, levando-os à própria reinvenção enquanto universo singular, sensível e inteligente, capaz de recriar-se a si mesmo e influir na mudança do outro ao cooperar, interagir para valer.



A partir dessa interação nos ligamos uns aos outros por meio de linguagens que trazem à tona os afetos e as experiências vividas e aprendidas em forma de repertórios os mais diversos, marcando as identidades muito próprias de cada sujeito. Daí, podemos chegar à recriação de nós mesmos e à gestão dos nossos mundos, tendo como consequência natural a construção dos tempos e sujeitos coletivos.

Nossas vivências cenopoéticas, estudos e atos se desafiam a fazer a liga entre os mundos de dentro e entre estes e os mundos de fora, tecendo redes interpessoais e intramundos a partir dos repertórios humanos enriquecidos a cada relação. O repertório humano está para a pessoa como as águas estão para os rios no dizer de Heráclito, ou seja, “Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, porque tanto a água como o homem mudam incessantemente.”

A cada relação que se dá a pessoa se reconfigura. Todos possuímos um repertório imenso e sempre renovado a cada interação que fazemos com outrem, reconhecendo-o ou não, colocando-o ou não à prova no percurso da existência.

Na educação popular isso tem um significado, um valor importantíssimo quando nos propomos a ser sujeitos de transformação e gestores permanentes de nós mesmos e dos mundos que assumimos como nossos.

## Abordagens metodológicas, seus papéis, sua importância

### A Feira do Soma Sempre

Quem vai à Feira do Soma Sempre deve ter em mente que na vida (sistema livre, fluido em rede-roda aberta) nada se perde, onde ninguém prospera sozinho “parado esperando a morte chegar.” Ali ou aqui ninguém espera, conquanto tudo se espera do encontro com o outro. Cada um age e interage o tempo todo no sentido de construir novas possibilidades de ser e agir (com outros), em busca de novo ser e ser de novo enriquecido, recriado, seja em sua organização, no trabalho, na escola; seja na praia, na igreja, no estádio, na praça, no campo ou na cidade.

Quando uma prática vira experiência e, por sua vez, esta se transforma em conhecimento, em saber, significa que mais do que atores nos tornamos também autores do processo da vida e da história humana que expande para além de nós no tempo-espaço das relações que nos metemos. Por isso, acreditando que todos somos portadores de experiência e saber, do mesmo modo temos algo a oferecer e a receber do mundo, de outrem.

Sendo assim, ninguém é pobre o bastante para nada ofertar, como ninguém é rico suficientemente para abnegar. Em outras palavras, ninguém absolutamente se basta a si mesmo que independa do convívio ou da interação com o(s) outro(s). A autossuficiência, a penúria, a indiferença e a indisposição não cabem como produto ou valor de escambo na Feira do Soma Sempre e produção do comum. Aqui e lá sempre há o que se apreender, o que dar e receber. (Lima, Ray. Trecho de FEIRA DO SOMA SEMPRE E A PRODUÇÃO DO COMUM. [www.cenopoesiadosbrasil.blogspot.com](http://www.cenopoesiadosbrasil.blogspot.com)).

*Somar o bem com a rima  
Logo vira verso e poesia  
Esta matemática de prosa  
Se torna em matéria prima  
Cada imagem é uma rosa  
Um olhar que nos anima  
Uma fonte hiper dadivosa  
Pura como água cristalina  
Somar o bem é meta laboriosa  
Para cumprir nossa sina!!! (Elias J.Silva)*

Na Feira do Soma, sempre se soma, se divide, se multiplica, jamais se subtrai. Sabedoria quanto mais é doada mais se tem. No ato de educar mais se aprende. Os educandos(as)-

educadores(as) armaram suas barracas sem fazer barraco numa boniteza de escambo de saberes. Como se começa a comer pela vista, tudo foi ornamentado e preparado para fazer gosto. Um passeio socrático por este mercado da educação popular.



Tivemos várias contribuições de saberes diferentes por cada educador(as), pois foram divididos quatro subgrupos, e cada subgrupo trabalhou uma temática diferente. Os educandos(as) se revejavam entre si em seu grupo para visitar as outras apresentações dos outros grupos e anotavam as informações da temática dos grupos que estavam se apresentando, onde os participantes realizavam uma sistematização de cada grupo acerca da temática trabalhada. Depois retornavam para a sua tenda de apresentação e disponibilizavam tempo para os que não haviam visitado os outros grupos. Cada grupo compartilhou com os demais, elementos levantados a partir de suas leituras, experiências e discussões acerca do tema de sua responsabilidade e assim os grupos puderam acrescentar uns aos outros no movimento da feira e do movimento final de partilha de reflexões acerca da organização de cada “barraca” realizada pelo próprio grupo e pelos demais. Portanto, a Feira do Soma Sempre foi uma troca mútua de saberes diferentes e inovadores compartilhados, onde cada educador(a) pode contribuir com a sua parcela na apresentação da mesma e dialogar com os outros grupos sobre as temáticas que apresentavam.

Dessa forma pudemos imergir numa teia de saberes em que a multiplicidades de vozes e imagens tomavam conta do espaço. Em cada tenda, intercâmbios, diálogos, interação. A cada encontro a aprendizagem florescia e a doação estava ali, livre pra quem quisesse agarrar, sentir, se empoderar, se lambuzar de cada pouquinho compartilhado pelos companheiros(as). Assim, as contribuições de cada educador(a) transformaram de fato, os momentos em uma Feira do Soma Sempre, em que, sem preço, peso e nem medida, o saber, é sempre mútuo. Uma percepção inédita e uma vivência relevante e enriquecedora, pois é na partilha dos saberes vivenciados que aprendemos mais e mais. Foi inovador, uma verdadeira provocação, apresentar ou dizer o que sentimos e vemos em nós e nos outros o sentimento de mudança acontecendo. Esta percepção em ação diante das situações encontradas no dia a dia das populações é propiciadora de possíveis pequenas e grandes transformações.



As políticas de promoção da equidade foram evocadas e as populações que sofrem com as iniquidades fizeram-se presentes nas representações artísticas que atraíram os feirantes para o exercício de ação-reflexão-ação a partir dos eixos do Edpopsus: Estado e controle social; populações indígenas, quilombola e negra; populações LGBT e de populações de rua; campo, floresta e águas.

A polifonia cenopoética, a exemplo das feiras populares, propiciou diálogos entre a música, poesia, cartilhas, teatro de mamulengos (ou mão molenga?), PICs, pic-nic (guisado), c.a.f.é (ciência, arte, filosofia e espiritualidade acentuada, ervas que temperam, que acalmam, alimentam, mezinhas que aliviam a (o)pressão, terapeutas, rezadeiras, homeopatas populares, rádio e tv participativas, (democratização das comunicações?), pessoas em Estado de participação (mas o estado é nosso?), território vivo, memória e identidade, promoção da saúde, promoção da equidade, tecnologias leves, energias sutis.

A Feira do Soma repercutiu nos territórios por onde o EdpopSUS adentrou. Em Quixadá, tem propiciado a conexão com o outro, esse movimento de ensino aprendizagem que se faz contínuo valorizando a partilha, possibilitando trazer os territórios para dentro da sala

de aula, e promover o diálogo com seus atores, na tentativa de conhecer suas histórias, preservar suas memórias e ressignificar sua trajetória.

Vamos fazer a nossa feira da Educação Popular em Craterdam (Crato dos artistas e dos sonhadores que não sonham só, de sonhação a vida é feita), no Cratinho de açúcar, cidade da feira mais famosa do Ceará. A safra promete!!! Temos percebido uma onda do Soma Sempre, quando temos nos permitido vivenciar a quebra de “tabus” a partir do diálogo, apresentando outro significado para alguns pensamentos engessados entre os profissionais. Isso é algo rico na construção do saber coletivo onde cada um(uma) dialoga com o seu diferencial, seu potencial, sua vivência, seu costume o seu situar de mundo assumindo o protagonismo do processo educativo.



*Agora digo das coisas que  
vêm à tona  
Feira do SOMA é da mais  
forte expressões  
Pois soma SEMPRE, facilita e  
apaixona  
Compartilhando saberes,  
compreensões  
(Duda Quadros)*

### **Do círculo de cultura como estratégia pedagógica e de reinvenção das práticas de vida no cotidiano**

Os círculos de cultura foi a grande sacada de Paulo Freire, estratégia que o possibilitou - a partir da investigação do universo vocabular, identificação das palavras-chaves, tematização e problematização, questionar o senso comum, debater princípios éticos, exercitar seu próprio pensar-agir como educador e, por meio da ação-reflexão-ação, instalar-se dialogicamente e de forma horizontal, resguardando seu papel de educador(a) entre camponeses, operários, domésticas e jovens universitários em tempos de exceção. A partir da escuta e observação das diferentes e ricas histórias de vida, expressões culturais, credos, ideologias, linguagens, contradições, potencialidades, situações limite, desejos, etc., operando criticamente o desnudamente coletivo dos entraves da vida em

comunidade, construindo lugares de problematização dos rituais da vida cotidiana, arquitetando espaços comuns de entendimento humano e sonhações aos inéditos viáveis. Com Freire, ficou evidente a ideia de que não se negocia princípios, embora as estratégias possamos adequá-las às exigências de cada situação, tempo, lugar, contexto.

*“Universo a investigar  
Vocabulário do mundo  
Tematizando o falar  
Esse círculo de cultura  
O meu juízo mistura  
Buscando sintetizar”  
(Rafael Rolim)*

O exercício do Círculo de Cultura iniciado com Cenopoesia e tendo como ponto de partida as falas de Alcides Miranda (em vídeo) e de Gislei Siqueira versando sobre o Estado produziu uma conversa muito rica que percorreu por críticas ao Estado, quando este não representa os anseios das classes populares e se utiliza de estratégias perversas para garantir os interesses dos mais ricos, em detrimento dos direitos sociais e dos programas que atendem aos mais pobres.

O nosso universo vocabular expresso por palavras geradoras nos aproximou dos territórios, gerando temas, problematizações e soluções possíveis para a construção do inédito viável em um mundo ainda sendo, em territórios complexos tecidos por muitos diversos.

A problematização nos ajudou a refletir que, se a participação social não for fortalecida, teremos a perda de muitos direitos já duramente conquistados.

*“Essa ideologia cega feito miopia; cegueira de consciência fortalece a apatia”, Cleilton Paz.*

As sínteses criativas sob a forma de esquetes teatrais e outras linguagens nos instigaram a Ser Mais e lutar para construir o Inédito Viável, nos mostrando que mesmo com tanta solidão, tristeza, desilusão, corrupção é possível lutar por tempos melhores.

Destarte, assimilamos os círculos de cultura como estratégicos e presentificados no nosso planejamento e caminhar metodológico.

## **Contribuições das artes no processo metodológico**

Por fim, as artes. Artes de fazer, de saber, de ser. Artimanhas, artefatos, artifícios, artesanaria. Espaço garantido para o devir, a criação, foi a formação. Criar jeitos e trejeitos

de se fazer saúde e educação, populares. Muita arte pulsou naquela semana, quanta beleza nas poesias, músicas, falas, rodas, danças, trazendo reflexões e sentimentos de luz, vida e pertença, nos fazendo perceber que a sociedade fica mais linda e leve se regada com arte. A arte agrega, transforma, embeleza a vida, a rua, o coração. Nos ajuda a superar as mágoas, tristezas, rancores e desilusões.



A música costurando tecidos e poesias de ordem. A poesia alinhavando retalhos de sonhos e sonhações. As cirandas a circular em vibrações e histórias cantadas de além-mar, terra e ar. Tintas, cores, linhas, papéis, tesouras, pincéis, a deflagrarem processos de vida e de arte. O corpo como morada da força criadora e transformadora.

A arte no seu berço esplêndido, na sua morada, o corpo nosso de cada dia. As vivências cenopoéticas propiciando a construção de estandartes com o mapa a agregar e apresentar elementos marcantes de cada município considerando as discussões acerca de território.

### **Materiais pedagógicos e sua relação com os caminhos metodológicos percorridos**

O caminho metodológico e os materiais pedagógicos estão intrinsecamente ligados. A forma como foram utilizados, deu leveza ao processo formativo, meio pelo qual se vestiu do lúdico e se revestiu de uma linguagem compreensível tornando o ambiente agradável, interativo com os demais atores e atrizes presentes facilitando a construção dos conhecimentos por meio de uma aprendizagem significativa. No geral, potencializaram a

reflexão crítica, a dialogicidade, nos conduzindo, como diz Paulo Freire, ao rigor da pesquisa. Nesse sentido, os materiais pedagógicos (e andragógicos) e o suporte da equipe de coordenação (vigor e ternura!), propiciaram repertórios diversificados, criativos e que inspiraram muito das trocas e partilhas realizadas posteriormente em sala de aula com os educandos(as).

Contribuíram para o desenvolvimento das criações coletivas e individuais e trouxeram mais elementos, enriquecendo os conteúdos propostos no material de apoio do curso. Desse modo, além do kit de curso do EDPOPSUS, o II Caderno de Educação Popular em Saúde, o livro Campo, Floresta e Águas, textos impressos como Pacientes Impacientes: Paulo Freire, de Ricardo Ceccim, além de textos do próprio Paulo Freire como As virtudes do educador e Carta Aberta a Educadoras e Educadores, nos ajudaram a refletir sobre a educação popular e suas abordagens metodológicas.

### **Do Grupo – potencialização do trabalho em rede e a força dos afetos e ações cooperativas**

A metodologia ancorada no diálogo aberto, com um direcionamento já traçado para alcançar e guiar as discussões dentro de um contexto concreto nas temáticas abordadas proporcionou uma rica interação com os educadores(as) e conseqüentemente o prazer de conhecer um pouco da experiência que cada um/uma trouxe para expor no coletivo. Assim a interação entre grupo com o grupo e com as pessoas que estavam coordenando os momentos da formação fluiu com muita naturalidade e a metodologia propiciou a troca de saberes e os compartilhamentos de ideias e vivências para que pudessemos caminhar em nossos espaços e territórios de atuação e trabalho se constituindo importante elemento de aprendizagem por instigar o desejo de conhecer e vivenciar a cultura e as tradições de nosso estado.

Em todos os momentos vividos na formação vibrou a energia do compartilhar. Compartilhar abraços, sorrisos, amorosidades, diálogos, conhecimentos, experiências, saberes e fazeres somando um ao outro, tal qual a Feira do Soma Sempre.

A intensidade da participação não pode ser o nosso único termômetro. Não medimos o que vivemos por aparelhos precisos. Somos imprecisos e até imensuráveis. Medimos o que vivemos por meio de sínteses criativas, cantigas de roda, cordéis encantados, mandalas místicas e de muita, muita mesmo, alegria e disposição. Essa é a nossa medida.

Compartilhar saberes diferentes e dialogar com pessoas com pensamentos diferentes foi gratificante, pois na partilha destas ideias surgem novas transformações no saber fazer e ser enriquecendo a formação na educação popular.



O aprendizado no que diz respeito a habilidade de reconduzir as discussões e produções para o coletivo, é um ponto que merece atenção dos educadores(as) de modo que os(as) educandos(as) tenham a oportunidade de participar efetivamente das discussões e produções nos encontros.

Encontrar, reencontrar pessoas que fazem a opção de viver na prática diária, o compartilhamento de seus saberes e de suas energias do bem no cotidiano de suas vidas nos ajuda a esperar, a vislumbrar um mundo melhor. No entanto poderia ter sido enriquecida com uma maior variação dos grupos na realização das atividades, de forma que a diversidade de aprendizados e aproximações entre educadores(as).

Quando se cria e se pensa momentos como a Feira do Soma, Círculo de Cultura, rodas de conversas, envolvendo participantes e convidados que trazem histórias de luta, resistência e doação à causas e sonhos coletivos, a interação, os saberes e conhecimentos se renovam e os laços se fortalecem. É como plantar uma rosa, em que é preciso regar e cuidar.

## **Dos temas e conteúdos trabalhados**

Considerando o exíguo tempo, os conteúdos temáticos foram trabalhados partindo do conjunto de saberes, experiências e instrumentos metodológicos disponibilizados pelos atores e atrizes envolvidos com a proposição de fazer conexões com os eixos e temas de forma a construir uma relação dialógica com o que está posto visto não como conteúdo pronto, mas inacabado. Dessa forma, o domínio passar a ser de todos e todas no fazimento do curso.

Nesta perspectiva, foram organizados blocos temáticos agregando os seis eixos do curso e seus temas centrais.

*Pra começo de conversa  
Precisamos combinar  
O cordel é a linguagem  
Que agora vai falar  
Mas sabendo que respeito  
De todos é um direito  
Já podemos começar?  
Começo com o Eixo Um  
A construção da gestão  
Que é participativa  
Preza a comunicação  
Dá valor a experiência  
Processo de convivência  
Condutor da educação  
(Rafael Rolim)*

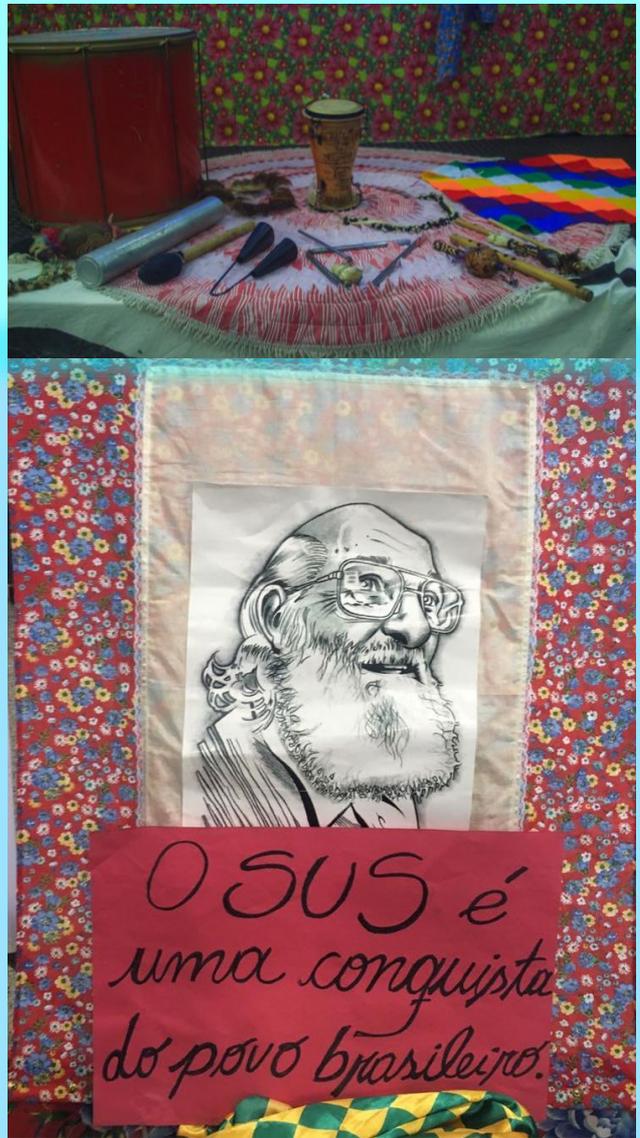
O bloco inicial com o tema O Estado e a atual conjuntura: reflexões sobre a possibilidade de construir inéditos viáveis, foi trabalhado com a abordagem do círculo de cultura partindo de vídeo depoimento de Alcides Miranda – UFRGS e de reflexões iniciais da apoiadora nacional, Gislei Siqueira. A problematização se fez considerando questões norteadoras como: Em que medida o contexto atual brasileiro me afeta? Que aproximações percebemos nos espaços/movimentos em que temos atuado com as questões levantadas? Que possibilidades de construção de superações percebemos a partir desse processo?

O tema da conjuntura atual e a função da educação popular neste contexto contou com a provocação em vídeo de um educador que pontuou sobre a situação em que se encontra o país, exemplificando mais fortemente o

desmonte do SUS, com o papel da educação popular, sempre deixada a segundo plano pelos militantes, pesquisadores e profissionais do SUS, especialmente os gestores. Reavivar esta discussão, aprofundando-a, foi de extrema importância para os(as) educadores(as) que precisam reforçar este contexto em sala de aula. Como diria Freire, a nós trabalhadores, que vivenciamos a opressão cotidianamente, a estrutura que nos molda é sempre velada, o que dificulta a compreensão do todo, da interação entre nossa realidade e o que está posto a nível macro (FREIRE, 1987).

O segundo bloco agregou os eixos V e III, sob o tema Participação, Direitos Sociais e Promoção da Equidade em Saúde: desafios e possibilidades de efetivação e fortalecimento das políticas inclusivas frente ao contexto atual e o caminho pedagógico escolhido foi a Feira do Soma Sempre.

*Do dois eu passo pro três*



*E vou seguindo o caminho  
Pra falar de Equidade  
Eixo que tenho carinho  
Direito e diversidade  
Justiça e necessidade  
Saiba, não estás sozinho  
Tem índios e camponeses  
Quilombolas e sertanejos  
Os negros discriminados  
Tolhidos nos seus desejos  
E tem o povo da rua  
Que ainda continua  
Sem plateia e sem cortejos  
Sem falar dos travestis  
Gays e homossexuais  
Dos transgêneros e das lésbicas  
Suas lutas sociais  
Vivendo no preconceito  
Lutado por um direito  
Taxados de anormais  
Vejamos nossas culturas  
Toda sua diversidade  
Diferente, viva e fértil  
Descartemos a maldade  
Abandonem o machismo  
Esqueçamos do racismo  
Viva a sensibilidade  
(Rafael Rolim)*

A busca por equidade, participação, gestão compartilhada e saberes populares são temas que nos nutre de desejos de mudanças e transformação. Um provérbio africano fala: “Se queres ir rápido vá sozinho, mas se queres ir longe vá acompanhado”, trabalhar essas temáticas é fazer a opção política e ética de que muitas vezes é preciso caminhar lentamente, com calma e paciência para esperar o entendimento do outro e da outra, mas com a certeza de que vamos chegar em níveis de apropriação de saberes e conhecimento das coisas da vida, das relações humanas muito mais e melhor do que se estivéssemos sozinhos.

*Aqui eu peço licença  
Vou falar uma verdade*

*Que vem lá do invisível  
Lá da espiritualidade  
Nos ajudando a pensar  
A educação popular  
Para além da realidade  
(Rafael Rolim)*

Nas discussões pudemos apontar alguns desafios que se põem a nós como educadores(as) neste contexto, especialmente o conservadorismo. Em grupo, trouxemos algumas situações que nos levam a crer que é necessário um amplo diálogo com as pessoas oriundas das religiões evangélicas. Inclusive, entre os (as) educadores(as). [...] o grupo conseguiu traduzir a discussão num telejornal. A criatividade, mais uma vez, parece ser uma de nossas potências para tal.

*Sabemos que somos frutos  
De tudo o que vivemos  
Daquilo que nós olhamos  
De tudo que nós comemos  
Mas temos que refletir  
Pra saber pra onde ir  
Pra saber pra onde rememos  
Remar é tarefa boa  
Desde que tenha noção  
Pra saber aonde vai  
Decidir se vai ou não  
Nem tudo que brilha é ouro  
Nem toda arca é tesouro  
Sonho bom é sonhação!  
Ação de fazer fazendo  
Na arte de pelejar  
Brincando com o pensamento  
Na tradição de inventar  
O real e fantasia  
É o amor e alegria  
Cuidando de se abraçar  
A arte é infinitude  
Política e economia  
Cultura, processo e prática  
Uma metodologia  
Que pode nos ajudar*

*Há um dia superar  
Tanta da hipocrisia  
(Rafael Rolim)*

Foi uma verdadeira construção coletiva, revolução de saber. Essas discussões foram muito importantes para compreendermos o valor dos movimentos sociais comprometidos com as mudanças e garantias dos direitos no país, suas conquistas e o quanto são necessárias as organizações nos espaços de trabalho em busca dos direitos de cidadania.

*E do Eixo cinco, agora,  
É dele que vou falar  
E qual é a diferença  
Me diga, você que pensa  
Entre povo e popular?  
Participar é direito  
Garantido ao cidadão  
Imigrante europeu  
Ou aqui dessa nação  
Todos podem militar  
Pra melhor se organizar  
Se livrando da opressão  
Veja o MST  
Ensinando e lutando  
Vivendo da sua força  
Terra reivindicando  
Pois o ato de lutar  
Agir, se organizar  
Termina conscientizando  
Porém temos que atentar  
Para as forças do poder  
Das mídias e seus mandados  
Que nos querem acometer  
Da dor da ignorância  
E nos manter a distância  
Do direito de saber  
Saber do nosso País  
Saber do nosso destino  
Lutar por nossas reformas  
Lutar por nossos meninos  
Dizer não aos privatistas  
E aos oportunistas  
Que só querem o ouro fino*

*Vamos defender o SUS  
E toda sua tradição  
Que apesar de recente  
Já sofre espoliação  
É o desfinanciamento  
Subfinanciamento  
Tal de terceirização  
Precarização do trabalho  
E do seu trabalhador  
Essa lógica do mercado  
É cruel, não tem amor  
Amor de fazer valer  
Pra todos puder dizer  
Que o SUS tem o seu valor  
Mercantilizam a vida  
E a saúde também  
As OSs só desejam  
Amealhar mais vintém  
Mas nós somos resistência  
Consciência e experiência  
Vem pra luta, bora, vem!!!  
Infelizmente amigos  
(Rafael Rolim)*

O terceiro bloco trouxe o tema: Território, lugar de História, Produção e Reprodução da Vida e agregou os eixos IV e VI, ou seja, Território e Processo Saúde-Doença. A discussão sobre território e memória foi trabalhada com a metodologia da roda de conversa com narrativas de convidados que dispararam a conversa tendo como referência duas questões centrais: As culturas existentes nos territórios e a história e a memória dos sujeitos como elementos de constituição do território e este como espaço de organização da vida, do trabalho e das lutas populares. Os convidados(as) eram provenientes dos Povos do Mar, de movimentos urbanos e movimentos do campo e trouxeram contribuições como as histórias e memórias dos territórios; as lutas e resistências das populações pelos seus direitos; as lutas dos movimentos sociais populares, especialmente o MST e outros movimentos importantes no nosso país produzindo, uma soma de forças e saberes, que aprofundaram os temas debatidos dialogando suas experiências com as discussões deixando claro o quanto necessitamos rever as histórias, lutas e conquistas do nosso povo por melhores condições de vida contadas pelas narrativas das classes dominantes,

principalmente no contexto atual, quando, por isso mesmo, essas lutas e resistências continuam justas, urgentes e necessárias.

*Eixo quatro, o da memória*

*Onde a vida acontece*

*E todo mundo merece*

*Celebrar, cantar vitória*

*Memória sem território*

*É história sem vida*

*É casa sem alicerce*

*Retaguarda sem guarida*

*É história oficial*

*Onde o povo é marginal*

*É coisa que Deus duvida*

*Memória e território*

*É sinal de autonomia*

*Onde tudo faz sentido*

*Onde a luta principia*

*Construindo resistência*

*Propagando a existência*

*Dia e noite, noite e dia*

*Um povo que não respeita*

*Memórias e tradições*

*Não reconhece de fato*

*A força das multidões*

*Nem as potencialidades*

*Dos saberes das verdades*

*Das suas manifestações*

*(Rafael Rolim)*

A presença de Elizabeth Silva do Conjunto Palmeira, e a luta daquela população por moradia e condições dignas de viver, assim como de João Paulo do MST, enriqueceu a discussão das temáticas intensificando a percepção da potencialidade das pessoas saberem como a vivência do território faz parte de suas histórias de vida. Momento vivo, emocionante. Sentimos o outro em sua luta como se estivéssemos lutando com ele e ela, ali junto.

*Escutar Beth Silva falar sobre as lutas e conquistas do Conjunto Palmeiras me deixou muito emocionada, senti um calor no peito, as lágrimas desceram, me fez recordar também minha militância no grande Jangurussu, onde eu cresci, em tamanho, idade e conhecimento, junto com Pe. Chico, Mônica, com minha mãe e meu pai, com a própria Beth, Sérgio, Lúcia, Dona Nazaré dentre outras e outros. Escutando a Rádio Comunitária, vendo e passeando no canteiro de ervas medicinais que existia no terreiro da igreja e nas*

*rodas e reuniões que aconteciam na Palhoça. Os passeios para a comunidade indígena dos Pitaguarys, em Maracanaú e as subidas na serra de Maranguape eram fantásticos. Ao ouvi-la falar tudo foi se revivendo nos meus pensamentos e me energizando. (Sávia)*

Essa troca de experiências com guardiões dos saberes tradicionais, das práticas populares de cuidado nos inspirou a convidar essas referências na região que inclusive fazem parte da história de construção da ANEPS para dialogarem com os educandos(as). Quando um dos nossos colaboradores falou sobre sua pesquisa que abordava “Memórias Coletivas”, a gente parou para ouvir e refletimos prazerosamente sobre isso.

*Assim também como foi muito lindo ouvir o Cleilton falar sobre as memórias do povo de Redonda, em Icapuí, pois venho vindo a tona minhas memórias e minha ligação com minha família de Peixe-Gordo, também em Icapuí. Também nessa hora recordei-me de minha mãe. Como as mães marcam a gente tão profundamente... (Sávia Augusta)*



*Na roda de conversa sobre territórios e memória, fui convidado a partilhar um pouco de minha experiência com a pesquisa que fiz, sobre as memórias dos povos do mar, pude contar um pouco das narrativas que colhi para dissertação do mestrado defendida em 2013. Compartilhei o conceito a que eu e a professora Ângela Linhares chegamos a partir das análises das autobiografias de homens e mulheres do mar, qual seja, territórios enquanto espaços-tempos vividos por sujeitos coletivos que, quando experienciados nas diferentes singularidades, revelam vidas que se vinculam e demarcam um lugar comum, cujas fronteiras simbólicas se fincam nas lutas e na história compartilhada (Cleilton Paz).*

As reflexões trazidas, inclusive pela coordenadora nacional do Edpopsus, Vera Joana Bornstein, também desvelam a potência do encontro em uma perspectiva revolucionária,

no qual o compartilhar vontades e saberes com o outro, pode fortalecer o compromisso do educador(a) e a sua disposição em crer na possibilidade das mudanças, na superação das dificuldades que lhe serão impostas continuamente e, sobretudo na capacidade de ver os potenciais no território para a promoção da saúde e exercício da cidadania.

*A cultura popular  
É fator primordial  
Pra entender nossa luta  
Nosso sonho, que é real  
Territórios de exclusão  
Territórios de exceção  
Não nos serve, é do mal  
Quero território vivo  
Não quero esquecimento  
Liberdade e autonomia*



*Esse é meu pertencimento  
Fora o autoritarismo  
Leve junto seu machismo  
Quero empoderamento  
E agora empoderado  
Eu quero participar  
Estamos ao fim chegando  
(Rafael Rolim)*

As reflexões sobre o território se materializaram na construção de mapas buscando refletir sobre os mesmos e visualizar um território que é vivo e está em constante construção e reconstrução, permeado por vivências, identidades, movimentos, coletivos de sujeitos, disputas,

contradições. A construção dos mapas dos territórios e seu posterior compartilhamento, também se fez com base em questões norteadoras: Em que medida os mapas revelam aspectos para a compreensão da determinação social da saúde nos territórios? Que potenciais são possíveis perceber nos territórios com base nas informações colhidas para o enfrentamento desses determinantes? Que lacunas importantes podemos evidenciar nas construções apresentadas?

Muitos mundos, muitas cidades, muitas localidades. Do Cariri, ao Sertão Central. Do litoral ao maciço do Baturité. Dos sertões a capital. Realmente imensurável. Apenas nos resta dizer o que é dizível. Do mais, foi vivido. Povos do mar, das águas, do campo, da floresta, urbanos e rurais, cosmopolitas e tradicionais, futuristas e ancestrais. Viajamos anos luz para dentro. Dentro de nós mesmos(as). Cada história contada, relatada, gerava mais um mergulho no íntimo da nossa existência. Matéria prima primordial do nosso trabalho. Vivência e experiência, sentimento e processo.



Já para o tema Cuidado em Saúde, a problematização se deu a partir do vídeo – Do corpo da Terra por meio do qual se objetivou refletir sobre a relação com o ambiente, o corpo e o processo de cuidar nos territórios.

*Protegei-nos contra quem aniquila  
O Sagrado presente na Criação  
Contra quem dá preço e não valor  
Às riquezas naturais, culturais, coletivas  
E privatiza, destrói, desmata, mata a vida  
Protegei-nos contra quem não ama o Amor  
Protegei-nos contra quem serve a outros  
senhores:*

*Dinheiro, usura, capital.*

*Altíssimo, protegei as mulheres para que não sejam mais vilipendiadas*

*Que toda a humanidade seja expressão do cuidado feminino*

*Abençoei os povos das aldeias, dos quilombos, das florestas e das cidades,*

*Que resistem e teimam  
Na retomada do equilíbrio original  
Assumindo o postulado do bem viver  
A relação cordial da comunidade de vida inerente  
À constatação de que somos  
Filhas e filhos de Deus que é Uno e Trino  
Habitamos a mesma casa comum  
Sob a qual comungamos e não apenas consumimos  
Abençoi os trabalhadores/as para que doenças e agravos  
Não sejam a pena que se paga pelo fruto do trabalho  
Abençoi a juventude, para que a atual e as futuras gerações,  
Participem integralmente do Projeto de Deus  
Para um desenvolvimento com envolvimento  
Humano, afetivo, ético e, sustentável  
Abençoi toda a diversidade e plenitude da vida  
Abençoi todas as pessoas que acreditam,  
E caminham em direção ao Reino de Deus  
Em esperança justa e solidária  
(Alex Josberto)*

Mais uma vez partiu-se de questões norteadoras: Como no nosso cotidiano acolhemos ou excluímos, visibilizamos ou invisibilizamos as diversas culturas? O que há delas em nós e que olhares sobre saúde elas trazem? O que teríamos a aprender com elas? Que outras possibilidades de textos, vídeos ou outros materiais, poderíamos buscar ofertar para aprofundar essa temática?

*Só falta o Eixo seis  
Eu sei tava demorando  
Mas a luta é intermitente  
Se alguém quebra a corrente  
Acaba desmoronando  
Por fim, tá determinado  
Que a saúde é social  
A doença também é  
Problema institucional  
Não podemos engolir  
O doutor nos oprimir  
Dizendo que é natural  
A culpa é do cidadão  
Que sofre sem ser cuidado  
Que cuida do seu vizinho*

*A revelia do Estado  
E ainda é perseguido  
Caçado, subtraído  
Ofendido e humilhado  
O cuidado é coisa séria  
Tem a ver com sentimento  
História, cultura e arte  
Tem muito conhecimento  
A lógica da produção  
Não tem lugar no vagon  
Do nosso procedimento  
Chega de iniquidades  
Eu quero emancipação  
Eu quero amorosidade  
Carinho no coração  
Eu desejo autonomia  
Distancia da hipocrisia  
Quero mais compreensão  
Quero plantas me curando  
Parteiras pra me tirar  
Do ventre esse meu menino  
Que saiba me respeitar  
Quero essa filosofia  
Que me encanta e me alivia  
Quero experienciar  
(Rafael Rolim)*

O processo formativo nos possibilitou vivenciar a reflexão, o diálogo, a inventividade por meio da arte do encontro. Possibilitou-nos exercitar a afetividade, a criatividade e autonomia como forma de potencializar práticas populares de cuidado, muitas vezes invisibilizadas nos territórios.

O quarto bloco girou em torno do eixo II e trouxe como tema: **A educação popular no processo de trabalho em saúde**. Tendo como questões centrais as práticas educativas no processo de trabalho em saúde, as diferentes concepções de educação na saúde e a importância da educação popular, mais uma vez trabalhou com o círculo de cultura como abordagem metodológica desta feita partindo da leitura de pequenos textos sobre as dimensões da educação popular e do cuidado em saúde e de questões para nortear a problematização em diálogo com as próprias experiências dos(as) educandos(as): Que

princípios e metodologias orientam minhas práticas educativas em saúde? Em que medida elas dialogam com os princípios e metodologias da educação popular? Quem são os sujeitos dessas práticas e de que forma elas transformam as situações do cotidiano? Que espaços existem no cotidiano do trabalho em saúde, para práticas educativas? Quais as possibilidades da educação popular nesses espaços?

*Agora já vou passar  
Para o Eixo segundo  
São tantos e tantos textos  
Uma hora me confundo  
Mas agora é ligeirinho  
Vou falar bem rapidinho  
Sem deixar de ser profundo*

*Da educação bancária  
À educação popular  
A saúde sempre agrega  
Não precisa higienizar  
A limpeza da cidade  
É questão de humanidade  
Pra que culpabilizar*

*Chega dessa ditadura  
De controle e ordenamento  
O povo tem seu saber  
Tem muito conhecimento  
Já basta de exploração  
Eu quero emancipação  
Construir discernimento  
Diálogos coletivos  
Superando iniquidades  
Integrando e planejando  
Sem usar de autoridade  
Veja o círculo de cultura  
Presta atenção criatura  
Escute a oralidade  
Escutar, dialogar  
Com respeito e humildade  
Refletindo sobre a prática  
Protagonizando humildade  
Veja a metodologia  
É ciência e magia*

*Ciclo da vida, verdade!  
É palavras geradoras  
Universo à investigar  
Vocabulário do mundo  
Tematizando o falar  
Esse círculo de cultura  
O meu juízo mistura  
Buscando sintetizar*

*Mas tudo tem um sentido  
Escute seus ancestrais  
Preste atenção nas culturas  
Populares, tradicionais  
Pedagogia dos saberes  
Políticas dos fazeres  
Das práticas sociais  
(Rafael Rolim)*

A Oficina de Formação ampliou a concepção de leitura das diversas realidades, nos inspirando a imergir em uma prática pedagógica ancorada na amorosidade, no protagonismo e na autonomia. Nos instigou a buscar novas leituras de mundo, sob a lente dos territórios, a aprender a contar com o outro, a fazer com o outro, saber ouvir, buscar o encontro para a cura, libertação a partir do amor, do desafio da transformação por meio da construção coletiva do conhecimento. Olhar para o outro como um ser biopsicossocial e cultural. As práticas ali experimentadas despertaram para uma educação baseada no dialogismo, na equidade, na autonomia e na liberdade. Um pensar pensante das mais diversas realidades e da pluralidade dos sujeitos envolvidos na dialética e na dinâmica da vida.

Além do mais ampliou a nossa capacidade de questionar:  
Para que serve o conhecimento?  
Para que serve o que aprendemos?  
Como praticar o que aprendemos?  
*Como encontrar a criança que fomos um dia  
Se a esclerosamos ainda nos bancos da escola?  
Como lograremos a verdade e a sabedoria?  
Só querem respostas e perguntas incomodam  
Como vamos nos proteger de toda maldição  
Se não conseguimos viver a ética da benção?  
Como curar de vez a mais cruenta das feridas  
Se não acreditamos naquela ancestral alquimia*

*Que transmuta o ferro interno em sarça ardente  
E cerramos porta e janela para o transcendente?  
Como ter opinião sobre temas que não sabemos  
Se sempre negamos tudo aquilo que não vemos?  
Como viver no relativo, a experiência do Absoluto  
Se não sentimos o Amor presente no nada do tudo?  
(Alex Josberto)*

Um ponto relevante foi o instigar a apropriação dos princípios da educação popular para que estes direcionem a prática educativa em todo o processo, em cada encontro com base neles.

Ainda nesse bloco, a discussão da PNEPS-SUS se articulou aos desafios de planejar, executar e transformar as práticas educativas na Atenção Básica e na Vigilância em Saúde com base na educação popular. A cenopoesia foi o disparador trazendo reflexões sobre as possibilidades de existência de vários mundos, de como eles coexistem nos territórios da nossa vida, que padrões de relações regem as nossas atitudes cotidianas e em que medida temos sido sujeitos protagonistas do cuidado, da amorosidade, ou da violência, da competição e em que medida isso pode ser mote de construção de uma política tendo como foco o território e seus sujeitos.

*A capoeira tem sido um campo de resistência em minha vida. Tanto no sentido de me fortalecer quanto nas dificuldades que tenho em deixa-la agir sobre minha realidade. {...} fui lembrando de princípios básicos da capoeira como o da sensibilidade. Sentir o seu corpo é de onde parte toda a movimentação, perceber o que ele pede, para, a partir daí, sentirmos nossa conexão com a terra. Desta ligação, podemos nos conectar a outras pessoas. Ao outro com quem queremos jogar. Nasce, assim, uma interação de energias, que as sentindo, vão nos movendo. Se nos entregamos à capoeira, ela nos dá muito mais em troca. Percebi esse retorno em tudo o que eu vi e vivi ali. As pessoas se entregando, se desafiando e, ao final, expressarem o quanto foi significativo pra elas, o toque do berimbau, a movimentação, a energia da voz.. Isso só é possível com humildade e confiança no outro. (Mayana)*

*A PNEPS é a política  
Procurando solução  
Pra resolver os problemas  
De toda população  
Na Saúde determina  
Condiciona e dissemina  
Promoção e prevenção*

*Centrada no usuário  
No controle social  
Na participação do povo  
Estratégia sem igual  
Vem o EdPopSUS  
Um caminho que conduz  
De forma original*

*A construção coletiva  
Buscando conhecimento  
Experiências passadas  
Contra todo esquecimento  
A problematização  
Escutando o coração  
É força no Movimento*

*Princípios de Paulo Freire  
Educação Popular  
Com afeto e mais diálogo  
“Ser mais”, temos que buscar  
Em qualquer localidade  
Traga amorosidade  
Pro povo participar*

*Para isso nos contamos  
Com toda uma multidão  
ACS, AVS, ACES  
Com toda a população  
Soberana e igualitária  
Diversa e solidária  
Construindo uma nação*

*Os saberes são distintos  
Diferem na formação  
Amplia conhecimentos  
Conscientiza o cidadão  
Liberta sem oprimir  
Critica pra intervir  
Buscando libertação*

*Essa luta é do Brasil  
E de todos os agentes*

*É de todo brasileiro  
É do povo, nossa gente  
Desde o Mata-mosquito  
Q' eu escuto esse grito  
Eita povo inteligente!  
(Rafael Rolim)*

A problematização se fez a partir da questão norteadora: que aspectos conceituais e modos de fazer sobre a educação popular, serão possíveis trabalhar juntos aos educandos(as)? Desse modo, propiciou a reflexão sobre as práticas e possíveis conexões com a Educação Popular no processo de trabalho em saúde.

Nesse momento o tema central foi a gestão acadêmica do curso, aspectos organizativos e avaliação da oficina. Os grupos tiveram um tempo para iniciar a discussão da temática designada a partir do levantamento anterior e organizar as ideias levantadas em uma síntese criativa coletiva.

Outro aspecto interessante foi trabalhar cada eixo do curso interligando uns aos outros. Todos tiveram seus destaques e abordagens significativas nas discussões, havendo, portanto, uma continuidade do processo, tratando de todos os temas fundamentais para a compreensão dos conteúdos e da proposta metodológica do EdpopSUS. Outra questão importante foi visualizar o planejamento das atividades de cada encontro e, ao fazer isso identificar pontos aos quais seria fundamental estar atenta(o). Destarte fomos compreendendo processualmente a proposta do EdPosSUS, seus objetivos e seu traçado metodológico, nos inspirando a conduzir com os educandos cada eixo temático por meio da multiplicação criativa, da arte, da construção coletiva do conhecimento pela Educação Popular.

Um dos aspectos enfatizados como desafio a ser superado pelos facilitadores foi a gestão do tempo para as atividades dos grupos.

Outra reflexão apontada diz respeito à dimensão comunicativa do processo e à importância de compartilhar as experiências das edições anteriores do EdpopSUS, sem a intenção de reproduzir, mas de fazer circular o vivido e aprendido nos territórios, valorizando e fazendo uma leitura crítica e propositiva desses momentos de produção dos educadores(as). Como compartilhar as sistematizações e experiências dos educadores e educadoras? Quais os meios de comunicação mais efetivos? O que devemos veicular a respeito dos processos de aprendizagens, de inovações metodológicas, de melhoria das nossas práticas humanas e pedagógicas?

## RECONHECENDO E REFLETINDO SOBRE O APRENDIDO

De uma forma entramos nessa oficina e outros seres saem dela. Incentivados a contribuir para a construção de processos emancipatórios, de libertação, igualdade social, da afirmação dos sujeitos em seus espaços enquanto protagonistas de sua própria história.

A formação nos fez perceber que é possível ainda acreditar em nossos sonhos e potências. Que o mundo que a gente precisa mudar é o nosso mundo: nossa casa, nossa comunidade, nosso bairro, nossa cidade e assim de pouquinho, em pouquinho o mundão vai se transformando. Nesse percurso para essa transformação é fundamental nós cuidarmos uns dos outros, umas das outras.

As experiências diversificadas tornaram o encontro mais potente, inovador e nos ajudaram a refletir e repensar nossas práticas, buscando formas de melhorá-las seja na atuação como educadores e educadoras, nos espaços de trabalho, na comunidade, ou em outros espaços do cotidiano sem perder o sentido e o objetivo da proposta de educação popular trazida pelo EdpopSUS-CE.

Aprendemos que ninguém educa ninguém, ninguém cura ninguém, ninguém liberta ninguém, ninguém transforma ninguém, ninguém aprende amar sozinho. As pessoas se educam, se libertam, se curam e aprendem a amar nos encontros. Tapebas, Cariris, quilombos, sem terras, sem tetos, ETs (Não-me-deixes Quixadá) povo do campo e da floresta, povos do mar, artistas fazendo arte, cultura de gente feita, voando livre, borboleteando saber de experiência feito, aqui representados, feito presentes e atuantes. Educadores(as) – educandos(as), coordenadores, convidados(as) em estado de cooperância, implicando e sendo implicados, amorosamente deixando marcas. E cada pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas” (Gonzaguinha). Uma mandala tecida de sonhos e lutas se formou no chão da realidade.

A oficina contribuiu para a formação de um coletivo de educadores(as) populares do EdPopSUS Ceará, com a construção desse sentimento de coletividade e pertencimento. Os processos desencadeados pelos facilitadores e das trocas no grupo favoreceram a formação de uma base importante, inclusive de confiança em relação à coordenação e apoiadores, para a realização das ações desta etapa do EdPopSUS Ceará.

O percurso foi revelador da potência da arte no fomento da criatividade e expressividade, na construção de laços amorosos e de produtos pedagógicos como cordéis, estandartes, músicas, poesias, que foram posteriormente incluídas nas experiências em sala de aula.

Dessa forma a interação entre facilitadores, educandos(as) e convidados(as) possibilitou o fortalecimento dos laços e a renovação e recriação dos conhecimentos tendo como orientação a intencionalidade a partir da qual se produz um processo vivencial e experimental. Nesse processo podemos falar de potência de potência, por invocar/provocar saberes e fazeres, populares e acadêmicos, na busca do ser mais. De desafio, acreditando que nada está posto, nada é impassível ao tempo e às formas criativas e populares de se fazer saúde e educação. O pouco que sabemos e escrevemos é muito particular e ao mesmo tempo coletivo. Precisamos sempre um do outro para produzir algo.

Portanto, vamos aprendendo a ser cooperativos e inventamos, criamos, ousamos,



cantamos, dançamos e brincamos.

Assim o fizemos nessa semana de formação.

Falamos de um lugar privilegiado e caro, ao mesmo tempo. Privilegiado por alguns estarem vivenciando a terceira formação no EdpopSUS, Ceará. E por sabermos da importância que esse curso/formação teve, e tem, em nossas vidas. É desse lugar que falamos. É deste caminhar que medimos nossas aprendizagens. É dessa trilha que descobrimos caminhos e desejos.

A experiência tem se constituído para o conjunto de atores e atrizes que dela participaram uma possibilidade de efetivar processos pedagógicos que ao mesmo tempo puderam problematizar o cotidiano, desvelar as relações de opressão presentes nos territórios, sem desconsiderar o saber-de-experiência-feito dos educadores(as) populares incluindo a arte, a criatividade, a amorosidade como dimensões fundamentais dos processos de aprendizagens. Outro aspecto relevante dessa experiência é a oportunidade

dos partícipes desse processo formativo se colocarem ao mesmo tempo como educadores(as) e educandos (as) compreendendo que ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2009).

Por fim, a música “Note” nos faz pensar sobre o tempo, as nossas escolhas, os nossos engavetamentos, as nossas pausas, ciente de que um dia repercutem:

*Note*

*O que a gente nutre*

*Um dia desses repercute*

*Note, mas não se assuste,*

*Toda noite tem seu lustre*

*O que não é pra já*

*Talvez seja pra Júpiter.*

*Tempo há de ter.*

*Note.*

*O que a gente nutre*

*Um dia desses repercute,*

*Reverbera, tome nota, escute.*

*Toda espera tem seu ajuste.*

*O que não é pra já*

*Talvez seja pra Júpiter.*

*Tempo há de ter.*

*(Peri Pane/arruda – cd “Canções Velhas Para Embrulhar Peixes”)*

A continuidade do processo se deu com a produção coletiva das sistematizações das experiências na qual os encontros produzidos pelo cuidado foram fundamentais para preparação do ninho anímico, e a da feira do soma sempre pautada na ideia de que os seres agem e interagem permanentemente produziram novas possibilidades de ser e agir.

*Quero força e vontade*

*Muita fé e gratidão*

*Desejo pra todo mundo*

*Paz, amor e compaixão*

*Eu queria ficar mais*

*Mas cansei, já não da mais*

## **DO PÓS-FIM DE UM PROCESSO INFINDO**

O círculo não cessa de espirar movimentos reflexivos, bobinando espirais de aprendizagens para a vida plena mesmo em tempos de exceção

E como “somos um círculo sem início e sem fim”, após um respiro prazeroso pelo que lemos, sentimos, aprendemos— sim, porque pode parecer óbvio, mas a escrita e a leitura são meios de interação muito antigos entre as gentes – deu-nos vontade de continuar a fluir.

O percurso para nós é tão significativo e instigante quanto o curso. O percurso é ao mesmo tempo o trajeto - espaço percorrido - e o ato de percorrer. Traz a ideia de movimento vital, de processo vivo e desafiador; do que temos a desvendar, descobrir, criar, recriar. Nesse sentido colocamos alguns questionamentos, sugestões para ancorar os caminhos ainda a percorrer. Como aproximar o que falamos do que fazemos, e como cuidar para que o nosso cotidiano não se torne puro ativismo cuidando das reflexões críticas sobre as experiências? Como tomar os processos formativos do EdPopSUS como oportunidades efetivas de mudanças nas práticas do dia a dia?

Guiando-nos pelo conteúdo desta síntese coletiva sistematizada, cabe-nos perguntar quanto e em que efetivamente avançamos cada um, por um lado, e em que medida conseguimos, por outro, manter vivos e presentes em nossos atos cotidianos os princípios da educação popular freireana.



## REFERÊNCIAS

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas cirandas da vida em Fortaleza-CE.** 2009. 323f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Centauro, 1980. 102 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências/** Oscar Jara Holliday, tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006, 128p. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/168/\\_publicacao/168\\_publicacao30012009115508.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf) > Acesso em: 14.nov.18.

MIMEO. **Documento orientador do processo de formação/seleção dos educadores populares em saúde no Ceará.** Fortaleza, 2017.

# O SONHO RESSURGIU – a educação popular em Quixadá com o EdpopSUS a delinear caminhos e refazer sonhações.

Francisco Dário Queiroz de Oliveira  
Maria Aparecida de Oliveira Nicolau

Ninguém caminha sem aprender a  
caminhar,  
sem aprender a fazer o caminho  
caminhando,  
refazendo e retocando o sonho pelo qual  
se pôs a caminhar.  
Paulo Freire

Ninguém caminha sem aprender, aprender a  
caminhar,  
As vezes o primeiro passo é o mais difícil de dar  
Vou aprender caminhando,  
Refazendo e retocando  
Os sonhos por onde andar.

## 1. O sonho Ressurgiu

O Município de Quixadá, lá nas brenhas do Sertão, vem partilhar experiências, tecendo reflexão. A Educação Popular nos convida a caminhar dentro dessa dimensão!!



No ano de 1994 nascia no Brasil o Programa Saúde da Família-PSF, tendo como nascedouro o Município de Quixadá-CE. Unificada a essa rica experiência, Quixadá vivenciou o ineditismo em seus territórios de saúde de um jeito novo de tecer conhecimentos e partilhar saberes. Vera Dantas, na ocasião médica de uma das Equipes do PSF, inspirava e chamava a atenção de todos e todas com uma equipe de profissionais falando a linguagem do povo, brincando, sorrindo e fazendo sorrir. Era um verdadeiro ajuntamento do saber científico com o popular, ornamentado pela alegria, tendo como palco o chão batido do sertão, as ruas, as unidades de saúde. E os atores? Eram o povo!! Que brincava junto, que se divertia e aprendia de forma simples e encantadora o cuidar de sua saúde, da saúde de sua família e de sua comunidade. Chegara a educação popular em saúde, lançando suas primeiras sementes. Foi impactante e inesquecível.

O tempo passou, outras gestões públicas vieram e não cuidaram devidamente desse fruto. Mas ele deixou ali a sua semente plantada!!! Um caminho foi traçado!! E Quixadá recebeu sua primeira turma do EdPopSUS no ano de 2018.

Uma experiência que tem elevado o fortalecimento da escuta qualificada, do dialogismo, da ampliação dos diversos olhares sob a ótica da dimensão dos movimentos, dos saberes, das práticas e do respeito ao eu e ao outro, numa relação de reciprocidade e amorosidade. A semente brotou novamente no solo do Sertão Central e floresceu à beira do caminho a grande esperança de ver renascer e crescer a Educação Popular em Saúde no nosso Quixadá. Ver o povo novamente sendo autor e protagonista de sua própria história, com boniteza, alegria e autonomia.



## 2. Delineando o caminho e refazendo o sonho

*Na hora de organizar e planejar atividades,  
Inserimos harmonia e muita amorosidade.  
Colocamos compromisso e um pensar criativo,  
compartilhando vontades.*

Nós educadores, renovados pelo sonho da educação popular em saúde, nos percebemos em uma relação esperançosa, harmoniosa, criativa, respeitosa e de valorização de nosso papel frente ao desafio prazeroso que nos fora proposto.

Nosso planejamento e a avaliação das atividades se deram de forma contínua. Íamos nos comunicando e tecendo ideias de como desenvolver a temática proposta de modo prazeroso, atrativo e criativo. Os elementos que não podiam faltar: alegria, amorosidade, compromisso, respeito, seriedade e inovação, esses eram essências encontro a encontro. Cada ideia que surgia pontuávamos e compartilhávamos. Uma vez por semana, por um período mínimo de 4 horas, nos encontrávamos para formatar, imprimir as ideias e assim materializar nosso sonho. Eram momentos sempre carregados de muita emoção e muita esperança.

No traçado de nosso caminho estivemos lado a lado constantemente partilhando e buscando orientação junto a coordenação, com vista a ter uma clareza de que estávamos de fato caminhando com o olhar e os passos do projeto EdPopSUS e também com o intuito de enriquecer, por meio desse diálogo as nossas realizações para atender as expectativas de nosso coletivo.

Vale salientar que também buscamos beber da fonte da experiência de outros educadores. Estivemos sempre muito antenados com as sínteses compartilhadas nas redes sociais, nos depoimentos durante os encontros de formação, e de lá retiramos fragmentos que nos inspirou de forma potente em nossos planejamentos e ações.

Nossa metodologia bebeu da fonte da arte  
Mergulhou nos territórios  
Pesquisou e fez resgate  
No encontro de educadores  
Fomos reunir as cores  
Pra tingir nosso estandarte



Nosso traçado metodológico esteve ancorado na inventividade da arte, da partilhar do saber popular presente e potente em cada ator/atriz de nosso coletivo. Nossas práticas em educação popular e as vivências nos territórios, leituras, pesquisas, bem como o período de formação dos educadores selecionados para o EdPopSus foram determinantes, potentes e inspiradores para a construção das metodologias aplicadas. O nosso ideal não tem sido tão somente fazer para o outro, mas principalmente com o outro.



*Teve dinâmica de leitura e uma feira que vei somar*

*Teve até a matemática da educação popular  
No corredor do cuidado foi tanto abraço apertado  
Que não dar nem pra contar*

Não podemos deixar de mencionar que no EdpopSUS em Quixadá, no primeiro encontro, por meio do corredor do cuidado, contribuiu, de forma significativa, para fortalecimento das relações interpessoais entre ACS do estado e município, antes desgastadas por questões ligadas a dificuldades na comunicação e relações de poder. Esse momento nos possibilitou rediscutir os processos de trabalho sob a ótica da amorosidade, dialogicidade, fazendo o outro se perceber, existente, cuidado, cuidando, tocado, tocando, energizado pela reciprocidade do abraço.



O EdpopSUS já mostrara para que veio. Eram visíveis as várias manifestações de sentimentos, sorrisos e lágrimas que se misturavam de forma natural e espontânea trazendo leveza. A cada passo dado, alguns sentimentos negativos e amarras davam lugar à amorosidade, ao afeto, ao perdão. Assim nascia o EdpopSUS Quixadá.



Na hora de planejar nossa trajetória e sonhar nossos sonhos as ideias surgiam, no entanto, algumas vezes nos percebíamos impotentes frente às dificuldades de infraestrutura e logística. Mas foi daí que nasceram as melhores realizações. A título de exemplo, vale registrar a ideia de se fazer um turismo. No entanto, não havia um veículo à nossa disposição. E o que fazer? O diálogo com o coletivo trouxe a solução!! Vamos nós mesmos alugar o veículo mais usado por nosso povo:

vamos de Pau de Arara!!! E foi um espetáculo. Essa experiência foi um verdadeiro caldeirão de emoções e resultados positivos. Percorremos as ruas da cidade, ocupamos os pontos turísticos com a nossa sinergia, nossas canções populares e tradicionais. E a merenda? Como é assim chamado o lanche na nossa região? Era tudo regional: rapadura, maria maluca, bolo de milho, tapioca, dindim, pão doce, refresco, bruaca e muita alegria!!! Simplesmente inesquecível! Um pau de arara chamado **Edpoptour** que percorria o Sertão cantando, encantando e poetizando; rindo e fazendo sorrir por onde passávamos.



Algumas estratégias merecem a nossa atenção, tais como: “Eu Leitor;” “o que o texto diz, o que eu digo do texto”; “a matemática da Educação Popular”, onde menos pode ser mais, onde dividir pode ser considerado sinônimo de igualdade, estratégia que se contrapõe à educação bancária. Outra experiência foi a avaliação parcial da trajetória formativa que fizemos por meio de mandalas, uma estratégia que consiste em avaliar o processo educativo de forma dinâmica, interativa e participativa. Além da sala de cinema e dos grupos de terapia que se apropriaram de técnicas de cuidados, possibilitando cuidar do Eu, do Outro, do meu espaço de trabalho, culminando na luta em defesa e fortalecimento do SUS.

Experenciámos uma sinergia que nos impulsionava a criar técnicas e a traçar caminhos para cada encontro, de modo a buscar horizontes criativos atrelados aos temas propostos, para desse modo encantar, seduzir e inspirar rumo ao alcance dos objetivos sugeridos pelos eixos temáticos e seus encontros. Idealizamos e confeccionamos a “sanfona cantadeira”. Uma sanfona feita de forma artesanal que continha fotos de situações impactantes de nossos encontros. Esta era utilizada em momentos lúdicos para contar da beleza e importância de nossa trajetória formativa de forma alegre. Aqui a arte tecia saberes, contribuindo para construir cidadania.



O sonho e o desejo de trilhar os passos da educação popular venceu a timidez. Saímos para além do espaço da sala de aula, trabalhamos de modo a encantar e envolver todos (sem discriminação) e, assim, causar surpresas com nosso modo ser e fazer, diferente porque rompia com a metodologia tradicional e usual, mas igual no jeito de ser e fazer do povo. Valorizando elementos conhecidos por ele, mergulhando em sua linguagem com o doce e maravilhoso sabor da alegria e da arte.



*Na animação e gestão dos momentos presenciais*



*Teve dança, teve roda, interações sociais*

*Cortejo, coreografia*

*Muita cenopoesia*

*E encenações teatrais*

### Processo animado

Sempre existiu uma preocupação em fazer uso de momentos de animação em cada encontro. Mas como se daria a condução desse momento? Como dar-lhe sentido, tornando-a uma prática legítima e necessária de educação popular? Como seduzir os educandos para participar da dança—por exemplo, respeitando as diferenças, as limitações? Como romper com dogmas e doutrinas que viam de forma negativa o ato de dançar? Afinal, nosso objetivo aqui era estabelecer uma associação desse momento com a reflexão, a criticidade, de modo a promover com alegria, a interação, o despertar crítico e inquietações. Nosso desejo era ver todos na roda, dançando, cantando, se abraçando como um corpo livre e ligados, conectados uns aos outros. O primeiro passo foi optar por resgatar elementos, expressões e linguagens da cultura popular, nossas canções que, motivadas pelo ato de mover e envolver, cantavam a história que deu ritmo as nossas rodas e se transformaram em ferramentas potentes no processo de condução pedagógica. A Ciranda foi apresentada chamando a criança que existe dentro de cada um de nós. Convidamos carinhosamente essa criança a brincar, a ser livre, a sorrir. Fizemos um chamamento à pureza do brincar por meio de uma linguagem amorosa, mansa, paciente e respeitosa. Não houve resistências. O cirandar era adotado e compreendido como parte integrante e essencial de cada encontro. A amorosidade, o dialogismo, a espontaneidade, a gargalhada, a expressão de liberdade e leveza eram visíveis na roda. Ali, todos se tornaram um, um que cuidava do outro, que pensava um pensar reflexivo e libertador.

*Varre, varre moreninha essa dança é de todos,  
Ela não é só minha...*

*Varre a tristeza, manda ela embora,  
Pega a alegria e põe na sacola*

*Varre o orgulho, manda ele embora,  
Pega a humildade e põe na sacola,*

*Varre a doença, manda ela embora,  
Pega a saúde e põe na sacola.*



*Varre a guerra, manda ela embora,  
Pega a paz e põe na sacola.*

*Varre, varre moreninha essa dança é de todos,  
Ela não é só minha.*

Após o oitavo encontro, ao percebermos a potencialidade do grupo e com o intuito de incitá-los a exercer seu protagonismo, adotamos a estratégia de dividir as responsabilidades de

realização dos encontros. O coletivo foi dividido, de forma espontânea, em três equipes distintas: Mandacaru (representando a força e a resiliência do povo do sertão); Somos Um (o sentimento de cooperação, amorosidade, cuidado e união); e Autonomia. Então, por um sistema de escalonamento cada equipe ficou responsável pelas diferentes atribuições: animação/cirandas populares – momento de acolhida; organização e coleta de mantimentos para o lanche compartilhado (nesse dia só essa equipe traz e organiza a mesa), e organização e limpeza do espaço do encontro, controle de horários, coleta de assinaturas para frequências e dinâmica para motivar a pontualidade dos educandos.

A ideia era deixar os sujeitos mais à vontade para ousarem, criarem, trilharem caminhos, incitá-los a tomar decisões, a pensar possibilidades de novos saberes e fazeres. Cada grupo tinha suas particularidades na forma de fazer EPS. Essas diferenças ampliaram o nosso olhar sob as mais variadas expressões e formas de conduzir um processo de aprendizagens e construir saberes. Essa divisão foi anteriormente trabalhada na matemática da EPS, ou seja, o dividir nesse contexto poderia representar a possibilidade de multiplicar, oportunidades, práticas, diminuindo barreiras, somando potencialidades, com um objetivo comum a todos. Em vários momentos esses grupos eram instigados, a pensar com, a fazer com; estimulados à criatividade, à dialogicidade e ao compromisso com o outro e com a EPS. Vale registrar que essas equipes interagiam com tamanho sincronismo a ponto de se apresentar em forma de síntese: SOMOS UM, MANCACARU com AUTONOMIA. E nesse sentido criaram até logomarca.



No EdpopSUS Quixadá, o tambor, a pandeireta, a mandala, o violão, o ganzá são compreendidos como importantes instrumentos de condução de cuidado. A música se tornou um grande elo para a mística do encontro, reencontro. Inevitavelmente a poesia ganha asas e ressoa, às vezes sutilmente do inesperado, surpreendendo, embelezando. Outro fator potente nos encontros foi o cortejo da Educação Popular que, durante o período de carnaval e no dia das mães, ganhou

ruas, avenidas e instituições de nossa cidade, compartilhando alegria e informação. Nossa alegria e mensagem focada nas práticas de cuidados com a saúde chamou atenção e provocou agenda para contribuir com eventos da gestão pública, incluindo encontro da Comissão Intergestores Regional, dentre outros.





*O processo de organização, estrutura e gestão dos espaços e do tempo destinado a nossa ação contou com vários atores, revelou muitos valores, motivou superação.*

### 3. Semeadura e colheita dos trabalhos de campo

*No acompanhamento dos trabalhos de campo no território, Educadores e educandos pactuam o repertório É hora de desbravar, conhecer e apresentar Esse momento tão notório*

O trabalhos de campo aconteciam de forma simultânea e sistemática, ocupando espaços e equipamentos sociais presentes nos territórios, tais como: Casa de Saberes Cego Aderaldo; Postos de Saúde; Fundação Cultural; Igrejas; Universidades e Sindicatos. Salienta-se que esse mergulho nos territórios fomentou o dialogismo e a conexão com as potencialidades e fragilidades existentes no cotidiano daqueles sujeitos. O trabalho de campo levou nosso coletivo a transitar nesses espaços, adentrar nas residências, conhecer e vivenciar a fundo as expressões, os conhecimentos e saberes produzidos no interior desses cenários. Essa estratégia gerou encontros, aproximação com lugares, pessoas e suas histórias. Era um desvendar, um conhecer, um esperar, um revelar de inúmeras potencialidades antes desconhecidas pelo coletivo e pelo próprio território. Nossos educandos se emocionavam e se surpreendiam com tantas riquezas, se percebendo capazes de interagir e contribuir com um processo coletivo de construção de saberes e práticas de cuidado. Ali era a materialização daquilo que se que se



discutia e problematizava dentro da sala de aula do EdpopSUS. Era vivenciar, em ato, muitas formas e possibilidades de pensar um fazer saúde a partir de experiências, inspiradas pelo território.

Os trabalhos de campos resultaram na construção de muitos, produtos e estratégias, com destaque especial para a Exposição sobre a Evolução da Trajetória do Agente Comunitário de Saúde no município de Quixadá até os dias atuais. Nossos educandos reservaram uma sala dentro da UECE, em Quixadá, aberta a todos. Essa mostra contou a história dos ACS por meio de vários materiais e equipamentos que foram utilizados por esses profissionais. Além de cartilhas, fardas e fotos, a exposição dizia também da trajetória formativa desses profissionais por meio de cursos, capacitações, formação academia e pós-graduação,

mostrando o crescimento e a preocupação dessa categoria em buscar outras formações e qualificações para atuarem na área de saúde.



Do trabalho de campo surgiram, também, experiências partilhadas com diversos segmentos. A turma teceu conhecimentos, apresentou resultados, registrou e catalogou memórias e tradições de nossa cultura popular por meio de círculos de cultura, apresentações artístico-culturais com violeiros, danças de rua. O trabalho de campo se constituiu um espaço potente para a criação de músicas, paródias, álbum fotográfico, cordéis, programas de rádio, passeio turístico; produção de vídeos, cortejos populares, exposição e divulgação de produtos da medicina popular, entrevistas com lideranças, rezadeiras, parteiras, raizeiras, profetas populares e profissionais da saúde; produção de uma placa memorial de personagens e benfeitores da cultura popular de Quixadá; mapeamento artesanal e registro de mitos, contos, lendas, tradições e credences de nosso povo; e um outro contendo o registro dos principais pontos turísticos e festas populares do município.



No que diz respeito às situações limites, observou-se especificamente no fato dos nossos educandos abraçarem muitas atribuições e atividades, nas barreiras geográficas para aqueles que residem na Zona Rural e, às vezes, algumas dificuldades na elaboração da sistematização das experiências. Porém, essas situações foram sempre trabalhadas por meio do diálogo e da cooperação de modo que se pudesse encontrar as devidas soluções. O material produzido, geralmente por sua riqueza de detalhes, gerou despesas que passaram a ser custeadas pelos próprios educandos. Juntar todos os membros da equipe para a realização do trabalho de campo foi sempre muito desafiador. Nesse sentido, os educadores sempre procuravam ser solícitos, acessíveis para retirar dúvidas e ajudar de modo a facilitar a participação de cada educando no processo formativo.

O processo de aprendizagem nesses encontros foi surpreendente, muito potente e enriquecedor. A partilha dos saberes entre todos (as) levou-nos à inspiração, à criatividade e à superação.

#### 4. Hora da colheita nos encontros

O EdpopSUS em Quixadá valorizou o espaço de partilha. Desde o segundo encontro, possibilitou trazer os territórios para dentro da sala de aula, e levou seu coletivo para atuar além das quatro paredes. Havia a necessidade de dialogar com os diversos atores. Foi nesse processo de conexão com o outro que esse movimento de ensino/aprendizagem se fez contínuo, a exemplo das ofertas e contribuições de cada educador e educando durante o encontro, que sempre ocorreram de forma horizontalizada.

De forma impactante, o Corredor do Cuidado transformou nossas vidas e relações. Ali aconteceu um processo natural de entrega, com depoimentos marcantes de sensação de libertação, de leveza do processo educativo como fio condutor de humanização e amorosidade. Registra-se de uma educanda que nunca se permitiu abraçar tão pouco ser abraçada que, por essa estratégia, quebrou definitivamente tal barreira em sua vida. Ela nos dizia em um dado momento:

“A cada passo que chegava a minha vez de caminhar por aquele corredor meu coração pulsava forte. E agora? Daí quando entrei no corredor que fui convidada a fechar meus olhos e a me entregar. Ouvindo a canção *“Escuta, escuta que o outro a outra já vem”*, sentindo o toque das pessoas, sem saber quem eram, me dando tanto carinho, eu me senti amada, cuidada. Foi muito forte, porque cada passo pra mim era como se eu deixasse pra trás uma coisa ruim que me impedia de abraçar meu próprio pai e meu filho. Agora pronto eu já venci isso na minha vida. Se o curso acabasse pra mim naquele momento já teria valido a pena.”

Outra educanda, que dizia ter chegado ali com quadro depressivo, viu que estava no lugar certo com as pessoas certas. Importante ressaltar que esta educanda afirmava muita dificuldade em perseverar em seus projetos, porém registrou apenas uma falta em todo processo formativo. Recebemos, ainda, depoimentos de seus colegas de trabalho, dizendo de sua mudança e de como ela voltara a interagir e sorrir novamente, sendo mais atuante e responsável em suas atividades.

Realizamos a Feira do Soma Sempre. E a nossa feira despertou nos educandos um olhar criativo sobre a forma de apresentar os materiais produzidos. Esse escambo popular fortaleceu as relações, interações de forma cooperativa e não competitiva, estabeleceu uma reflexão crítica sobre os valores - aqui compreendidos como vivências, experiências que, uma vez partilhadas, promoveram lucros, renderam novos conhecimentos e saberes. Esse espaço recebeu convidados, residentes, preceptores da Residência Integrada em Saúde, acadêmicos do curso de História da FECLESC, profissionais da saúde. Trouxe ciranda, quadrilha junina improvisada, construção e leitura de cordel, muita troca. Ao chegar nas barracas, o visitante era instigado a conhecer e a levar os produtos por meio do conhecimento adquirido. A propaganda que atraía os feirantes anunciava que os produtos ali ofertados não tinham data de vencimento, eram de alta qualidade, grande durabilidade, com a garantia estendida de geração a geração. Os produtos da feira foram doados à Casa de Saberes Cego Aderaldo para exposição permanente.



## ordel - Feira do Soma Sempre em Quixadá

*Na Feira do Soma Sempre  
eu então posso comprar  
Eu também posso vender,  
Conhecer e até trocar  
É um grande investimento  
Partilhar conhecimento e  
Educação Popular*

*Na Feira do Soma Sempre os produtos são atraentes  
Lá se vende sentimentos  
E o preço é diferente  
La se faz sempre um bom negócio  
E o lucro é todo nosso  
Pra quem compra e pra quem vende*

*EdpopSUS em Quixadá  
Vem tomando a dianteira  
Trazendo variedades  
Pra encher as prateleiras  
Tem memórias, tem achados  
Produtos valorizados  
Pra expor na nossa feira*

*Tem uma barraca lá na feira  
Por nome Memorial  
Trazendo historicidade  
Conhecimento ancestral  
Lá no grupo autonomia  
A cultura contagia  
Numa alegria geral*

*Lá também tem uma barraca  
Da memória popular  
Tem resgate, tem credices  
Lendas e contos tem por lá  
Num recorte de beleza  
Mandacaru mostra as riquezas  
Do povo desse lugar*

*Vem conhecer a barraca  
Das tradições populares  
Ela tá bem surtidinha  
Vem com muita novidade  
Lá no grupo somos 1  
Tá o maior zum zum zum  
Com tanta variedade.*

*Pra terminar nossa rima  
E nossa feira começar  
Recomendo esses produtos  
O preço é bem popular  
Não precisa de dinheiro  
Só precisa ser parceiro  
Pra aprender e ensinar!!!!*



Outro produto com resultados significativos foi o nosso Baú de Memórias, usado como artefato para resgatar, armazenar e partilhar no coletivo histórias e vivências de nossa ancestralidade. Ele nos possibilitou estabelecer conexões entre passado e presente. A luz do candeeiro, mostrado em sala de aula, trazia à luz do tempo, histórias de encontros, namoros, brincadeiras, festas de forró no chão de barro aguado, desbulhas do feijão que aconteciam ao redor dos alpendres e dos terreiros no sertão. As fotos da época nos

binóculos e impressas em preto e branco revelavam para uns o reencontro com o velho e o encontro com o novo para outros. Nosso baú resgatou a chegada do então Programa Saúde da Família no Brasil por meio do folder de lançamento desse programa e recortes da trajetória do coletivo desde os primeiros encontros, mostrando para nossos educandos a importância de preservar e reviver nossas memórias.



*A alegria não chega  
apenas no encontro do  
achado  
mas faz parte do  
processo da busca.  
E ensinar e aprender não  
podem dar-se fora da  
procura,  
fora da boniteza e da alegria  
Freire(2000)*



Acerca do EdpopTUR, um pau de arara alugado pelo grupo e movido a muita alegria, música e comida regional que percorria as ruas da cidade, foram visíveis os impactos em quem viu e viveu esse momento. Para alguns o ineditismo. Para a maioria era chegada a hora de reviver outras andanças ao som de um mega fone que anunciava a partida e o trajeto por meio de uma linguagem popular. Uns diziam aos risos: “Meu Deus que alegria, nunca subi num pau-de-arara”. Já outros mencionavam: “Eita, meus velhos tempos!!!”, ao som de um mega fone que anunciava a partida e o trajeto por meio de uma linguagem popular. Todos nos tornamos crianças nessa viagem.

Esse trajeto nos conduziu a lugares, percorrendo, histórias e práticas de nossa ancestralidade com destaque para o Sítio da Índia (década de 70), nos levando a conhecer a história da criação daquele lugar e de seu idealizador, o poeta e escultor Alberto Porfírio, apresentado por nossa anfitriã, a rezadeira Dona Genésia.

*Teve círculos de cultura pra ouvir a comunidade  
Avaliação em mandalas, exposição, diversidades  
Num pau de arara o edpopTUR causou o maior rebu  
Pelos ruas da cidade*

Dentro das ações desenvolvidas, chamamos atenção para a realização dos círculos de cultura com as comunidades que abordaram temas relevantes nos territórios, levando muita dinamicidade e conhecimento. Nesses círculos, os nossos educandos eram os animadores e como tal, chegavam nos espaços instigando e estimulando a participação dos sujeitos atores no processo. Nosso coletivo discutia, desde o momento do planejamento, a

necessidade de estimular o protagonismo e a autonomia dos sujeitos no ato de cuidar e assim romper com modelos tradicionalistas, ainda tão presentes em nossos contextos e realidades, sob a égide de que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria construção ou condução.” (FREIRE,2000).



O local onde aconteciam os encontros, assim como, os temas abordados, eram sinalizados pelas necessidades apresentadas pelo território. É importante dizer que o coletivo elaborava um projeto de intervenção com detalhes de toda logística, mística e execução dos momentos; fatores importantes eram problematizados.

Nesse trabalho, experienciamos o dialogismo e a partilha dos saberes. Quixadá reviveu a interação de saberes-referenciada pelos princípios da Educação Popular em saúde. O palco se via ocupado pelo povo, pelos profissionais de saúde e educação, educandos e educadores que atuavam como protagonistas e autores de sua própria história. Esses momentos inspiraram a comunidade à revitalizar o Conselho Local de Saúde Centro, além da reativação do Grupo HIPERDIA do Bairro Centro I e modificações do Planejamento das ações da ESF Centro I. Na Escola Gonzaga Mota, Bairro São João, deixou seu legado inspirando professores e alunos, que agora pretendem adotar as cirandas e outras estratégias em suas aulas.

## 5. Materialização dos sonhos – o celeiro e seu legado



Dentro do coletivo existiu uma grande diversidade de expressões artísticas que foram potencializadas e redescobertas, afloradas. “O Curso amplificou isso” devidamente comprovado por meio da realização de várias peças teatrais e dramatizações, coreografias, monólogos e o protagonismo dos educandos na condução das cirandas populares.

Grande foi a safra de nosso trabalho, os campos foram germinados com muito sentimento, dedicação. Houve muita entrega. As chuvas de ideias proporcionadas em cada encontro anunciavam que a colheita seria próspera. Os materiais produzidos encantavam, surpreendiam, inquietavam. Dentro de sala de aula, os educandos elaboraram uma grade para um programa de rádio que mais tarde foi apresentado na FM a cabo de Quixadá e, posteriormente, na rádio Meio Norte FM, com transmissão para toda Região. Uma linguagem em sintonia com o popular falava, no rádio, de receitas de remédios caseiros, entrevistava rezadeiras, benzedadeiras, agricultores e anunciava a agendas dos serviços de saúde ofertados no município. O povo interagiu com o programa, levando informações sobre assuntos ligados aos territórios, mandando recados para pessoas nas comunidades, divulgando os horários de saída dos carros para as mais diferentes localidades, como os produtos regionais comercializados na sede do município.



Muitas outras sementes foram germinadas: teatro fórum, dinâmicas interativas, elaboração de vídeos nas redes sociais para divulgar o programa de rádio no intuito de informar e convidar a população para acompanhar ao vivo. Nossos educandos passaram a vivenciar a expectativa do novo nas atividades desenvolvidas, um inédito viável necessário para seduzir o outro nas ações, tendo esse novo como estratégia capaz de estimular a participação nos encontros.



O coletivo do EdpopSUS Quixadá, ganhou as ruas antes mesmo de atuar nelas. A notícia correu, a linguagem da EPS se espalhava nos cenários de práticas e espaços ocupados pelos educandos de modo que vários profissionais da área da saúde souberam da repercussão do curso e desejaram participar desse processo. Era uma retomada, um reencontro de novos sujeitos atores com a EPS semeada, vivenciada em 1994 por Vera Dantas e Hélio Junior.

*Quando o tempo ver as serras envolvidas pelos sonhos ideais  
Em que criamos flores em nossos quintais  
Os rochedos da cidade que remetem inspiram felicidade  
Então vamos viver um novo tempo  
Pensar futuro agora.  
Porque o presente é resultado da história...  
Seguir em frente é o prazer de transformar  
Mesmo sabendo que a muito a caminhar  
Com as mãos rachadas de apertar o amanhã  
Mesmo assim a gente canta que a consciência é uma dança  
Uma ação um despertar  
Hélio Júnior e Dário Queiroz*



Esse caminhar, gerou um novo despertar das práticas da EPS de modo a integrá-las aos interesses populares, profissionais, sem, contudo, deixar de semear o esperar ao resignificar valores e promover a inquietação/estímulo/organização do sujeito pensante; de modo a produzir, ao longo desse caminhar, a amenização da

dor do outro e a redução das iniquidades, tecendo, passa a passo, a construção compartilhada do conhecimento por meio da arte, do protagonismo e da alegria.

Nossa trajetória nos fez experimentar um trabalho em conjunto, com uma abordagem crítica, sempre acolhendo a arte, a amorosidade, o uso das múltiplas linguagens como elementos facilitadores da construção do saber. Fazendo uso de relações harmoniosas entre todos os sujeitos envolvidos na Educação Popular.



Dessa forma, nossos espaços vêm marcando de forma definitiva as práticas e o saber popular. Pelo modo alegre e sinérgico ao brincar no giro da ciranda, na forma de esperar, de amar, de dizer pelas ações que todos (as) somos únicos e iguais nesse processo de busca das transformações das realidades. Nesse caminhar todos somos heróis, artistas, grandes pensadores, terapeutas. Nesse caminhar fomos fazendo o caminho com o outro e a outra. Aqui os personagens se misturaram, sonharam juntos, se respeitaram e se estimularam a uma trajetória comum. Compreendemos que o importante do caminhar é ter a clareza de que um precisa do outro e de onde queremos chegar, "entendendo que o caminho poderá não ser fácil, mas a chegada valerá a pena".



*Esse nosso caminhar não termina por aqui  
Venha caminhar conosco o caminho construir  
Vai ter pedras no  
caminho,  
mas não estamos  
sozinhos  
Juntos vamos  
prosseguir*



## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).

# **RIMAS DE UM PROCESSO VIVIDO COLETIVAMENTE – roteiro cenopoético refletindo o EdpopSUS em Fortaleza-CE**

Edson Oliveira  
Mayana de Azevedo Dantas

*Agô sra. menina,  
agô yιά, agô babá  
No EdPop, estou chegando  
Momento de me lembrar  
Da minha experiência  
Da minha experiência  
Com a educação popular  
Óia, tudo começou  
Quando ainda era menina  
O Escambo, era troca  
o teatro, a nossa lida  
“Aprendemo” a refletir  
De maneira criativa  
Lá nas Cirandas da Vida*

*Juntando ciência e arte  
Num universo popular  
CAPS, EdPopSUS  
Lá, fomos dialogar:  
nossas potencialidades,  
A nossa realidade,  
Poderiam transformar?  
Oi e viva a capoeira,  
Nossa ancestralidade  
Com afeto, com beleza,  
Aprendemos com vontade  
De Zumbi a Chico Mendes  
A história do Brasil*

*É luta por liberdade, camaradin*<sup>1</sup>

## **PRA COMEÇO DE ASSUNTO**

### **Ceno 1 –**

Muita gente já falou  
E eu também quero falar  
Que não existe caminho  
Prontinho pra se andar  
E que ninguém é perfeito  
E os caminhos são feitos  
A partir do caminhar

### **Ceno 2 –**

De maneira muito clara  
*E prazerosa de ler*  
A sistematização  
Que agora vamos fazer  
E mostrar para vocês  
Em claro e bom português  
O que se pode aprender

### **Ceno 3 –**

A ponta fina do lápis  
Já desliza no papel  
Rabiscando o que se deu  
Da maneira mais fiel  
Com o EdPopSUS  
Aqui na terra da luz  
Vou dizer neste cordel

---

<sup>1</sup> Ladainha produzida pela educadora Mayana Dantas para falar de sua aproximação com a educação popular em saúde para o Mestrado em Saúde Coletiva, inspirada na Ladainha "Ancestralidade" de Mestre Moraes

#### **Ceno 4 –**

Existe um velho ditado  
Que minha avó sempre dizia  
É que gato escaldado  
Sente medo de agua fria  
Como em outra edição  
Houve alguma confusão  
Nesta eu também temia.

#### **Ceno 5 –**

Cada turma sempre traz  
Uma nova experiência  
Logo no primeiro encontro  
Sentimos a diferença  
Deu logo pra perceber  
Quando nós fomos fazer  
O pacto de convivência

#### **Ceno 6 –**

*Logo no primeiro encontro*

*Precisamos pactuar*

*Sobre a nossa convivência*

*Tivemos que dialogar*

*O lanche compartilhado*

*E o horário foi fechado*

*Pro encontro funcionar*

(Educando Rivelino Soares )

#### **Ceno 1 –**

A turma não foi formada  
Só por gente da saúde  
Mas outras categorias  
Com defeitos e virtudes  
Vieram contribuir  
Fazendo-nos refletir  
Sobre nossas atitudes.

**Ceno 2 –**

E o nosso aprendizado  
Foi algo muito potente  
No decorrer dos encontros  
Tudo foi surpreendente.  
A turma questionava  
Mas também participava  
O que nos deixou contentes

**JEITOS DIFERENTES DE FAZER OU SABERES DIFERENTES A APRENDER?**

**Ceno 1 –**

Foram muitos os desafios  
Que tivemos de enfrentar  
Como a nossa competência  
Foi maior que o penar  
Com garra e cenopoesia  
Com audácia e teimosia  
Conseguimos superar

**Ceno 2 –** E da metodologia, será bom a gente falar?

**Ceno 1 –** Claro! Até porque foi mais um aprendizado! Tu te lembra que, no início, tivemos dificuldades de tornar dinâmicas as discussões, pois estávamos muito presos aos conteúdos?

**Ceno 2 -** E como é que se esquece aquela avaliação antes da hora provocada pela própria turma?

**Ceno 1 -** Foi tenso! Mas foi bom. A partir dali, procuramos trazer mais nossas potências enquanto educadores, técnicas de aprendizagens diversas e o potencial dos educandos enquanto educadores também. E teve um deles, o ACE e cordelista Rivelino Soares que falou assim:

### **Ceno 3 –**

*A construção vai se dar*

*Pelo fortalecimento*

*E também do ajuntamento*

*De ideias a se formar*

*É preciso dialogar*

*Pois mió não quero ser*

*Na construção do saber*

*É preciso ter vivência*

*Misturando experiência*

*Criando o reaprender*

## **PELO MEIO DO CAMINHO**

### **Todos - Parada I- Construção da gestão participativa e a experiência como fio condutor do processo**

**Ceno 1** – Em diálogo com os trabalhadores ACS e ACE, problematizamos sobre os saberes advindos de sua trajetória e as possibilidades para uma atuação em parceria.

O 1º questionamento

Fala do profissional

Sua história de vida

Etc e coisa e tal

Falando com sinceridade

Construir uma identidade

O que foi fundamental

**Ceno 2** – O legado de Paulo Freire, a educação popular e seus princípios puderam ser comparados ao projeto Escola Sem Partido. A nova Política Nacional de Atenção Básica foi também objeto de discussão desvelando o sentimento de inconfiabilidade em relação aos representantes de Conselhos, que, apesar de representarem uma proposta de ampliação democrática, reproduzem muitas vezes o histórico silenciar de nosso povo.

**Ceno 1**– E outras perguntas vieram: “É possível colocar em prática os princípios da educação popular num contexto de trabalho capitalista? Como os serviços de saúde podem

valorizar o trabalho social? Como construir parcerias no cotidiano para a eficiência do trabalho?

A síntese veio por meio de um desenho coletivo:



**Ceno 2** – E as experiências já nesse momento referendavam a importância do acolher o outro:

### **Ceno 3**

No corre corre da vida

Ninguém tem tempo pra nada

Nesta luta desvairada

Pra poder sobreviver

Precisamos aprender

Que o outro é importante

E parar só um instante

Para um abraço apertado

A essência do cuidado

Se expressa no acolher

### **Ceno 4**

Amigo nós te acolhemos

Com tudo que você traz

O ser humano é capaz

Mas nem sempre percebemos

Que em tudo que fazemos

É preciso entender

Não se pode esquecer

Do outro que está ao lado

A essência do cuidado

Se expressa no acolher

## **Todos - Parada II – Educação popular no processo de trabalho em saúde**

### **Ceno 5**

Há muito vem se falando  
Em educação popular  
Uma politica inclusiva  
Que conseguisse juntar  
Coisas que o povo sabia  
Com o saber da academia  
Pra saúde melhorar  
A educação popular  
É bom que seja lembrado  
Que ela já existia  
Desde o século passado  
Nasceu da luta do povo  
Que sonhava um Brasil Novo  
Justo, democratizado

### **Ceno 6**

A educação popular em seus diálogos com o processo de trabalho produziu uma torrente de questionamentos e reflexões:

### **Ceno 3**

Quem está ouvindo o povo?  
Eu me pego a refletir  
Se minha comunidade  
Porem não está nem aí  
Se os jovens estão se matando  
Porque vou me preocupar  
Em virar uma garrafa  
Pra mosquito não entrar?

### **Ceno 1**

Os educandos trouxeram  
Com muita sabedoria  
Com a expressão criativa  
Que a arte propicia  
As suas atividades  
Dentro da comunidade  
Que são de grande valia

## **Ceno 2**

Trouxeram varias maneiras  
E formas de expressão  
Que foram apresentadas  
Conforme a situação  
Sem medo e sem rodeios  
Mas o principal dos meios  
Foi a dramatização

**Ceno 1** - Mas não podemos esquecer das sínteses poéticas sobre os aprendizados.

## **Ceno 2**

*Preste muito atenção na história que agora vou contar,  
Não fala só da educação sanitária, mas também da educação popular.  
A educação sanitária com seu jeito autoritário  
Utiliza o modelo higienista e campanhista  
Estava à serviço das elites e esquecia do saber popular.  
(Educanda Rejane Santos)*

## **Ceno 3**

*Paulo Freire, um educador muito arretado que combatia toda forma de opressão  
Acreditava na horizontalidade e igualdade de participação  
Fez a crítica a educação sanitária e abriu caminhos para a emancipação  
(Educanda Rejane Santos)*

## **Ceno 4**

*Uma das práticas mais utilizadas que não podemos deixar de relatar  
É o círculo de cultura e os princípios da educação popular.  
O círculo de cultura é um processo pedagógico direcionado e com tema originado  
Que estabelece, não a técnica de ensino, mas a troca de saberes e experiências compartilhadas.*

## **Ceno 5**

*Porque sem os princípios da educação popular*

*O diálogo, amorosidade e problematização*

*Não conseguiremos ajudar a população*

*E são esses princípios que potencializam a participação*

*(Educanda Rejane Santos)*

## **Ceno 1**

*No EdPopSUS estamos*

*Tendo a oportunidade*

*De ser multiplicadores*

*De uma nova mentalidade*

*Que a gente não acreditava*

*Mas que bem guardado estava*

*Dentro de nossa vontade*

*(Educando Rivelino Soares )*

## **Todos - Parada III – Direito à saúde e promoção da equidade em saúde**

**Ceno 1** – E equidade o que seria? Recorremos ao caderno, na página setenta e dois: Equidade é um princípio que nos permite olhar em nosso imenso país e sua pluralidade, se por trás das diferenças existe desigualdades, incluindo os diferentes em suas necessidades. A equidade nos remete à justiça social, a superar as diferenças na acessibilidade, a romper com o preconceito e a discriminação e pensar as estratégias que promovam a inclusão.

**Ceno 2** – O ato cenopoético problematizou o tema com o roteiro cenopoético, Política Nacional de Educação Popular em Saúde em diálogo com as Políticas de Equidade no SUS<sup>2</sup>.

**Ceno 1** – Menino, mas quando falamos de equidade, parece que esse povo esqueceu tudo que tinha dito!

**Ceno 2** – E foi? Por quê?

**Ceno 1**– Pois não é que quando traziam as situações de iniquidade para serem modificadas, foram poucos os que apontaram estratégias nas quais eles mesmos seriam os protagonistas?

---

<sup>2</sup> O roteiro foi produzido pelo cenopoeta Ray Lima para a Caravana da Equidade e da Educação Popular em Saúde que circulou por 19 municípios do Ceará

**Ceno 2** – Ai vai! E quem era o protagonista?

**Ceno 1**– O prefeito, o governador, a secretária de saúde, os governantes...menos eles mesmos.

**Ceno 2** – Mas eu sei o que é isso! Isso é a cultura dominante fazendo eles acreditarem que não podem mudar nada.

**Ceno 1**– Mas como provocar os educandos a trazer seu contexto social e cotidiano? Encontramos um jeito de aprofundar essa reflexão lembra? “O que vejo de minha janela pra fora?”

**Ceno 2** – Lembro muito bem, pois foi aí que a violência e as desigualdades surgiram fortemente, bem como a sobrecarga que os trabalhadores sentem ao se envolverem com esse nível de complexidade.

**Ceno 1** – E o círculo de cultura nos permitiu desvelar as situações limite, como exemplos da realidade vivenciada. Esta metodologia com a problematização nos permitiram traçar estratégias de ativação.

**Ceno 3**– A violência surgiu  
Como tema-gerador

Ao colocar a realidade

Um jovem assim falou

“Tô quase ficando louco

Quando escuto um papoco

Penso que alguém atirou

**Ceno 4** –.Na problematização, a escola e suas situações- limite. Ampliação das vagas, garantir a segurança na escola e na comunidade é questão fundamental.O tráfico e violência na vida cotidiana nos faz buscar algumas âncoras.

**Ceno 1** - Brincar de *Escravos de Jó* foi uma maneira de unirmos o lúdico à reflexão.

**Ceno 2** – Existe umas frases feitas

Que eu costumo dizer:

Brincadeira é coisa seria

Que faz a gente aprender

E vivo sempre falando:

“Gosto de fazer brincando

Mas não brinco de fazer”

**Ceno 1** - Para referendar a importância da arte e da ludicidade, Dantas<sup>3</sup> nos lembra que as expressões artísticas como espaço de criação e problematização, representam, também, a possibilidade da emergência do lúdico, do simbólico, trazendo à cena outros elementos além da verbalização e permitindo expressar o cotidiano em seus conflitos, contradições e potências.

**Ceno 2** – No decorrer de todo curso

Era grande a agitação

A brincadeira rolou,

Na devida proporção

Foi a forma que encontramos

E com ela nós juntamos

O lúdico à reflexão

**Ceno 2**– E o que danado é essa tal de cultura?

**Ceno 1** –Bem, o que eu posso dizer é o que aprendi com os educandos do EdPopSUS de Fortaleza. E eles nos disseram que cultura é....

*É expressão, é linguagem,*

*Arte, manifestação,*

*Identidade, costumes,*

*Modo de vida, tradição*

*Comportamento do povo*

*Manifestação popular,*

*As crenças e os valores*

*Que levam ao bem-estar.*

**Ceno 2**– Essa conversa foi diversa e polifônica.

---

<sup>3</sup> DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas cirandas da vida em Fortaleza-CE.** 2009. 323f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.

**Ceno 3** - Da cultura da automedicação com a cultura popular às tradições do cuidar nos terreiros de umbanda e candomblé.

**Ceno 4** - Às festividades e o consumismo. Nesse movimento o Funk apareceu como um tema-gerador. Seria o Funk uma expressão cultural?

**Ceno 5**- Emergiram também o machismo, a cultura da infelicidade, a indústria da seca, o contexto social;

**Ceno 6** - Qual o papel de cada um na sociedade? Como romper com a reprodução do papel que o sistema nos impõe?

**Ceno 3** Como superar a cultura do medo e repensar as linguagens, os valores e fortalecer a nossa identidade?

**Ceno 4** – Somos multiculturais?

**Ceno 1** – Eu acho que sim e falando em multiculturalidade eu lembrei que no caderno da primeira edição do EdPopSUS, há uma referência ao mestre Paulo Freire nos lembrando do respeito à diversidade cultural e de que as culturas dialoguem sem que uma se sobreponha à outra<sup>4</sup>.

**Ceno 2** – Nas Cirandas da Vida escutamos muito as pessoas dizerem que esse diálogo, entre as culturas e suas linguagens foi denominado por um linguista russo chamado Bakhtin de *polifonia*<sup>5</sup>. Ele disse que a linguagem é marcada pela presença do outro cujas vozes discordantes podem se harmonizar.

**Todos** – E em meio às discussões sobre equidade, surgem reflexões do processo pedagógico

**Ceno 1**– Se tem gente reunida,

Pode crer, tem confusão

Os pactos não são cumpridos

Quebra a comunicação

Para poder se entender

Sempre é preciso fazer

Uma boa avaliação

**Ceno 1** - Lembra que questionamos “O que vejo da minha janela pra dentro” buscando trazer a avaliação do curso com os educandos se colocando como protagonistas e apontando as questões do curso que não estão sob sua alçada?

---

<sup>4</sup> Santos, Simone Agadir (Org.) Curso Educação Popular em Saúde. / organizado por Simone Agadir Santos e Gert Wimmer. - Rio de Janeiro, RJ : ENSP, 2013.

<sup>5</sup> BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**Ceno 1** – Sim, foi importante. Ali surgiu a necessidade de enfrentar um desafio: o equilíbrio entre a flexibilidade e o compromisso, entre a ludicidade e abordagem do conteúdo

**Ceno 2** – “Botar os pingos nos ís”

Rever o pactuado

Os acordos não cumpridos

Precisam ser revisados

Conversar bem direitinho

Pra retomar o caminho

E chegar do outro lado.

**Ceno 1** – Em meio à discussão do processo surge o tema da solidariedade. Lembra como discutimos?

**Ceno 2** – Claro que lembro, trazendo na acolhida a dinâmica da colher<sup>6</sup>. A brincadeira gerou muitas reflexões. Alguns disseram ter sido criticados porque ofertaram muito e o alimento caiu. Mas ele dizia: minha intenção era dar o melhor de mim. Por que tinha que dar pouco?

**Ceno 1** —mas todos estavam atentos e a atitude foi rápida, não ficaram esperando as coisas acontecerem.

**Ceno 2** —E vieram reflexões importantes como: A gente tende a ajudar quem tá mais próximo mas o cabo longo propicia ajudar quem está mais longe. Ou ainda: é preciso respeitar o querer do outro.

**Ceno 1** - E terminaram por concluir que a extensão da colher é a atenção ao outro e que também é o meio.

#### **Todos - Parada IV – Território lugar de história e memória**

**Ceno 2** — Olha a feira! Olha a Feira! –

---

<sup>6</sup> Uma colher de cabo imenso é disponibilizada a um grupo em círculo, com uma bacia no centro. O objetivo é que todos se alimentem. Por conta do tamanho do cabo, não se consegue alimentar a si mesmo, provocando o movimento de um alimentar o outro.

**Ceno 1**– Pra quê essa feira?

**Todos** – Ora, a feira do nosso *Território* é um lugar de *história e memória!*

**Ceno 2** - *Na feira do EdPopSUS*

*Tem de tudo pra vender*

*Tem reisado e maracatu*

*Conhecimento e saber*

*Quem tá fora quer entrar*

*Amigo, pode chegar*

*É sempre bom aprender (Rivelino Soares)*

**Ceno 1** - A Feira do Soma Sempre

Pelo Ray Lima criada

Que nas Cirandas da Vida

Foi logo vivenciada

Sua base e referencia

É a educação popular

É Escambo, Cenopoesia

E vai problematizar

A história e a memória

No território, lugar

**Ceno 2** - A Feira (do Soma Sempre) é livre e altamente rotativa. (...) Não há espaço para ilhamentos, inércia, para o não movimento. não há preocupação com setorização das riquezas postas em relação; controle nem departamentalização do poder, do saber, da ideação criativa do mundo.[..].<sup>7</sup>

**Ceno 1** – Uma belezura foi a construção da árvore do SUS lembra? Havia diferenças entre as visões dos trabalhadores de saúde e os atores do movimento social.

**Ceno 3** - Agora, meu cumpade minha filha tá precisando de uma ÁRVORE!

**Ceno 4** - Oxe, mas é justamente o que tenho aqui. A árvore do SUS!

---

<sup>7</sup> LIMA, R. Feira do Soma Sempre e a Produção do Comum <http://redehumanizasus.net/7391-feira-do-soma-sempre-e-a-producao-do-comum/2009>

**Ceno 5** - Que bonita! E dá tudo quanto é fruta!

**Ceno 6** - Mas espera aí, essas raízes não estão podres não?

**Ceno 3** – Bem, elas não são assim, “nossa que beleza”, mas com a força dos movimentos sociais e populares nós podemos fortalecê-las.

**Ceno 2** - E foi bonito aprender sobre as conquistas históricas dos movimentos. A fala de moradores dos territórios apontando as melhorias, a memória afetiva e conquistas organizadas pela comunidade.

**Todos –**

*É proibido cochilar, cochilar*

*Tem que lutar, tem que lutar*

*É proibido cochilar, cochilar*

*Tem que lutar, tem que lutar*

**Ceno 3 -**

*Na Messejana o pau comeu*

*A lagoa tava que dava dó*

*O povo todo se reuniu*

*Pra defender o que era seu*

*Com muita luta se conseguiu*

*E a construção não aconteceu*

**Ceno 4 -**

*A poeira sobe o suor desce*

*O Pirambu foi lutar*

*Porque o povo carece*

*De um lugar pra morar*

**Ceno 5 -**

*Jangurussu é o primeiro*

*Que começou a gritar*

*O legado da copa*

*Também pro lado de cá<sup>8</sup>*

---

<sup>8</sup> Paródia criada coletivamente pelos educandos

## **Todos - Parada V – Participação popular no processo de democratização do estado**

**Ceno 1** - Tem coisas que a gente passa na vida que dava uma peça de teatro...

**Ceno 2** - É. E em se tratando de opressão, Augusto Boal inventou um teatro do oprimido que segundo ele é uma forma de lutar contra a opressão, transformando o espectador em sujeito atuante, transformador da ação dramática<sup>9</sup>.

**Ceno 1** – Por isso mesmo resolvemos fazer o teatro fórum que é uma das técnicas do teatro do oprimido. Foi cada história!

**Ceno 2** - Me lembra aí...

**Ceno 1** – Gente que foi acusada de roubo por preconceito. A mulher que tomou a vez da outra na hora de sentar no cambão. O chefe que deixava todo mundo esperando e o ACE que não podia falar de outra coisa que não fosse arboviroses.

**Ceno 2** - Eita! E como é que resolveram essas situações?

**Ceno 1** – De tantas formas! Mas posso te dizer sem medo de errar que as principais foram o diálogo, o protagonismo e a participação!

**Ceno 2** - A popular ou a social?

**Ceno 1** – E tem diferença isso?!

**Ceno 2** - Mas é claro! E enquanto não entenderam, os educandos não sossegaram. O pessoal concluiu que pela via popular o negócio é mais ativo. A social também é, mas é que o Estado não tem se configurado de um jeito muito legal.

---

<sup>9</sup> BOAL, A. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

**Ceno 1** – Agora lembrei! Começamos trazendo elementos sobre cada uma e perguntando aos educandos em que tipo de participação se encaixava.

**Ceno 2** - Isso! foi o jeito de trazer o seu conhecimento prévio mas seguir problematizando. Alguns se empolgaram e levaram essa discussão para o I Encontro Nordestino de Saúde da Família.

**Ceno** – Ah, então, talvez por isso, deram tanta importância a ouvir as vozes da comunidade nos trabalhos de campo que identificaram as lutas no território.

**Ceno 2** – E assim, puderam refletir sobre a força que a organização e os saberes populares têm para modificar tanta opressão.

**Ceno 3 -**

*A luta em educação popular  
É algo que vem nos desafiar  
Só tem sentido no ato  
Se todos participar*

**Ceno 4-**

*Mas em que espaços devo levar  
Minha indignação e insatisfação?  
Tristeza e incerteza  
Onde encontro solução?*

**Todos - Vem comigo**

**Ceno 5 -**

*Nas conferências, conselhos  
E na luta social  
Nas leis que nos asseguram  
O direito à saúde universal*

**Todos - Vem comigo**

**Ceno 6 -**

*Participar é dever de todos  
Então vamos juntos lutar*

*Pois desde a constituição de oitenta e oito*

*O controle social ai está*

**Todos - Vem comigo**

**Ceno 1 –**

E o papel da mídia na sociedade

Também foi objeto de reflexão

Partindo das reportagens propostas e notícias da atualidade.

Pudemos aprofundar a problematização

**Ceno 2 –** Discutir sobre o que a imprensa anunciou do assassinato de Marielle Franco e sobre o Fórum Alternativo Mundial das Águas nos ajudou a compreender melhor o papel da comunicação

**Ceno 3 -**

*A participação popular*

*É luta direta em ação*

*Produtos concretos imediatos*

*Não estar subrdinado á regulação`*

**Todos -Vem comigo**

**Ceno 4-**

*Então aproveito companheiro*

*Para aqui citar o lixo a poluição*

*A violencia e a drogadição*

*Diabetes e hipertensão*

*Vejo o processo saúde doença se agravar*

**Todos -Vem comigo**

**Ceno 5 -**

*Para esses efeitos amenizar*

*Temos a cultura popular*

*O rock o hip hop*

*A dança a capoeira*

*A cultura dos chás ,as rezadeiras*

*São coisas que podem também nos completar*

**Todos -Vem comigo**

**Ceno 6 -**

*A participação social e popular*

*E sobretudo a arte de se comunicar*

*Através de fóruns teatro e dança*

*Para a atenção dos governantes chamar<sup>10</sup>*

**Ceno 1 –** As reflexões sobre uma comunicação dialógica nos fez retomar Paulo Freire a nos lembrar que “Persuadir implica, no fundo, num sujeito que persuade, , e num objeto sobre o qual incide a ação de persuadir. No caso pra que a comunicação seja dialógica, não há persuasão e sim reciprocidade.

**Ceno 2 –** Concordo e Freire<sup>11</sup> nos diz mais: diz que educar é comunicar e que comunicar é um encontro de sujeitos interlocutores.

**Ceno 1 --** E foi assim que a discussão do Estado democrático foi desencadeada.

**Ceno 2 –**

*Da maneira como está ninguém aguenta*

*O estado a serviço só de uma classe*

*E a vida vai ficando neste impasse*

*É do lado mais fraco que rebenta*

*E a cada medida que se inventa*

*Só aumenta a riqueza do patrão*

*Com o trabalho sem valorização*

*Para o pobre falta até o pão na mesa*

*“O progresso” devastando a natureza*

*O estado controlando o cidadão (Edson Oliveira)*

**Ceno 1 –** Por isso Gramsci já nos dizia:” Estado é certamente concebido como organismo próprio de um grupo, destinado a criar as condições favoráveis à expansão máxima desse

---

<sup>10</sup> Construção coletiva dos educandos para a Mostra Municipal do EdpopSus

<sup>11</sup> Extensão ou comunicação? 4. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

grupo, mas este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal <sup>12</sup>

**Ceno 2 –** E não podemos esquecer do papel dos meios de comunicação, porque a mídia pode se tornar uma das faces opressoras do Estado.

**Ceno 1 –** Esse é um perigo já conhecido. Marx e Engels<sup>13</sup> já alertavam: as classes antagônicas em luta são, no capitalismo, decorrência de relações sociais específicas que, no processo de produção da existência da vida em sociedade, opõem os proprietários dos meios de produção àqueles que só têm a vender a sua força de trabalho, transformada ela própria em mercadoria.

**Ceno 2 –**

E pra vivenciar essa parada  
No Conselho Municipal de Fortaleza  
Fomos todos em peso celebrar  
E também demonstrar nossa firmeza  
A vitória que aqui nos referimos  
É a política de educação popular  
Recentemente no conselho aprovada  
E que vamos tensionar pra implementar

---

<sup>12</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a. v.3,P 41.

<sup>13</sup> MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*: Teses sobre Feuerbach. São Paulo: Centauro Editora, 2006.



**Todos - Parada VI - O território, o processo saúde-doença e as práticas de cuidado**



**Ceno 1-** Discutir cuidado e território nos remeteu a mapear o território, os problemas de saúde e sua determinação social.

**Ceno 2-** A comunidade suas potencias e fragilidades. A pobreza e a liberdade humana.

**Todos - Qual a diferença entre indignar-se e ter pena das pessoas em situação de vulnerabilidade?**

**Ceno 1-** No Ekobé, vivenciar o Corredor do Cuidado <sup>14</sup> e o lava-pés fez emergir a potencia das praticas populares.

**Todos –**

*Vamos cuidar cuidador*

*O EdPop está vindo*

*Levando saúde com muito amor*

*Ver as pessoas sorrindo*

*Foi numa aula igual a essa*

*Que aprendemos esta lição*

*Cuida do outro*

*Cuida de mim*

*Sempre cuidar*

*Com dedicação*

*Com a educação popular*

*Tristeza e dor tem vez não*

*E com o brilho do seu olhar*

*Fez bem ao meu coração<sup>15</sup>*

**Todos** - E você, cuida?

**Ceno 3** - Eu cuido, porque o povo carece que façamos algo a mais que o sistema oferece.

**Todos** - E você, cuida?

**Ceno 4-** Eu cuido, porque precisamos da natureza para curar nossos males.

**Todos** - E você, cuida?

**Ceno 5-** Eu cuido, porque cuidar é sentir a dor do outro. E você, cuida?

Jaqueline: Eu cuido, porque o corpo e o espírito precisam ter equilíbrio.

**Todos** - E você, cuida?

**Ceno 5** - Eu cuido, nós cuidamos e quem cuida da gente? O certo é sermos cuidados e todos ficarmos contentes.

---

<sup>14</sup> O Corredor do Cuidado é uma vivência que vem sendo trabalhada pelos movimentos populares do Ceará partindo da possibilidade de é possível em grupo acolher e cuidar das pessoas do modo como desejariam ser cuidadas. Tendo como referenciao túnel da quadrilha junina, propõem que cada pessoa se permita fechar os olhos e caminhar pelo tunel para ser cuidado pelo coletivo de pessoas e assim perceba a importância do carinho, da amorosidade e do respeito com o outro e com a outra vivenciando a confiança no grupo, fundamental para seguirem juntos na jornada.

“A prática do corredor tem anunciado que o cuidar nem sempre necessita de técnicas apuradas, resgatando a naturalidade e a humanidade do ato de cuidar e fomentando novas relações no âmbito da saúde, referenciadas no respeito, no compromisso e na solidariedade mútuos” BRASIL. Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016

<sup>15</sup> Paródia criada pelos educandos Rivelino Soares e Valdicélio ???

**Ceno 1** - Problematizar o cuidado trouxe à tona princípios fundamentais da educação popular como amorosidade e autonomia

**Ceno 2** - Ser amoroso não é carregar a dor do outro. É valorizar a amizade, o afeto, o acolhimento, a gratidão, o reconhecimento e a história de vida de cada cidadão e cidadã.

**Ceno 1** - Problematizar o cuidado é valorizar os saberes populares como complemento à prática convencional ou, como alívio da carga do trabalho do ACS e da demanda do posto.

**Ceno 3** – É repensar o cuidado nos serviços e comunidades considerando a dimensão planetária, a contribuição das diferentes culturas e dos modos de organização social e econômica e das práticas populares e integrativas de cuidado para o SUS.

**Ceno 4** –É compreender o papel da indústria farmacológica e medicamentosa; é refletir sobre os problemas hídricos, os produtos industrializados e a saúde assistencialista e mercantilizada;

**Ceno 5** – Problematizar o cuidado a partir da educação popular é reconhecer, incluir e visibilizar as práticas populares, as plantas medicinais rezas, benzedadeiras, a meditação. É dizer não ao preconceito religioso.

**Todos** –

É com muita emoção e orientação, que falamos do cuidado

E é com muito cuidado que terminamos esse recado.

Falando com exatidão das experiências da população

Com práticas integrativas ressignificam o cuidado

E com muita humildade combate as iniquidades sociais

E de forma dialogada fortalece a coletividade.

Escuta e acolhe

Cuidar do outro faz bem

Ray Lima



## DO EDPOPSUS A CHAMA: luz sobre o caminhar da educação popular em saúde no Cariri cearense

Alex Josberto Andrade Sampaio  
Ivonildo dos Santos Silva

### Guias: Um aprendiz de Mezinheiro e um filho de Mezinheira

Lição (Alex Josberto)

*A maior lição se recebe em ocasião inesperada  
Quando educadores surgem entre nossos pares  
Esvazia-se o púlpito, e o lugar se enche de vida  
Palavras extraordinárias se fazem elementares*

*Ditos, não ditos, interditos se encontram no ar  
Encontros de vontades e desejos de mudanças  
Os verbos criam carne nas veredas do singular  
Sujeitos agora reunidos após tantas andanças*

*É a chance de aprender a ser na fala do outro  
O conteúdo por ser simples é o bem precioso  
A rica história daquela família dos dez irmãos*

*Que partilhavam um bolo sem haver desunião  
Eram dez pedaços e cada qual com seu direito  
Sempre ficava um pedaço, o do amor perfeito.*

Aprendiz de Mezinheiro e o filho da Mezinheira, foram escolhidos guias desse roteiro lírico, sentimental e provocador, sedimentado pelas lutas de outros tantos personagens que edificaram no solo da região do Cariri cearense as bases sustentáveis da Educação Popular em Saúde, tendo como polo irradiador a ANEPS-Cariri sediada na cidade de Crato-CE.

O Cariri, região localizada no sul do estado do Ceará, é um espaço em movimento como descreve o historiador, professor da Universidade Regional do Cariri e cronista, Carlos Rafael Dias:

*“Correm os seus riachos para o mar. Voam seus pássaros sob o fundo branco-azulado do céu com nuvens que estão sempre a desenhar as mais lúdicas imagens. A serra aparentemente estática também se move, com o seu verde às vezes tornando-se azul e, no verão, irradiando focos do rubro fogo e da branca fumaça. No dia-a-dia, ao longo do ano, destaca-se o*

*espetáculo espontâneo do vai-e-vem das pessoas envolvidas no labor, no fervor e no lazer, cujos palcos são as ruas, estradas, feiras, romarias, procissões e festas”. (DIAS, 2010).*

Quando as cidades reais com suas vicissitudes e problemáticas padecem das decisões equivocadas dos administradores aponta-se para uma cidade que surge do anseio e desejo dos artistas, poetas e loucos educadores: A Craterdã-Distrito de Avalon, cidade imaginada pelo poeta Geraldo Urano, cuja obra foi compilada recentemente no livro “O prato de Estrelas e o Ferrolho do Abismo” cujo acesso se dá pelo portal dos índios Kariris que se abre ao sopé da Serra do Araripe, apontando os caminhos para que a profecia não caia, não se perca a mística.

“foi uma pequena cidade  
hoje é crescida  
caminhando escuto a voz dos muros  
que em vários tons de tinta  
anuncia os produtos de qualidade  
e eu pergunto o que você sabe  
das alegrias desconhecidas  
dos homens de coração de qualidade  
quantas cidades!”(GERALDO URANO, 2015)

Como vaticinou o historiador Irineu Pinheiro: “Virá, amanhã ou depois, o momento propício”. Palco da revolução de 1817, Confederação do Equador, posteriormente da atuação emancipadora do padre Mestre Ibiapina, dos acontecimentos de Juazeiro, do milagre da hóstia das mãos do Padre Cícero, vertendo sangue na boca da beata Maria de Araújo, da guerra de 1914, a sedição de Juazeiro, do Caldeirão do Beato José Lourenço.

Os educadores desta edição do EdpopSUS, que pela primeira vez desembarca nestas plagas, são partícipes dessa história e já se encontraram no tempo seja ele Kronos, Kairós ou Aión, atuando em diversas lutas comunitárias pelo direito ao bem viver. E agora embarcaram juntos nas asas da arte e da educação popular como educadores do EdpopSUS.

O entrosamento foi natural como um parto nas mãos da parteira na tradição, as fragilidades foram compensadas na base da complementaridade. Pela troca de saberes, ajuda e compreensão mútua, as potencialidades se somaram e se multiplicaram, jamais subtraídas, pois tudo é dividido sem ilusão da separatividade. Com humildade que vem de

húmus - terra fértil, o ser se faz mais no modo de ser cuidado. Na consciência de que sozinho, isolado, ninguém é capaz, contam com outros companheiros e companheiras de chão e sonhos, tecendo fios nos desafios, lançando sementes e cultivando as plantas da educação popular que já crescem no solo *kariri*.

Complexo não é sinônimo de difícil, mas sim aquilo que é tecido junto, com muitas mãos e corações, como diria Edgar Morin(2001). As primeiras experiências vivenciadas no processo de formação com os educandos no município surgem a partir do contato em grupo e de suas percepções no tocante à reflexão sobre a metodologia do curso e o passeio pela linha do tempo da ANEPS-Cariri e da PNEPS-SUS. Marcada na pisada do coco de dona Edite e as mulheres do coco da Batateira, corporificada no teatro e canto performático de *João do Crato*<sup>□</sup>, no discurso de *Abdoral Jamacaru*<sup>□□</sup>, gravada na xilografa de *Carlos Henrique*<sup>□□□</sup>, na batida do maneiro pau de Mestre Cirilo, curada e reinventada na homeopatia popular e permacultura de Cicô Inventor e nas ervas das Mezinheiras do pé de Serra, no grito da negritude das gemêas *Valéria e Verônica Carvalho*<sup>□□□□</sup> do Grunec, no amar de Iracema, na poesia e intervenção urbana do mestre Alexandre Lucas fazendo ressurgir do espaço excluído, um território criativo na Comunidade do Gesso, representando tudo que foi tocado e implicado pela Educação Popular em saúde.

Percebemos desde os primeiros encontros, um grupo de educadores a revelar momentos florescentes de possibilidades e ferramentas que trazem para os viventes um fortalecimento e autoconhecimento do papel pessoal, profissional, identitário e territorial, o qual vem gerando um empoderamento quanto à aceitação da proposta para o processo formativo. Essa percepção surge a partir das temáticas abordadas, quando se discute a construção de uma gestão participativa, considerando as experiências dos sujeitos implicados no curso como fio condutor do processo educativo.

As cartas dos educandos apontaram o caminho, sinais de vida, sinais de inquietações, desejos profundos, conjugações do verbo esperar. Como diz nosso conterrâneo caririzeiro e parceiro da educação popular:

*“Cartas são um jeito de fazer amor.*

---

\* O mais controverso, intrigante, audacioso e talentoso intérprete da região do Cariri cearense. Representa a educação popular, a música e a cultura de uma forma mais honesta e plena possível.

\*\* É natural da cidade de Crato/CE, cantor, compositor e um dos mais reconhecidos representantes da música popular produzida na região do Cariri.

\*\*\* É natural da cidade de Crato/Ceará, na região do Cariri, xilógrafo, membro da Academia de Cordelistas do Crato.

\*\*\*\* Ativistas do Movimento Negro, de Mulheres e LGBT na região do Cariri cearense, membros integrantes do Grupo de Valorização Negra do Cariri-GRUNEC.

*Uma carta, diferentemente de um relatório,  
pressupõe sentimentos, saudades, afetividade,  
vontade de se expressar, desejo de se encontrar”.*  
(SANTIAGO, 2008)

As cartas andam em desuso, mas o EdpopSUS reconhece este instrumento de comunicação, que possibilita o conhecer, reconhecer, se reconhecer. As cartas dos educandos são cartas de Amor, emocionam, se enraízam numa causa/casa comum.

Fernando Pessoa (Álvaro de Campos) dizia:

*“Todas as cartas de amor são  
Ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem  
Ridículas.  
As cartas de amor, se há amor,  
Têm de ser  
Ridículas.”*

*Mas, afinal,  
Só as criaturas que nunca escreveram  
Cartas de amor  
É que são  
Ridículas.*

O Carteiro e o poeta (Alex Josberto)  
*Sr. Carteiro, grave os sons que encontrar:  
Envie para mim o canto dos pássaros  
As batidas dos suaves passos  
Aquele leve e gentil sussurrar*

*Eternos sons da casa materna  
Registre a respiração que acelera  
Com as lembranças da infância  
Repleta de sonho e de esperança*

*Adentre o jardim, o cair de folhas  
Grave todas estas notas roucas  
Em horas breves da noite mais clara  
Não há nada mais terno que palavra*

*Vertida de pueris lábios  
Nas margens, gritos ávidos  
De crianças brincando na areia  
Acompanhando a cheia*

*Deste rio chamado coração*

*Na represa, ouça com emoção  
Escute o deslizar das águas  
Roçando as margens excitadas*

*E se ouvir as sereias  
E o silêncio das estrelas  
E se ouvir a lua, é simples assim...  
Grave! Depois mande tudo pra mim.*

(Inspirado em Neruda e no filme O Carteiro e o Poeta)

João Santiago, poeta e militante, educador popular e ex-coordenador nacional da Rede de Educação Cidadã-RECID, indica que as cartas constituem-se não só em recurso de comunicação, mas em potente instrumento pedagógico a “retomar a experiência do próprio Paulo Freire que, em seu tempo, também escreveu Cartas Pedagógicas, publicadas nos livros “Cartas à Guiné-Bissau”, “Cartas à Cristina” e “Pedagogia da Indignação”. A intenção das cartas pedagógicas, como assevera Freire (2000), é a de oferecer aos leitores (as) uma visão dinâmica das atividades que estamos desenvolvendo e a reflexão de alguns problemas que elas suscitam. Como o fez o próprio Freire em suas cartas, conforme se observa abaixo:

*“Se alguém me perguntar, com irônico sorriso, se acho que, para mudar o Brasil, basta que nos entreguemos ao cansaço de afirmar que mudar é possível e que os seres humanos não são puros expectadores, mas atores também da história, direi que não. Mas direi também que mudar implica saber que fazê-lo é possível”  
(FREIRE, 2000).*

Por meio das cartas de Frei Betto, ficamos sabendo o que se passou nos porões da ditadura no Brasil. Elas, escritas por Olga Benário, foram portadoras do horror do holocausto e do nazismo de Hitler na Alemanha. É por meio delas que nos deparamos com sentimentos mais profundos dos apaixonados. Aliás, só apaixonados, conforme nos mostrou o poeta português Fernando Pessoa, escrevem cartas de amor. E, segundo ele, só escreve cartas de amor **aqueles(as)** que não têm medo de expor o que pensam, o que sentem, o que amam... As cartas pedagógicas de Paulo Freire recolocam a educação no espaço do coloquial e do afetivo. Em verdade as cartas foram essenciais na construção da gestão compartilhada do curso e o percurso formativo. Educanda Ana Lúcia Araújo\*:

*É com imenso carinho  
Que resolvi escrever*

*Como foram nossos encontros  
E a todos poder dizer*

---

\* Ana Lúcia Araújo é Agente Comunitária de Saúde e Poetisa, residente do Bairro Pinto Madeira, envolvida em ações na comunidade Alto da Penha.

*Que o curso EdPopSUS  
Jamais irei esquecer*

*Vou resumir um puquinho  
Sobre o que nós estudamos  
Nesses encontros do curso  
O qual nós participamos  
Dentre as aulas de campo  
E os trabalhos que elaboramos*

*No nosso primeiro encontro  
Fomos convidados a levar  
Tivemos o corredor do cuidado  
Um momento que nos fez relaxar  
E nos ensinou que precisamos  
Uns dos outros cuidar  
Foi mesmo inesquecível  
Não há como não lembrar*

*Também foram divididos  
Vários grupos para estudar  
Cada equipe falou de um tema  
E a nossa veio a falar  
Da construção do projeto  
Democrático popular*

*No nosso segundo encontro  
Tivemos um ótimo momento  
E a presença de Ciçôr  
Que conosco dialogou  
E ainda nos ensinou  
A fazer um cata-vento*

*No terceiro encontro tivemos  
Até dança circular  
Que Sandrinha apresentou  
E fez todo mundo dançar  
Essa dança com certeza  
Fez a gente se animar*

*Nós assistimos também  
Um vídeo com mezinheiras  
Relatando experiências  
Sobre medicações caseiras  
Que as mesma faziam em casa  
Cada uma a sua maneira*

*Assistimos um outro vídeo  
Que o Ivo colocou  
Contando um pouco da história  
De vida do educador  
Conhecido por Paulo Freire*

*Algo que nos identificássemos  
Ou que pudesse representar  
Os cuidados com a saúde  
Foi mesmo de encantar*

*E pra mandala do cuidado  
Cada uma fez a sua doação  
Foram doados os livros e sementes  
Foi um dia de grande emoção  
Um a um se apresentou  
Falando da sua profissão*

*Que toda turma amou*

*Tivemos vários trabalhos  
Inclusive até debatemos  
Sobre a problematização  
Das experiências que tivemos  
Na área de atuação  
Do trabalho que exercemos*

*E era o nosso trabalho de campo  
Nos reunimos então  
Com a nossa bela equipe  
Camada: juntos em ação  
Para debater e explicar  
Sobre sistematização*

*Fizemos um outro trabalho  
Na qual foi elaborar  
Um projeto em equipe  
E depois fomos apresentar  
E o que a gente elaborou  
Fez até Alex brincar*

*Ao elaborar esse projeto  
Nos divertimos demais  
Pois se tratou do regate  
De brincadeiras culturais  
Como pular corda e peteca  
Trancelim e outras mais*

*Esteve presente o Luan  
Que veio Participar  
Também do nosso encontro  
E seu trabalho mostrar  
Fazendo malabarismo  
Foi mesmo de encantar*

*E o jovem Murilo Junior  
Também esteve presente  
Trouxe consigo um assunto*

*Para debater com a gente  
A intolerância religiosa  
Que está muito frequente*

*Apresentamos mais um trabalho  
Dessa vez para formar  
Um Circulo de Cultura  
Onde pudemos convidar  
Pessoas da comunidade  
Para junto dialogar*

*E nessa roda de conversa  
Cada um pôde expressar  
Como estava o seu bairro  
E o que faltava melhorar  
Falou-se de tudo um pouco  
E o que precisava mudar*

*Tivemos quatro convidados  
Que vieram para debater  
A violência contra a mulher  
E também esclarecer  
Possíveis dúvidas que a gente  
Acaso pudesse ter*

*E mais um trabalho de campo  
Nossa equipe desenvolveu  
Fizemos um relatório  
De tudo que aconteceu  
Durante as aulas do curso  
Que só nos enriqueceu*

*O musico Abidoral  
Também veio participar  
Da nossa roda de conversa  
E nosso curso animar  
Com sua voz e violão  
Fez toda turma cantar*

*E o médico José Flávio  
Também veio interagir  
Ministrando uma palestra  
Para toda turma ouvir  
Falou da diversidade  
Cultural do Cariri*

*Em uma de nossas aulas  
Saímos em caminhada  
Para o território do Gesso  
E nessa pequena jornada  
Fomos conhecer a sede  
Do Coletivo Camaradas*

*Chegando lá, o Alexandre  
Nos recebeu gentilmente  
E contou um pouco da história  
Do Coletivo pra gente  
E a professora Aline  
Também esteve presente*

*Conhecendo territórios  
Tivemos a oportunidade  
De conhecer a história  
De uma comunidade  
Conhecida por Chico Gomes  
Que vai nos deixar saudade*

*E foi nessa comunidade  
Que conhecemos as Meizinheiras  
Dona Penha e Iraci  
Duas mulheres guerreiras  
Que lá fazem as mezinhas  
Cada uma a sua maneira*

*Conhecemos um outro lugar  
Que me encantei só de ver  
Chamado Lar de Francisco  
Que não vou mais esquecer  
Quero agradecer a Naldo  
Por tão bem nos receber*

*Durante a nossa visita  
Fomos convidados a participar  
De uma terapia comunitária  
Nesse tão belo lugar  
Onde há práticas integrativa  
E também complementar*

*Durante as atividades  
Que a gente desenvolveu  
Falamos sobre saúde  
Nossa equipe escreveu  
Um belíssimo jornal  
Do que no bairro aconteceu*

*Tivemos palestra sobre Reiki  
Onde pudemos conhecer  
Um pouco sobre essa prática  
E bem melhor entender  
A importância e benefícios  
Que o Reiki pode trazer*

*A todos os convidados  
Só temos que agradecer*

*Por cada conhecimento  
Que vieram nos trazer  
Desde a contação de histórias  
Experiências e saber*

*Aos nossos educadores  
Também quero agradecer  
Por cada aprendizado  
Que só vem a enriquecer  
Nossa vida pessoal  
E também profissional  
Nos ajudando a crescer*

*Trabalhar educação em saúde  
É também reconhecer  
A importância que traz  
Cada povo o seu saber  
Valorizando sua cultura  
Suas tradições e cura  
No seu modo de fazer*

*E pra Feira do Soma Sempre  
A nossa turma levou  
Nosso primeiro jornal  
Que a equipe elaborou  
Contendo nele encontros  
Que a gente participou*

*Do bairro Alto da Penha  
Levamos para apresentar  
O Projeto cultural sustentável  
Para ao público mostrar  
Criado por Isabel  
Que é moradora de lá.*

A partir de uma metodologia libertadora, que guiou todos os temas debatidos em sala, o convívio em grupo, a interação e articulação dos membros; o desenvolvimento e a espontaneidade nas discussões, a cada encontro foi amadurecendo, tornando assim, o espaço cada vez mais aberto, democrático e respeitoso nos diversos pontos de vista e posicionamentos de cada membro. Além disso, ficou visível o respeito pelas diferenças na posição social e profissional, relatado por muitos que, ali no convívio em coletividade, se tornaram iguais perante a luta por uma causa comum, dando-lhes o sentimento de que não estão sozinhos na caminhada.

Bem viver (Alex Josberto)

*Há um ancestral princípio, o do bem viver  
De raiz nas primeiras nações do continente  
Que na modernidade não é mais vigente  
Pela imposição do Capital à primazia do ter*

*O Ser foi esquecido pelo poder dominante  
Transformou em recessivo o que é humano  
Hoje em dia sois máquina, não sois homem  
Vale o que é aparente e seus tristes danos*

*À essência vital, tudo aquilo que não muda  
No interior de si, palco da incessante luta  
Que travamos contra as formas de opressão*

*Desta luta depende a integridade da Criação  
Recuperar urgente aquele antigo postulado  
Para renovar relações do mundo do trabalho*

Poeta e militante João Santiago o menino do cariri, natural de Salitre nos questiona:

*“Mas o que é educar?/ Tem a educação bancária, tem a educação popular/ Uma ensina a obedecer, a outra a aprender porque ensina a pensar/ Educação popular é por si só diferente/ Ninguém educa ninguém, faz-se coletivamente/ Não tem um saber maior, porque não tem um menor, tem o saber que é diferente/ Educação popular não se faz na solidão/O caminho da liberdade é o mesmo da educação/ Somente o amor humaniza/ A educação deve e precisa acontecer em união”.*

Nesse sentido, os educandos trouxeram em suas bagagens para o compartilhamento, não só suas experiências, mas também o sentimento de desabafo de suas realidades e desafios enfrentados diariamente em seus territórios, no qual reiteram que as respostas almejadas

para mitigar soluções, não são as mais esperançosas. Assim, em nosso papel de educador, acolhemos os depoimentos que em todos os encontros foram vivenciados, mesmo muitas vezes desviados de um assunto que deu abertura para tal. A saída momentânea foi a problematização dos mesmos **com** o coletivo buscando os meios possíveis de não se abaterem, pois eles estarão presentes, seja na vida pessoal e profissional, seja em comunidade/sociedade.

Haicais (Alex Josberto)

*não é justo que a casa de taipa  
abrigue a culpa  
de casos da doença de chagas*

*o que justifica neste século  
haver flagelos  
que não são de protozoários?*

Reafirmar os educandos como protagonistas e atores capazes de contribuir para um atendimento e uma atenção básica mais humanizada, abriu caminhos e meios de desenvolvimento de suas potencialidades, inclusive quando com eles pudemos contar na mediação de práticas/temáticas dentro dos eixos do curso à coletividade. O aprendizado se tornou ainda mais rico, visto que a liberdade e a igualdade permearam entre educadores e educandos no sentido de compartilhamento de ideias, posicionamentos e experiências.

TRABALHADOR DA SAÚDE (Alex Josberto)

*sem trabalho não sou nada  
mas sem saúde  
quem é de fato que trabalha?*

*ferramenta de trabalho  
é a saúde mental  
sem ela não há trabalho*

*porquê a gestão não enxerga  
que sem gestão  
do trabalho ficamos às cegas?*

*salário digno e condições de trabalho  
para fazer saúde  
o que precisa o trabalhador da saúde?*

*lutar pelo direitos na saúde  
é um defeito?  
precisamos dos imperfeitos*

## **Das experiências presentes nos territórios trazidas pelos educandos (as):**

Retomamos Santiago que assim se reporta aos círculos de cultura: “se constituem no lugar pedagógico por excelência! Onde mulheres e homens se encontram para ser mais. Neste lugar, como diz Paulo Freire (2000), não há sábios nem ignorantes absolutos. Há homens e mulheres, com saberes diferentes. No entanto, carregam consigo exigências especiais. Têm um tempo, um jeito e exigem um cuidado. Não podem ser feitos de qualquer jeito ou a qualquer momento. Não podem ser resumidos a um “cerco de cultura”.”

Cientes disso, os educandos trouxeram o canto e a memória do povo de um lugar, a dança do coco quando nas tapagens das casas de barro, em que a comunidade se unia na dança do trabalho coletivo para pisar o barro, para rebocar as paredes. Os reisados do *Mestre Zé Estênio*<sup>□</sup> na serra do Araripe, do mestre *Dedé de Luna*<sup>□□</sup> do bairro Muriti, em que pese a queixa dos mais antigos do pouco interesse dos mais jovens em continuar com a rica tradição, que mesmo assim, esse patrimônio familiar e cultural vem resistindo aos (des)encantos da modernidade

Tem também em nossos territórios do vale e da chapada do Araripe, as bandas de pífanos e cabaçais dentre as quais a mais famosa a dos Irmãos Aniceto, os cantadores de repentes animando as renovações do coração de Jesus, que até hoje em cada casa junta-se a família e toda vizinhança para esse momento anual.

As festas de Padroeiros que são tantas, a citar: Todas as Nossas Senhoras, São Sebastião, Santo Antonio, São José, São Francisco, Coração de Jesus dentre outras; as conversas de terreiro em torno das fogueiras enquanto as crianças brincam de roda. Trazem ainda, a figura do cantor violeiro *Estênio Lima*<sup>□□□</sup>, falecido em acidente automobilístico em 2016, que com suas melodias enalteceu a natureza e sua preservação, cantou o Soldadinho do Araripe, ave endêmica da região, símbolo de luta e resistência das causas ambientais e deixou sua semente para seu filho que com oito anos já segue através das cantorias autorais do pai.

Assim, não podemos deixar de citar as mulheres de extrema importância com suas características de amorosidade e cuidado nas comunidades; Parteiras, como Dona Guiomar, mãe de agente de saúde da comunidade, e nossas tão procuradas Rezadeiras:

---

\* Zé Estênio de Lima, Mestre da cultura popular e representante da tradição do reisado, residente do Distrito de Santa Fé - Baixa do Maracujá - Chapada do Araripe - Crato - CE

\*\* Mestre José Francisco Luna, popularmente conhecido como Dedé de Luna.

\*\*\* Estênio Lima cantor e compositor da Chapada do Araripe - Crato CE, falecido em acidente automobilístico em 2016.

*Dona Josina, Marinete, Tindô, Socorro, Zefinha, Neuda*<sup>□</sup> e outras que, além das rezas, ensinam chás, lambedores, banhos de ervas, café torrado de várias ervas para vários males. Tem as que rezam em crianças e as que rezam em adultos, de peito aberto e espinhela caída. Práticas populares de cuidados, desenvolvidas e/ou consideradas pelos educandos no seu processo de trabalho, mas ainda distantes do planejamento da saúde.

E falando de cuidado, o psicólogo Roberto Crema do colégio Internacional dos Terapeutas-CIT e Reitor da Universidade Holística da Paz-UNIPAZ, reflete:

*“a arte de cuidar é a de saber interpretar e, a partindo desse, ponto saber escutar, olhar, abençoar, sorrir. Todos nós podemos ser terapeutas. Ser um terapeuta é cuidar, é escutar, é interpretar, é abençoar e é também sorrir”*

Neste sentido, o EdpopSUS valorizou as práticas integrativas e populares cuidado em saúde já incorporadas pelos educandos que se reabasteceram nessa caminhada para continuar ousando: Reiki, danças circulares sagradas, meditação, arteterapia, terapia comunitária integrativa, hipnoterapia, meditação, massoterapia, imposição das mãos. Amor e benção!

Não podemos também esquecer, os conselhos locais de saúde potencializados pela ação proativa dos educandos que animam nos territórios a participação social.

E as ações de educação popular ganhando cada vez mais espaço, substituindo antigas práticas de educação sanitária de mero repasse de informações e modelos campanhistas. Círculos de cultura, teatro-fórum, rodas de conversa com usuários, trabalhadores e gestão ganhando vida nas comunidades como poemas universais que superam o olvido da indiferença e a normose da apatia.

E (re)surge o cortejo de esperanças que segue pelas ruas do Crato—invaso o conselho municipal de saúde com licença poética, quebrando o protocolo diante dos conselheiros, alguns ainda apegados às amarras regimentais. Ação que soma forças ao movimento negro e, sob as bênçãos do baobá sagrado confiado ao EdpopSUS, encaminha a política municipal de educação popular em saúde incorporando as políticas de promoção da equidade e às práticas integrativas e complementares de saúde

E essa história não se acaba aqui. É só mais um ato. Muito ainda por fazer e por vir.

*Linhas (Alex Josberto/Bastinha Job)*

---

<sup>□</sup> Representantes comunitárias da Comunidade Baixa do Maracujá, Distrito de Santa Fé - Chapada do Araripe - Crato – CE.

*Atenção que a linha de chegada  
Não é mais do que a linha de partida  
Melhor é não se perder na estrada  
Nem sempre é reta a linha da vida  
Quando aparece uma curva  
É só saber contornar  
A água mesmo que turva  
Fica limpa ao se coar!*

*A educação pela qual precisamos trabalhar não é a que procura nos adaptar para os novos tempos, mas sim a que propõe a mudança do próprio sentido das mudanças.*

*(...) "A educação não deve, absolutamente, ser vista como um instrumento, mas sim como um permanente processo criativo de transformação. Em cada gesto, em cada opção pedagógica, estamos construindo a capacidade de mudar a cada dia".*

*(Oscar Jara Hollyday)*

## REFERÊNCIAS

CREMA, R. Uma breve introdução à Arte de Cuidar. Disponível em: <<http://robertocrema.com.br/uma-breve-introducao-arte-de-cuidar/>>. Acesso em: 11 de set. 2018.

DIAS, C. R. Cariri em movimento. Disponível em: <<http://blogdocrato.blogspot.com/2010/02/cariri-em-movimento-por-carlos-rafael.html>>. Acesso em: 11 de set. 2018

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Editora Unesp. São Paulo. 2000.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. Brasília, 2006. Disponível em: <[www.mma.gov.br/estruturas/168/\\_publicacao/168\\_publicacao30012009115508.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf)>. Acesso em: 11 de set. 2018.

MORIN, E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, p. 330. 2 ID. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa, Instituto Piaget, 2001

PESSOA, F. **Os Poemas Completos de Álvaro de Campos, Poesia**. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/08/Poemas-Completo-de-%C3%81lvaro-de-Campos.pdf>>. Acesso em: 11 de Set. 2018.

SANTIAGO, J. F. **Cartas Pedagógicas: um jeito de fazer amor**. 2008. Disponível em <[recid.redelivre.org.br/2008/08/05/cartas-pedagógicas-um-jeito-de-fazer-amor/](http://recid.redelivre.org.br/2008/08/05/cartas-pedagógicas-um-jeito-de-fazer-amor/)>. Acesso em: 11 de set. 2018.

SAMPAIO, A. J. A. Poemas inéditos não publicados.

URANO, G. **O prato de estrelas e o ferrolho do abismo**. Expressão gráfica e editora. Fortaleza. 2015



# MANDACARU QUANDO FULORA NA SECA: a experiência do EdPopSUS no sertão do Ceará<sup>16</sup>

Charlliane Fernandes Gonçalves Ribeiro  
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

## “CHEGUE MAIS PERTO ATOR, ATRIZ...”<sup>17</sup>

A educação popular, tal como a concebemos neste trabalho, tem dentre suas premissas o reconhecimento dos diferentes saberes e diferentes formas de lidar socialmente com eles, diferentes formas de educação (Brandão, 2013). É preciso tornar claro que a expressão educação popular já designou experiências no âmbito da educação que não expressam necessariamente nossa concepção. O termo educação popular já designou, por exemplo, propostas empobrecidas de educação para pobres (Costa, s/d).

A concepção de educação popular que adotamos, nasce em um contexto de grande desigualdade social que se demonstra em altos índices de analfabetismo, exclusão de grande parte da população à participação na política eleitoral, dentre outros, e a dinâmica de resistência nos anos 50 e 60 com as lutas por reformas de base como reforma agrária, reforma sindical, reforma política e reforma da educação, com referência à justiça social, à democracia e a uma perspectiva de transformação social profunda. Essa vertente social da educação é desenvolvida e sistematizada especialmente por Paulo Freire, pelo Movimento de Popular de Cultura, pelos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes e pelo Movimento de Educação de Base<sup>2</sup>. Ela toma a cultura como aspecto fundamental das práticas educativas, elemento que permite a existência de diálogo (“encontro dos [humanos], mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo” (FREIRE: 1978, p.93) e nele a construção de conhecimento, na qual se faz presente a “visão do mundo que o povo tenha” (FREIRE: 1978, p.215) e sua expressão e uma prática da “problematização dos homens em sua relação com o mundo” (FREIRE: 1978, p.77).

A educação popular em saúde, segundo Vasconcelos (2001) ganha consistência a partir dos anos 70 quando grupos de profissionais buscam, na relação com movimentos sociais, especialmente em bairros periféricos e pequenas cidades e povoados, reorientar suas práticas de educação em saúde tendo posicionamento político, compromisso com a igualdade e buscam se aproximar da população com sua dimensão cultural. Assim:

---

<sup>16</sup> O título do artigo e de cada tópico dele faz referência a músicas do repertório popular. Aqui fazemos referência à música Xote das meninas, composição de Zé Dantas e Luiz Gonzaga, que se fez popular na interpretação de Luiz Gonzaga.

<sup>17</sup> Cantiga *Qual a tua cor?* de Ray Lima.

no setor Saúde, a Educação Popular passou a se constituir, em vários serviços, não como uma atividade a mais entre tantas outras, mas como um instrumento de reorientação da globalidade de suas práticas, na medida em que dinamiza, desobstrui e fortalece a relação com a população e seus movimentos organizados (VASCONCELO:2001, p.123)

Vasconcelos (2001) aponta que atualmente as práticas de educação popular em saúde não se restringem ao modelo dominante na década de setenta, mas ganha espaço também nas grandes instituições, o que fica claro com o estabelecimento da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS), em 2013, a partir da articulação de trabalhadores da saúde e movimentos populares. A PNEPS-SUS tem como princípios o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção do projeto democrático e popular. Além dos princípios se apresentam as competências das instâncias federativas e os eixos estratégicos da política. Seus eixos estratégicos são participação, controle social e gestão participativa, formação, comunicação e produção de conhecimento, cuidado em saúde, intersetorialidade e diálogos multiculturais.

O Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) está diretamente ligado ao eixo estratégico “formação, comunicação e produção de conhecimento” (BRASIL, 2013), se estabelece no âmbito do Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde e se apresenta como estratégia prioritária do *Plano Operativo para implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde*, publicizado a partir da resolução, do Ministério da Saúde, nº 15 de 30 março de 2017 (Brasil, 2016).

Ainda em 2013, o curso é realizado prioritariamente para Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes de Vigilância em Saúde (AVS), conhecidos atualmente no Ceará como Agentes de Combate às Endemias (ACE). Nessa primeira edição o curso estava disposto em 53 horas de duração e se realizou em nove unidades da federação, dentre elas o Ceará. Já em sua segunda edição, na qual se deu a experiência sistematizada, a carga horária foi ampliada para cento e sessenta (160) horas, com objetivo de ampliar e aprofundar o que foi desenvolvido na edição anterior e desta vez está sendo desenvolvida em etapas, das quais já foram realizadas três, tendo o Ceará participado de duas.

Ainda durante a graduação, bacharelado em Serviço Social, tive a oportunidade de participar do projeto Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde do Brasil (VER-SUS Brasil)<sup>18</sup> no qual conheci a Estratégia Cirandas da Vida<sup>19</sup> e a educação

---

<sup>18</sup> Projeto de extensão promovido pela Rede Unida e Ministério da saúde, visa a formação para o SUS a partir da realidade desse sistema.

<sup>19</sup> Estratégia de educação popular em saúde ligada à Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza.

popular em saúde. A partir de então desejei conhecer mais a respeito e tomei conhecimento da existência do EdPopSUS, porém sem riqueza de detalhes. Somente em 2017, quando da primeira etapa da segunda edição do curso no Ceará, apesar de não ter tomado conhecimento a tempo de participar da seleção para educanda participei, mesmo sem matrícula, de todo o percurso de uma das turmas do município no qual atuava em um programa de Residência Multiprofissional em Saúde (RMS)<sup>20</sup> pelo programa Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública do Ceará (RIS-ESP/CE).

A RMS permitiu-me ainda, a partir de minha solicitação, maior aproximação com práticas de educação popular em saúde com a vivência de estágio eletivo e complementação de carga horária<sup>21</sup> junto à Estratégia Cirandas da Vida. A partir, principalmente, de tais experiências pude participar e ser aprovada em processo seletivo para desenvolver a prática de educadora popular na segunda etapa da segunda edição do EdPopSUS no município de Banabuiú, na região do Sertão Central cearense.

A experiência se deu, para mim, em diálogo com outro processo formativo, a Especialização em Promoção e Vigilância em Saúde, Ambiente e Trabalho (EPVSAT), também desenvolvida pela Fiocruz que teve a educação popular em saúde dentre seus eixos transversais e da qual participei enquanto educanda.

Assim, temos como objetivo geral deste trabalho identificar os processos de implementação da PNEP-SUS desencadeados pelo EdPopSUS a partir da segunda etapa do EdPopSUS no município de Banabuiú, no Sertão Central do Ceará.

Como objetivos específicos apresentar breve resumo da história do curso; discutir a experiência pelo olhar de educadora popular, articulando os aprendizados e sua relação com outras experiências como a de educanda da Especialização em Promoção e Vigilância em Saúde, Ambiente e Trabalho (EPVSAT) e apresentar possíveis itens de implementação da PNEPS-SUS desencadeado pelo EdPopSUS no município de Banabuiú-CE.

Empreendemos tal tarefa acreditando que tais reflexões possam produzir aprendizados capazes de contribuir tanto para um possível aperfeiçoamento da proposta do curso bem como acerca da forma de condução dos educadores populares animadores do EdPopSUS bem como apresentar informações que possam auxiliar outros municípios que desejem implementar a política de educação popular em saúde.

---

<sup>20</sup> Programa Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública do Ceará (RIS-ESP/CE).

<sup>21</sup> Em virtude de licença maternidade concluí a prática no território após o período pactuado entre o município (cenário de prática) e a instituição formadora, precisando complementar a carga horária prática em outro cenário.

## **“TU ME ENSINAS, QUE EU TE ENSINO, O CAMINHO, NO CAMINHO...”<sup>22</sup>**

A metodologia adotada foi a sistematização de experiências proposta por Oscar Jara (2006). Esta metodologia trabalha com uma reconstrução problematizadora da experiência, a partir da qual se podem realizar elaborações teóricas e obter aprendizados práticos. Holliday (2006) sintetiza – a da seguinte forma:

interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo (HOLLIDAY, 2006, p.24).

Com proposta fundamentada na concepção metodológica dialética a sistematização de experiências tem sido adotada no âmbito de práticas e movimentos sociais e para Holliday (2006) esta pode se organizar em cinco (05) tempos: ponto de partida, perguntas iniciais, recuperação do vivido, reflexões de fundo e pontos de chegada.

Aqui tomamos como ponto de partida a experiência do EdPopSUS em um município no Sertão do Ceará na segunda etapa da segunda edição e como pergunta de partida: Em que medida o EdPopSUS propiciou possibilidades de implementação da PNEPS-SUS em Banabuiú?

Essa pergunta conduz ao nosso objetivo geral de identificar os processos de implementação da PNEPSUS desencadeados pelo EdPopSUS a partir da experiência em questão.

Para isso, realizamos a recuperação do vivido retomando as anotações feitas no diário de campo, os relatórios encaminhados à instituição responsável pelo curso a nível nacional e à coordenação estadual e registros fotográficos e filmicos do vivido na experiência sob reflexão.

A partir da recuperação do vivido realizamos as reflexões de fundo, articulando os aspectos levantados da experiência com elementos da PNEPS-SUS relacionados. Este tempo da sistematização aqui se apresentará em tópicos de discussão nos quais se realizará o diálogo da experiência com autores da temática específica e de temas correlatos.

Considerando o processo de sistematização orientado pela coordenação estadual com o apoio dos apoiadores nacionais, organizamos a recuperação do vivido já articulada às reflexões de fundo nos tópicos que se seguirão, finalizando esse percurso com os aprendizados da experiência, os pontos de chegada, que apresentamos nas considerações finais deste trabalho.

---

<sup>22</sup> Referência à Ciranda do caminho Johnson Soares.

## 1. “ESTÁ TUDO VERDE, O ARROZ CACHEANDO, AS LAGOAS CHEIAS OS SAPOS CANTANDO” – EDPOPSUS NO CEARÁ<sup>23</sup>

Como estratégia prioritária do *Plano Operativo para implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde* de 2013 com atualização de 2017, o Curso de Aprofundamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) em sua segunda edição se organiza em eixos temáticos e com carga horária distribuída entre encontros designados como carga horária presencial e em trabalhos de campo. Os eixos temáticos do curso são: Eixo 1 – A construção da gestão participativa e a experiência como fio condutor do processo educativo; Eixo 2 – A educação popular no processo de trabalho em saúde; Eixo 3 – O direito à Saúde e a promoção da equidade; Eixo 4 – Território, lugar de história e memória; Eixo 5 – Participação social e participação popular no processo de democratização do Estado e Eixo 6 – O território, o processo saúde-doença e as práticas de cuidado.

Em primeira etapa desta segunda edição do curso, realizada no Ceará no período de 2016-2017 participaram 4 municípios do estado do Ceará, com 210 educandos em municípios participantes da edição anterior (Fortaleza, Horizonte, Maracanaú e Sobral). Na segunda etapa, na qual se insere nossa experiência, houve turmas em 12 municípios do estado (Aracati, Banabuiú, Baturité, Beberibe, Caucaia, Crato, Fortaleza, Guaiuba, Icapuí, São Gonçalo do Amarante, Pacatuba e Quixadá). Nessa edição foram formados no total 385 educandos. Contabilizando os educandos das três edições realizadas no estado temos um total de 2.382 educandos formados entre profissionais de saúde e atores de organizações e movimentos sociais e também trabalhadores de outras políticas públicas.

Pudemos visualizar todo um movimento no estado do Ceará no sentido de sensibilizar esses atores e muni-los de ferramentas para o desenvolvimento de práticas e implementação da política de educação popular em saúde.

Além da formação dos educandos, outro movimento importante do estado do Ceará nesse sentido é a atenção à formação dos educadores populares facilitadores do curso nos município. Nas duas últimas etapas (2016-2017 e 2018) a formação dos educadores avançou além do indicado pela instituição formadora (Fiocruz). Esta estabelece que as coordenações estaduais realizem oficinas formativas como segunda etapa do processo seletivo dos educadores com carga horária de quarenta (40) horas (Fiocruz, 2017). No Ceará além desta oficina ao longo do período do curso foram realizados encontros

---

<sup>23</sup> Dança da Chuva – Música de domínio público.

formativos mensais que permitiram um diálogo mais próximo com a coordenação estadual e o compartilhamento das experiências entre os educadores dos diferentes municípios.

Esses encontros, organizados na perspectiva de que pudéssemos sistematizar coletivamente o que estávamos vivenciando, nos ajudaram a refletir sobre a importância de sermos autores do conhecimento que produzimos sobre o que vivenciamos. Historicamente as instituições acadêmicas e seus pesquisadores têm sido os autores das reflexões vividas com movimentos, com estudantes. A proposta de sistematização de Jara Holliday aponta para essa nova possibilidade.

## **2. "EMBARCA, MORENA EMBARCA, MOLHA O PÉ MAS NÃO MOLHA A MEIA"<sup>24</sup> - EDPOPSUS EM BANABUIÚ, DO PROCESSO DE ARTICULAÇÃO**

Os caminhos vão se construindo na caminhada e assim a educação popular em saúde como política pública vai chegando à Banabuiú a partir da atual secretária de saúde do município, que fora preceptora de campo durante minha experiência como assistente social residente no município de Maracanaú, no qual esta foi também apoiadora local do EdPopSUS em sua primeira edição naquele município.

O convite para facilitar uma oficina para aperfeiçoamento dos processos de trabalho do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) no mês de maio do ano de 2017 permitiu ao município uma aproximação com a educação popular em saúde enquanto política pública, já que na mesma época, eu realizava vivência de estágio da residência multiprofissional em saúde na estratégia Cirandas da Vida em Fortaleza. Nesse percurso de aproximações, um educador popular já educador do EdPopSUS, natural de Quixadá e residente em Banabuiú durante a adolescência, desejou acompanhar-me neste processo formativo. A partir de sua disponibilidade reformulamos a programação da oficina incluindo uma apresentação teórica da educação popular em saúde e inserindo-a como metodologia condutora da oficina.

Na mesma época se iniciavam no Ceará as pactuações para a realização da segunda etapa da segunda edição do EdPopSUS. Como educador do EdPopSUS nas edições anteriores no estado, ao tomar conhecimento dessa movimentação para uma nova etapa do curso, viu uma oportunidade da educação popular em saúde se fazer viva ali no município. Esta percepção se deu em parte pelo interesse demonstrado pela secretária de saúde e também por ter vivenciado no município, quando jovem, experiências de educação

---

<sup>24</sup>Referência à música *Embarca, morena* de Pinduca. Adotamos no curso somente o refrão como canção de animação e apresentação.

popular nos Movimentos Eclesiais de Base (MEB) da Igreja Católica. Então dialogou com a secretária sobre a possibilidade do município se integrar ao grupo desta segunda etapa da segunda edição. A partir desses encontros a secretária de saúde do município buscou nas instâncias de pactuação<sup>25</sup> a oportunidade de levar o EdPopSUS a Banabuiú.

Após todo o processo de pactuação o município conseguiu integrar o grupo dos contemplados nesta segunda edição e nos editais de seleção foram disponibilizadas duas vagas para educadores populares e 35 vagas para educandos no município. Desejando continuar a fazer parte dessa caminhada da educação popular em Banabuiú, inscrevi-me na seleção para ser educadora do EdPopSUS ali, tendo sido aprovada.

Desse modo, Banabuiú, um município de 18.151 habitantes segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), distante cerca de 230 quilômetros de Fortaleza, capital do Ceará, integrante da oitava Coordenadoria Regional de Saúde<sup>26</sup>, deu início ao processo de vivência do EdPopSUS.

Tivemos no município uma turma de composição muito diversa, com agentes comunitários de Saúde (ACS), agentes de combate a endemias (ACE), profissionais da gestão (assessora e secretária administrativa da secretaria de saúde), profissionais do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e integrantes do sindicato municipal dos trabalhadores rurais.

### **3. “Ô MARINHEIRO É HORA, É HORA DE TRABALHAR! É O CÉU É A TERRA É O AR! Ô MARINHEIRO OLHA O BALANÇO DO MAR...”<sup>27</sup>”**

#### **3.1 Os encontros semanais - da metodologia e aprendizados**

O processo começou bem antes do primeiro encontro no município. Além da primeira fase do processo seletivo, os educadores, participamos da segunda etapa que se fez em um processo formativo de quarenta (40) horas. Nesse processo pudemos vivenciar a educação popular em sua essência. Esta nos conduziu ao longo de todo o curso, com aprofundamentos conceituais e metodológicos que se materializaram a partir de vivências cenopoéticas, leituras, discussões em grupo, práticas de planejamento, *feira do soma sempre*, *círculo de cultura*, práticas de cuidado e acolhimento com arte e práticas populares de cuidado. Essa oficina além de permitir a integração dos educadores favoreceu uma ampliação de repertório e a vivência do planejamento pedagógico considerando os tempos

---

<sup>25</sup> A definição dos municípios a integrarem essa etapa do EdPopSUS no Ceará se deu a partir de pactuação no Conselho das Secretarias Municipais de Saúde do Ceará (COSEMS-CE), Comissão de Integração Ensino Serviço (CIES) e Comissão Intergestores Bipartite (CIB).

<sup>26</sup> No Ceará a coordenação estadual da política de saúde se faz a partir da regionalização em Coordenadorias Regionais de Saúde (CRES).

<sup>27</sup> Referência à cantiga popular *Marinheiro*. Há versões aproximadas relacionadas à umbanda.

dos encontros e os princípios da educação popular a serem articulados no diálogo com as temáticas propostas para cada encontro. Além desses aspectos, foi apresentada ainda a questão da gestão acadêmica do curso e suas implicações.

Ainda sem conhecimento muito claro acerca da realidade local e com base nesse processo formativo inicial e nas experiências prévias da dupla de educadores, foi realizado o planejamento do primeiro encontro. Nesse momento já foi possível identificar como os educandos estão habituados a práticas do que Paulo Freire denomina educação bancária, na qual passivamente recebem comunicados dos educadores, recebendo e arquivando o que lhes é depositado por estes (Freire, 1978). Pareciam -nos ainda acanhados para assumirem seus papéis de protagonistas do processo, mas grande parte demonstrando abertura para esse novo que se lhes apresentava.

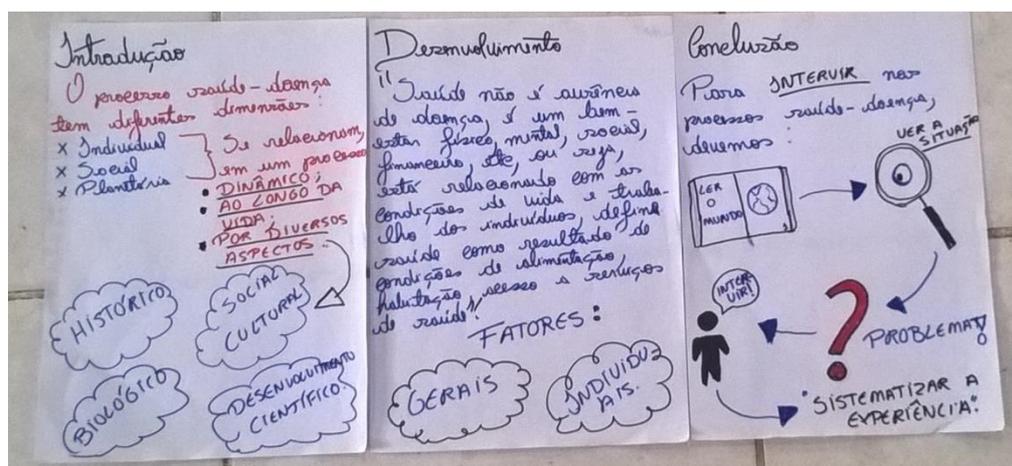
Outro desafio vivenciado foi o de fazer educação popular e não desenvolver uma prática de educação bancária com a temática da educação popular em saúde. Um dos pontos de partida e elemento essencial das práticas de educação popular é o levantamento do universo vocabular dos educandos, baseado na “ideia de que há um universo de fala da cultura da gente do lugar, que deve ser: investigado, pesquisado, levantado, descoberto” (BRANDÃO: 2011, p.11). A esse respeito Vasconcelos ressalta:

A valorização do saber popular permite que o educando se sinta “em casa” e mantenha a sua iniciativa. Neste sentido, não se reproduz a passividade usual dos processos pedagógicos tradicionais. Na Educação Popular não basta que o conteúdo discutido seja revolucionário, se o processo de discussão se mantém vertical (VASCONCELOS: 2001, p.124-125).

Esse movimento foi se efetivando à medida que convivemos com o grupo, com esses sujeitos, conhecendo seu modo de vida e de pensar, no contexto dos encontros presenciais do curso e para além deles, em diálogos estabelecidos em praças públicas e no grupo criado em aplicativo de mensagens para facilitar a comunicação. Esse universo vocabular se relacionava também à diversidade da turma com sujeitos de diferentes experiências no âmbito da saúde. Desde o tempo de atuação (pessoas que atuam no SUS desde os anos oitenta a pessoas que iniciaram no ano de 2017), aos diferentes vínculos de trabalho (de trabalhadores servidores públicos federais a cargos contratados por indicação política), às diferentes categorias profissionais (ACS, ACE, NASF, enfermeira de equipe de referência em saúde da família, profissionais do setor administrativo e integrantes do sindicato dos trabalhadores rurais) e os diferentes graus de escolaridade (de nível médio a mestrado).

Desse modo, considerando essa diversidade, a partir do segundo encontro, os planejamentos passamos como educadores, a ampliar nosso olhar tendo como referência aproximação com os educandos e seu universo vocabular.

As propostas metodológicas para cada encontro foram construídas a partir das orientações do material didático do curso, articulada aos elementos da experiência dos educadores e ao que se conhecia dos educandos. A leitura dos textos disponibilizados no material didático foi bem acolhida pelo grupo e as consideramos importantes no sentido de fornecer aos educandos subsídios teóricos para a compreensão da proposta da educação popular em saúde e seu desenvolvimento. Desse modo ela se fez presente em muitos encontros, na maioria deles com a orientação de diferentes dinâmicas de leitura e discussão em grupos. Uma dessas dinâmicas consistiu na reconstrução do texto a partir da compreensão dos educandos. Para isso cada educando realizou leitura individual do material proposto e identificou os aspectos que considerava mais relevantes. Em seguida discutiram em grupos, cada grupo com um trecho do texto e reconstruíram a seu modo o trecho discutido de modo que, ao final unindo as reconstruções de cada grupo, construímos um novo texto, com sua compreensão e linguagem. Essa foi uma técnica interessante na qual a turma pôde exercitar sua capacidade de discussão de ideias e reelaboração a partir de seu olhar. A seguir a imagem de uma síntese do texto *A determinação social do processo saúde-doença pelo olhar da educação popular em saúde*, do caderno de Textos de Apoio do curso.



Os encontros foram permeados também pela arte e manualidades por meio de cirandas, cantigas de roda, teatro de rua e teatro fórum, produção de fanzines, cordéis, paródias, estandarte com desenho e pintura, palhaçaria e cenopoesia, além da confecção de instrumentos musicais artesanais e painel de ervas do universo do cuidado popular.

É importante ressaltar que a arte se fez presente não como adorno, mas como saber capaz de articular em si saberes e despertar para a problematização e de expressar ideias.

As cantigas de roda permearam os encontros estando presentes principalmente nos momentos de acolhida e finalização dos encontros. Dentre as cantigas populares estiveram

presentes com destaque a Cantiga da Lavadeira, Dança da chuva, a Música do Marinheiro, as canções indígenas Quem deu esse Nó e Pisa Ligeiro.

Como essas cantigas desempenharam importante papel em nossos encontros, transcrevemos a seguir suas letras:

### **Cantiga da lavadeira – Domínio Público**

*Lava, lavadeira, A roupinha de passear (bis)  
Uma menina do tamanho assim (bis)  
Com uma trouxa de roupa assim (bis)  
Um pedacinho de sabão assim. (bis)  
O sol por ali assim (bis)  
Uma lagoa desse tamanho. E um pouquinho de água assim. (bis)*

### **Pisa Ligeiro – Cantiga indígena**

*Pisa ligeiro, Pisa ligeiro  
Quem não pode  
Com formiga  
Não assanha o formigueiro  
(Repete várias vezes).*

### **Dança da chuva - cantiga popular**



*Está tudo  
verde  
O arroz  
cacheando  
A lagoa  
cheia  
Os sapos  
cantando  
Nas  
carnaubeiras  
Graúnas  
cantando  
Tão  
alegremente  
Porque está  
verdinho*

*Cai chuva, lá do céu. Cai chuva, no meu chapéu (bis)*

*Está tudo verde  
O arroz cacheando  
A lagoa cheia  
Os sapos cantando  
Nas carnaubeiras  
Graúnas cantando*

*Tão alegremente  
Porque está verdinho*

*Cai chuva, lá do céu. Cai chuva, no meu chapéu (bis).*

### **Marinheiro – cantiga popular**

*Oh marinheiro é hora. É hora de trabalhar (bis)*

*É o céu, é a terra, é o ar. Ô marinheiro olha o balanço do mar (bis).*

### **Quem deu esse nó – Cantos tradicionais indígenas (Coral Kurumins Tapeba. Caucaia-Ceará)**

*Quem deu esse nó, não soube dar! Esse nó tá dado e eu desato já!(bis)  
Ô desenrola essa corrente, deixa o índio [a gente] trabalhar! (bis).*

As cantigas de roda e cirandas trouxeram a dimensão da coletividade e fortaleceram a percepção da simplicidade que pode permear o cuidado em saúde e ainda a riqueza do saber popular, das comunidades tradicionais, por exemplo. Acerca das cirandas, Dantas (2009) ressalta “importância das cirandas<sup>5</sup> na qualidade de ritual da cultura popular nordestina” (DANTAS: 2009, p.37) e apresenta uma síntese do que são e de sua potência:

Surgidas em espaços populares, envolveram inicialmente trabalhadores rurais, pescadores, operários, biscateiros, entre outros, no entanto, como manifestação comunitária, não impõe barreiras quanto ao sexo, cor, idade, condição social ou econômica. A batida forte do bombo ou de outros instrumentos sob a batuta do mestre cirandeiro que conduz a brincadeira, "tira as cirandas", improvisa versos, atrai os cirandeiros cujas mãos se entrelaçam, girando, seguindo o balanço das ondas do mar, abrindo o círculo para os que chegam sem hora de entrar ou de sair (DANTAS: 2009, p.38).

Essa vivência que permite o sentir da arte como cuidado conduz também a um olhar ampliando com a perspectiva da promoção da saúde, do trabalho com saúde como trabalho de promoção de vida, partindo da vivência cultural dos sujeitos.

O cuidado também se fez presente com práticas coletivas como massagem em grupo, meditação, corredor do cuidado, cuidado com argila e compartilhamento de alimentos. Foi possível identificar que os encontros em si significaram para os educandos momentos de cuidado por poderem participar e desenvolver atividades distintas das que vinham realizando cotidianamente e pelo encontro com a dimensão da arte inerente a cada um e presente nos encontros do curso nas já citadas cantigas populares, músicas e nos filmes, por exemplo, além do encontro uns com os outros e com os educadores.

Pensando agora no teatro, os educandos o trouxeram como uma forma de comunicação com a população numa perspectiva horizontal e não prescritiva, como uma alternativa às práticas da educação sanitária discutidas a partir do texto *Da educação sanitária à educação popular em saúde*. Inicialmente ele se fez presente na apresentação de trabalhos de campo. Dantas (2009) ao discutir o dialogismo da arte na gestão em saúde identifica o potencial da arte enquanto dimensão humana, de permitir uma transposição metafórica da realidade em uma expressividade que permite distanciamento e assim também uma visualização mais clara desse contexto.

Já o teatro fórum aparece a partir do encontro 10 como metodologia de trabalho que dá centralidade à problematização da realidade. Sendo uma técnica do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, no Teatro Fórum “o espectador substitui um dos atores na encenação, modificando o curso da ação no sentido que considera o mais correto e desejável” (BRASIL: 2016, p.51). Boal indica que essa técnica permite a reflexão crítica dos expectadores, que passam também a atuar, acerca da situação apresentada, permitindo a percepção das situações de opressão e a elaboração de estratégias para sua superação Linhares e Joca ressaltam as possibilidades dessa estratégia nesse sentido: “A ação com o Teatro do Oprimido envolve a problematização de opressões nas relações humanas até então cristalizadas, presentes no campo do individual e que reverberam como sintoma social” (LINHARES E JOCA: 2016, p. 167).

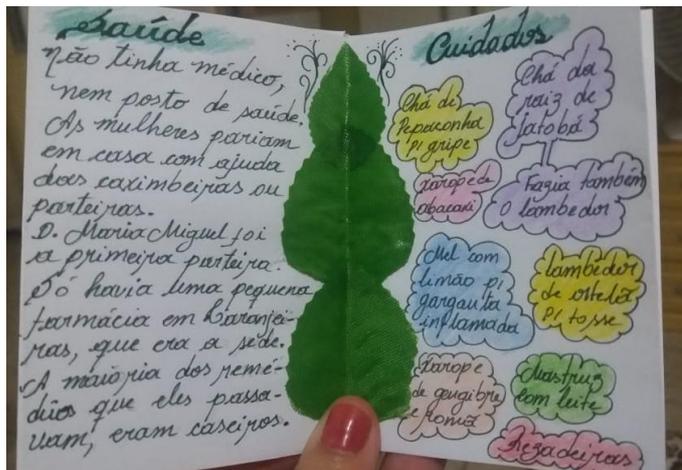


Como estratégia de comunicação se fizeram presentes também os fanzines e o cordel. Os fanzines surgem como alternativa aos meios de

comunicação de massa, visando possibilitar que grupos que não podiam se expressar por tais meios tivessem direito a fala por meio deles (ZAVAM, 2006; FERREIRA, 2012). Historicamente os fanzines vem sendo construídos de modo artesanal e reproduzidos a partir dos recursos de reprodução mais acessíveis a seus desenvolvedores.

Um importante movimento que nos ajuda a compreender a aproximação dos fanzines à educação popular é a relação deles com o universo da educomunicação. A educomunicação que vem sendo estudada e se situa na interface entre educação e comunicação, voltada a um olhar crítico às mídias massivas e apresenta a concepção de promoção à participação ativa dos sujeitos nos processos comunicativos (PINTO *et al*, 2017).

Quanto ao cordel, esse se apresenta como literatura característica, embora não exclusiva, do nordeste brasileiro. Com forte influência da oralidade “pois foi através das narrativas orais, contos e cantorias que surgiram nossos primeiros folhetos, tendo a métrica, o ritmo e a rima como seus elementos formais essencialmente marcantes nessa literatura” (SILVA: 2007, p. 13). Uma educanda em especial se encantou por essa linguagem e buscou adotá-la na realização dos trabalhos de campo do



curso e em suas práticas educativas em geral. Os demais educandos apesar de não se animarem à produção de cordéis, envolveram-se em sua leitura dramatizada e divulgação nas práticas de educação em saúde.

### O Cuidado em Saúde:

[...]

*A arte do cuidar  
Tem história milenar  
E não foi no hospital  
Que ela veio iniciar  
Começou da vida simples,  
Na tradição popular  
A ciência do cuidado  
É vasta no território  
Talvez não dê pra listar  
De modo satisfatório  
Mas vou aqui mapear,  
a prática popular,  
e que não seja vexatório*

*A riqueza do cuidado perpassa o saber do médico  
O povo sabe e muito, trazer cura e remédio  
Faz lambedor e faz chá, mas precisa utilizar com racionalidade e critério*

*Há quem ache que é loucura essas formas de cuidar  
Mas é preciso ser simples pra poder apreciar  
O cuidado em saúde é muito amplo e é preciso explorar*

*Essa lindeza do SUS é coisa mui preciosa*

*Faz a gente ficar sábio de maneira amorosa  
Vem da Educação Popular, essa coisa de cuidar, de forma maravilhosa*

*Os hospitais e remédios surgiram pra curar doenças  
Mas quem disse que a cura não pode vir com as crenças?  
Que me digam os pastores, curandeiros e rezadeiras que ajudam nas convalescenças*

*[...]*

*Toda essa magnitude  
São saberes e cuidados  
Antes que alguém não entenda,  
Quero que fique explicado  
Cuidar é estar junto,  
É socializar,  
É um fazer multiplicado  
Eu já ia esquecendo  
Das nossas queridas parceiras  
São mulheres muito sábias,  
E são abençoadadeiras  
São uma videira pras mães,  
E nelas os bebezinhos  
Encontram acolchoadeiras*

*Régia Torres<sup>28</sup>*

Além desses elementos, integrou também a dinâmica do curso a *Feira do Soma Sempre*, estratégia metodológica de educação popular que se fundamenta no entendimento de que todos os seres humanos tem potências e saberes que não precisam ser reconhecidos institucionalmente para terem seu valor e que “quanto mais interação mais aprendemos, mais criamos, mais transformamos e nos transformamos, mais lucramos humanidade (LIMA: 2009). Partindo desses pressupostos a Feira do Soma Sempre se organiza como uma “simulação de rede social” com a

---

<sup>28</sup> Educanda da edição do EdPopSUS Banabuiú – produzido a partir das discussões do curso.

Definição de pequenos grupos por experiência e organização de espaços específicos para que cada um conte sua história (experiência) aos demais que estarão circulando em busca da novidade do outro, o que é, como se deu caminhada, o que tem feito, como arma suas estratégias de existência e resistência, etc (LIMA, 2009).



Assim, todos os sujeitos se revezam em movimentos de contação e escuta de experiências. Ao final se faz um diálogo no qual são apresentados os apurados da feira, aquilo que se aprendeu conceitual e metodologicamente nesse circular de experiências e seus saberes com os diferentes modos de apresentação. Os relatos dos educandos indicam que foi essa a estratégia metodológica mais

apreciada pelo grupo, acreditamos que em virtude de seu potencial de materializar uma das falas de Paulo Freire que parece mais ter se entranhado nos corações dos educandos: "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes" (FREIRE: 1978,p.68) e a potência da Feira do Soma Sempre de permitir que todos de fato, na interação, ocupem o lugar de sujeitos no processo educativo, tanto na escuta quanto na contação. Considerando a amplitude da discussão das políticas de equidade no SUS, essa estratégia foi adotada, com barracas discutindo a saúde da população indígena, saúde da população LGBT, da população negra e quilombola, da população em situação de rua e das populações do campo, das florestas e das águas.

Os educandos reunidos em grupos realizaram leitura dos textos de apoio e discussão da temática, agregando elementos de sua experiência e cultura local, como histórias acerca da cultura indígena na região e dados e possíveis estratégias para a ampliação do cuidado a essas populações considerando a determinação social da saúde e

o princípio da equidade que embasa o SUS. O grupo de educandos se envolveu muito tanto nas discussões, quanto na organização das “barracas” da Feira e no compartilhamento dos saberes com o início da feira com a apresentação e escuta, nem mesmo atentou-se para o horário de conclusão do encontro.

A palhaçaria também foi uma estratégia adotada pelos educadores, com vivências prévias desse universo, para instigar as discussões. Bakthin (2003) indica que o riso amplia as possibilidades de diálogo, nesse sentido Matraca, Wimmer e de Araújo-Jorge (2011, p. 4136) apontam para “a Dialogia do Riso enquanto ferramenta para a formação de vínculos, ao invés da lógica de restrições e obrigações”. Dessa forma, embora só tenhamos adotado a caracterização específica de palhaços em um dos encontros, a Dialogia do Riso integrou a postura dos educadores ao longo de todo o curso.

Sobre a *cenopoesia*, acreditamos que seu potencial poderia ter sido melhor aproveitado, considerando que ela vem marcando uma presença pedagógica que consiste em desenvolver outras racionalidades, para além do discurso científico de tradição ocidental, trazendo a ideia de pensar e agir com o corpo inteiro e de forma graciosa sem, por isso, perder a consistência e a criticidade (LIMA: 2014, p.193).

Nesse sentido acreditamos que fortalecer no grupo a vivência das diversas linguagens que podem compor a *cenopoesia* teria proporcionado ao grupo essa vivência mais rica de aprender e “agir de corpo inteiro e de forma graciosa [...] sem perder a consistência e criticidade” (idem).

### **3.2 Os trabalhos de campo – o que foi e o que não foi**

Com uma proposta metodológica que inclui trabalhos de campo, o Guia do curso propõe trabalhos que variam de reflexões em grupos de educandos a sistematização de experiências e intervenções comunitárias na perspectiva da educação popular em saúde, tudo articulado aos eixos temáticos nos quais se organiza o curso.



A turma de Banabuiú foi dividida em grupos considerando os espaços de atuação dos profissionais a fim de que tanto suas reflexões quanto intervenções desencadeadas pelo curso pudessem integrar seus processos de trabalho. Os trabalhos de campo permitiram aos educandos vivenciar os desafios de trabalhar na perspectiva da educação popular em saúde.

Segundo relato dos educandos as atividades de campo permitiram uma integração que, em muitos casos era frágil e em outros, inexistente. No que diz respeito ao acompanhamento desses trabalhos pelos educadores foi desafiador articular as agendas dos educandos e serviços com a dos educadores que chegavam ao município no dia anterior aos encontros presenciais, “em sala”.



Além disso, a distância física dos distritos se apresentou como desafio a esse acompanhamento. O principal foi a agenda, já que os educandos de modo geral não conseguiam agendar as atividades para o dia anterior aos encontros presenciais para que os educandos pudessem acompanhá-las. Alguns grupos pareciam não compreender bem como

seria essa participação dos educadores, apesar dos muitos esclarecimentos a respeito. Acreditamos que o receio de ter os animadores do curso em atividades desenvolvidas por eles tem relação com a tradição da educação autoritária na qual os educadores são os

detentores do saber e autoridade, dificultando que os educandos se autorizassem a ser educadores em diálogo. Isso se evidenciou em um dos grupos onde pessoas com formação até o nível médio sempre priorizavam as ideias e produções profissionais com graduação. Nesse

dos

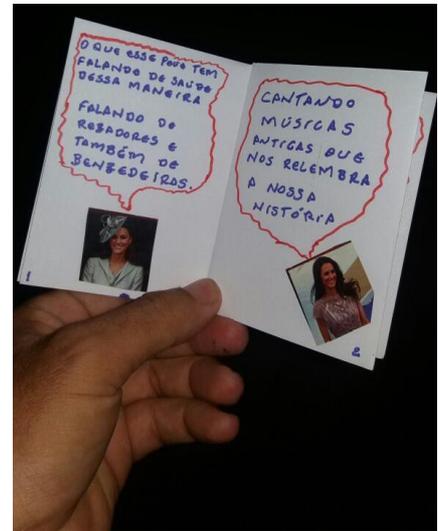


sentido até o último encontro do curso trabalhamos a necessidade de cada um se autorizar enquanto sujeito do processo com suas potências e fragilidades.

Apesar dos desafios, os grupos desenvolveram muitas práticas de educação popular em saúde, e procuraram além de apresentar nos encontros presenciais, compartilhar a alegria por tais realizações por meio de vídeos e fotografias.



Embora tenham existido os desafios foram engendradas possibilidades. Uma delas foi a realização de uma oficina de fanzines. A oficina foi realizada em uma praça do município. Os educandos que estiveram presentes além de conhecerem os fundamentos do trabalho com fanzine puderam se apropriar desse recurso ao produzirem seus fanzines e assim passaram a adotá-lo inclusive na apresentação de seus trabalhos de campo posteriores e desenvolveram exemplares que apresentaram como produtos na Mostra Municipal ao final do curso.



Outra alternativa adotada, com apoio da gestão local, foi a integração às atividades do município como a participação em evento no centro da cidade em alusão ao Dia Mundial da Saúde. Nesse evento montamos a Tenda Paulo Freire, com práticas populares de cuidado e o saber popular representado por terapeutas comunitárias, massoterapeuta, artesãs e chás, garrafadas e lambedores, além dos cordéis e outros trabalhos produzidos pela turma. Nesse dia se dançou a Dança da chuva com muitos profissionais de saúde, pessoas da comunidade em geral e com a presença da gestão local de saúde e do prefeito e alguns representantes do poder legislativo. A Tenda Paulo Freire se configurou ali como uma expressão de que o fazer saúde não se restringe às práticas biomédicas.



Destacamos também a participação da turma do EdPopSUS no evento de lançamento da Campanha Anual de Prevenção às Arbovirozes. Nesse evento os



educandos puderam novamente fortalecer junto aos trabalhadores da saúde as diferentes possibilidades de se fazer saúde e a necessidade de valorização do diálogo nesse movimento, apresentando um cordel sobre a temática. Nessa agenda do EdPopSUS nos eventos municipais participamos também de uma caminhada à qual buscamos dar nova perspectiva à essa ferramenta com a substituição das músicas da cultura de massa reproduzidas em carro de som por músicas de Luiz Gonzaga com a valorização da cultura

popular além da substituição das falas atreladas a uma prática educativa prescritiva e voltada a aterrorizar a população em relação ao mosquito *Aedes Aegypti* por falas de convite ao cuidado com a valorização da cultura local e saberes tradicionais.



Esse movimento de expansão do EdPopSUS para além do espaço de realização dos encontros do

curso foi realizado também na Amostra Municipal. A turma decidiu que esta seria realizada em uma praça no centro da cidade, com a participação da comunidade, dos demais profissionais de saúde, atores da cultura local e quem mais desejasse se agregar. Desejaram fazer desse momento também um ato político em defesa do SUS.

Nesse movimento o teatro se fez presente num movimento de valorização dos saberes populares. Estiveram presentes também a leveza da palhaçaria e a riqueza dos movimentos comunitários com arte como a fanfarra e grupo local de capoeira. A mostra foi enriquecida ainda com a participação de um violeiro e de um grupo de forró pé-de-serra do município.



### 3.3 Quem deu esse nó, [Soube] dar <sup>29</sup>

A experiência comoeducadora popular no EdPopSUS se deu simultaneamente à vivência da Especialização em Promoção e Vigilância em Saúde, Ambiente e Trabalho (EPVSAT), desenvolvida também pela Fiocruz. Esse movimento lado a lado dos dois processos, permitiu que um enriquecesse o outro. Assim como o EdPopSUS, a EPVSAT trabalhou temas como território, movimentos sociais e lutas populares e realizou discussões acerca da determinação social do processo saúde doença e das potências dos territórios, saberes populares e afetos. A EPVSAT teve a educação popular transversalizando todo o processo formativo. Ressaltamos o diálogo e a valorização da cultura e dos diferentes saberes e fazeres como uma das principais formas de materialização da educação popular nessa formação. Esteve sempre presente também a dimensão do cuidado. Esse cuidado se deu a partir da equipe de coordenação da especialização, da equipe do espaço de realização dos encontros e se fez também entre os educandos.

<sup>29</sup> Referência à Cantiga indígena *Quem deu esse nó* – adaptação na letra.

A experiência de vivenciar encontros com discussões teóricas nas quais se buscou aproximação com as estratégias da educação popular e a oportunidade de desenvolver práticas de educação popular em saúde nos territórios através da realização de intervenções trouxeram mais elementos para a atuação enquanto educadora no EdPopSUS assim como essa vivência enriqueceu o movimento enquanto educanda na EPVSAT.

#### **4. “TÁ CAINDO CHUVA LÁ NO MEU SERTÃO. É SINAL DE BOM INVERNO E BOA PLANTAÇÃO”<sup>30</sup>**

Nesse movimento de reordenar e problematizar a experiência vivenciada podemos identificar alguns passos no sentido da implementação da política de educação popular em saúde desencadeados pelo EdPopSUS no município de Banabuiú.

Acreditamos que um dos principais movimentos nesse sentido foi o da construção de um diálogo no qual profissionais de saúde e usuários dessa política puderam se aproximar de uma percepção ampliada de saúde, no qual esta não se restringe a uma perspectiva biomédica medicalizante e aos serviços de saúde, mas que passa pelos movimentos de vida que são compostos pela cultura local, pela valorização dos saberes tradicionais e pelas vivências da dimensão artísticas dos sujeitos em suas diversas manifestações nos territórios. Esse diálogo se deu em dois movimentos, entre os educadores animadores do curso e os educandos nos encontros semanais e entre educandos, demais profissionais de saúde e população, especialmente nas práticas disparadas no material do curso como trabalhos de campo, bem como nas possibilidades forjadas para que apesar dos desafios esse movimento se materializasse.

Mesmo após a finalização do curso os educandos continuam a compartilhar fotos e vídeos de suas práticas de educação em saúde numa perspectiva cada vez menos prescritiva e mais dialógica, que evidenciou a busca de horizontalidade e problematização da realidade.

Foi refletido ao longo do curso sobre a necessidade da educação popular fixar raízes no município e uma das estratégias pensadas foi a de se dar início a um comitê municipal intersetorial para fortalecer a participação popular e que pudesse em diálogo com a educação popular, articular o cuidado no município fortalecendo a compreensão ampliada de saúde. A formação do comitê chegou a ser divulgada na mostra municipal e a data de

---

<sup>30</sup> Referência à música *Fatura no Sertão*, composição de Elias Soares e Sebastião Rodrigues, intérprete Marinalva.

sua primeira reunião, porém foi posteriormente desmarcada em virtude de outros eventos do município e o grupo não voltou a se articular nesse sentido.

Outro movimento importante desencadeado no curso foi a visibilidade de uma das educandas que em seguida foi designada pela gestão municipal como responsável pelos processos de educação permanente em saúde no município. Acreditamos que esse espaço pode contribuir para que mais passos sejam dados em direção à formulação e implementação da política municipal de educação popular em saúde, já que essa educanda demonstrou grande encantamento e implicação com a educação popular ao longo de toda a formação.

Um último aspecto que precisa ser visto com muita atenção é o convite frequente dos educandos-educadores populares formados pelo curso para a realização de “práticas de educação popular” em diversos eventos no município, especialmente ligadas às expressões de arte e cultura popular. Apesar das possibilidades que tal movimento pode abrir para o fortalecimento da presença da educação popular em saúde nas instituições, pode também ser uma armadilha caso os facilitadores desses processos não fortaleçam nesses momentos a perspectiva problematizadora da educação popular e passem a adotar de forma limitada a dimensão da arte presente na educação popular em saúde.

## **5. OS APURADOS DA FEIRA**

Por fim, temos que o EdPopSUS no município de Banabuiú mobilizou os educandos, em sua maioria trabalhadores dos serviços de saúde, para uma compreensão conceitual e vivência de experiências de educação popular em saúde, o que podemos considerar uma “fertilização do solo” para que a educação popular possa florescer por ali.

Esse movimento só foi possível a partir do convite e “abertura das portas” realizadas pela gestão municipal que se deu a partir das informações transmitidas pelo “agricultor”, educador popular, que despertou em sua mente para a possibilidade de o município integrar essa etapa do curso.

Os trabalhos de campo se apresentaram como fundamentais no sentido de permitir que os educandos elaborassem, levando em consideração as discussões realizadas nos encontros presenciais, suas próprias percepções e entendimentos acerca das práticas educativas e de cuidado desenvolvidas no município. Nesse sentido devemos ressaltar a interface com a educação permanente em saúde, estando o EdPopSUS inserido nessa esfera ao conduzir à problematização e possíveis reformulações de seus processos de trabalho.

Acerca da interface entre educação popular e educação permanente em saúde um importante movimento que acreditamos ter sido possível a partir do EdPopSUS foi a designação de uma das educandas, que ganhou visibilidade a partir de seu entusiasmo e envolvimento com o curso, como profissional responsável pela organização e articulação da educação permanente em saúde no município. Consideramos ainda que sua presença nesse lugar se apresenta como uma possibilidade de abertura mais ampla de portas para a educação popular no SUS de Banabuiú.

## REFERÊNCIAS

BANABUIÚ. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/banabuiu/panorama>>. Acesso em 15 set 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 53 reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

BRANDÃO. **O que é método Paulo Freire**. 32 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BRASIL. **Guia do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2016.

BRASIL. **Plano Operativo da Política Nacional de Educação Popular em Saúde - 2013-2015**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

COSTA, B. Pertinência, atualidade e importância Política da Educação Popular: Do surgimento aos desafios atuais. In: Oliveira, AC e Rocha, R (org.). **Educação Popular: prática plural**. Nova Pesquisa em Educação: Rio de Janeiro, s/d.

DANTAS, Vera Lúcia de A. **Cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do mundo**: o Corredor do Cuidado. Rede HumanizaSUS, 13 de out. de 2015. Disponível em: <<http://redehumanizasus.net/92756-cuidar-do-outro-e-cuidar-de-mim-cuidar-de-mim-e-cuidar-do-mundo-o-corredor-do-cuidado>>. Acesso em 20 de jun. 2018.

DANTAS, Vera Lúcia de A. **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde: A Perspectiva Popular Nas Cirandas Da Vida Em Fortaleza-Ce**. [Tese Doutorado em Educação]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; 2009.

FIOCRUZ. **Edital de chamada pública Nº 04/2017, 05 de outubro de 2017**. EdPopSUS - edital para seleção de educadores populares Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2017.

FIOCRUZ. **Relatório EdPopSUS Ceará 2017-2018**.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. 2 ed. , revista. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.

JOCA, Emanuella Cajado e LINHARES, Ângela Maria Bessa. O teatro do oprimido na saúde mental: "isso é mais lombreiro que o uso da droga!?". In: **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. Florianópolis, v.8, n.18, p.157-169, 2016.

LIMA, Ray. **Feira do soma sempre e a produção do comum. 2009.** Disponível em: <<http://redehumanizaus.net/7391-feira-do-soma-sempre-e-a-producao-do-comum/>>. Acesso em 15 set 2018.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de Cordel:** Um fazer popular a caminho da sala de aula. [Dissertação Mestrado em Letras]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; 2007.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Redefinindo as práticas de Saúde a partir de experiências de educação Popular nos serviços de saúde. In: **Revista Interface.** Fevereiro 2001.

## FALA QUE EU TE ESCUTO – o EdPopSUS em Pacatuba-CE

Francisco Josenildo Ferreira do Nascimento  
Reginaldo Pereira de Figueiredo

*Acorde Pacatuba  
Admiro o sol ardente  
Iluminando a serra  
Que encanta os olhos da gente  
É uma cidade bonita criada por Deus  
O homem firmou-se nela  
Transformando Pacatuba em uma cidade bela  
Eu vejo os verdes das flores  
E o cinzento da terra  
Queria que tu conhecesses o que há de mais bonito  
A fauna, a flora, um monumento em estirpe  
Superando o encanto das cidades  
Setenta e seis mil habitantes  
A passos lentos eu vejo quem realmente tu és  
O berço da natureza  
Com igrejas e seus fiéis  
Com casas amarelas plantadas a seus pés  
Acorde Pacatuba  
Veja que caminho tu queres?  
**Isabel Barros**  
**Poeta Moradora de Pacatuba***

### O começo de uma boa jornada

*Confesso que estranhei  
No início do processo  
Trabalhar com Reginaldo  
Que é bem o meu inverso  
Ele pensa diferente  
Mas é bom em prosa e verso*

*Fizemos em cada encontro  
O nosso planejamento  
E durante a semana  
Ainda há envolvimento  
A internet é o canal  
Para nosso entrosamento*

Não tem como não se encantar logo de cara com a belíssima cidade de Pacatuba. Quando descemos na rodoviária, à primeira vista, é de um terminal abandonado e entregue ao tempo. Mas ao olhar pela segunda vez já temos outra impressão. Os boxes de vendas ainda resistem ao tempo, embora precise de reparos, a infraestrutura do local nos leva de volta ao passado. Ao sair da rodoviária, vemos a estação antiga, desativada, mas conservada e restaurada, pronta para ser contemplada junto à linda paisagem serrana.

Foi ali na pacata pracinha do centro da cidade que nós, os educadores, sentamos uma semana antes de começar as atividades do EdpopSUS para preparar o encontro e conhecer o jeito de trabalhar um do outro. Os pactos de convivência já começaram ali e vimos uma maneira de prepararmos todos os encontros.

## **Construindo juntos**

*Reginaldo então propôs  
Uma forma interessante:  
- Que acha então de os grupos  
Assumirem nesse instante,  
Fazerem a acolhida  
E organizarem o lanche?*

“*Não viemos aqui ensinar ninguém*”. Foi com essa frase que iniciamos o primeiro encontro do EdpopSUS. Se o objetivo era trabalhar para que os educandos pudessem se reconhecer como protagonistas de sua própria história e potencializar seus saberes como profissionais de saúde, então o melhor caminho foi dividir com eles as responsabilidades para a realização dos encontros, estruturando equipes para organizarem o lanche e o acolhimento. Isso serviu para os próprios educandos pesquisarem para que ao final do Edpopsus, a turma tivesse à disposição, um acervo de técnicas e vivências de grupo para serem utilizadas na comunidade.

A preparação dos cafés da manhã e da ambiência foi muito importante no processo. O quadro com a paisagem da serra de Pacatuba, flores, plaquinhas com frases de acolhimento e até balõezinhos coloridos combinavam com o saudável cardápio que as equipes organizavam sem produtos industrializados à mesa, dando um sabor agradável aos nossos encontros e fundamentais para promover o encontro entre os educandos. A maioria admitiu nunca ter se encontrado dessa forma. Todo esse cuidado se refletiu na atividade de campo quando os educandos (naquele momento, atuando como educadores) organizaram uma mesa recheada de frutas pensando detalhes como os cortes de frutas que valorizavam a decoração da mesa. Deu para ver no rosto dos usuários, participantes da atividade de campo, um estranhamento, por não estarem acostumados a serem acolhidos dessa forma, como naquele dia. “Alguns até perguntaram: isso é pra nós mesmo?”

As dinâmicas de acolhimento se constituíram espaço de integração da turma e das equipes. Foram pensadas, na maioria das vezes, para avivar o espírito coletivo entre os participantes. Muitas vezes, as brincadeiras trabalhavam mais as questões emotivas e por

ser uma ação pensada pelos educandos, os educadores também participavam sem preocupar-se em distinguir educador de educando. Como nos diz Freire (2005, p.78) A educação popular pressupõe que todos detêm algum tipo de saber, que ninguém vive só na ignorância e, também, que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

*A princípio achei estranho  
Mas foi massa o resultado  
Muita dinâmica boa  
Tudo muito organizado  
Sem contar que foi bom  
Para meu aprendizado*

*Os educandos sentiram  
Também um estranhamento  
- Como pode um curso desses  
Que o aluno em um momento  
É o que faz a dinâmica  
E o tal acolhimento?*

### **Faça você mesmo**

Decidimos ousar mais um pouco ampliando as atribuições dos educandos. A partir do 9º encontro propusemos que as equipes assumissem também a relatoria do dia como estratégia de sistematização do vivido em sala de aula, o que propiciou maior envolvimento dos educandos nas reflexões que surgiram durante os debates.

Animados com a repercussão positiva, sugerimos que as equipes, a partir do 13º encontro, experimentassem a facilitação dos encontros, assumindo de forma mais concreta o papel de educadores. Afinal, estávamos em um processo de formação de educadores populares e acreditávamos que essa experiência, os ajudaria a encarar os desafios que podem surgir no seu território quando na execução de suas práticas educativas. Naquele momento, tínhamos como objetivo fazê-los perceber que juntos têm a força necessária para realizar muitas coisas, e que essa ação é facilitada quando feita coletivamente.

Como resultado dessa iniciativa, pudemos apreciar a potência de algumas equipes nos modos de acolher, na interação com as outras equipes; na realização dos encontros em outros espaços fora da sala de aula, além da inclusão de músicas ao som de violão como forma de desencadear o debate. Pudemos perceber o empenho dos grupos buscando dinâmicas, diferentes e, por vezes, propondo atividades que dialogassem com a temática do dia ou do curso como um todo. Também foi possível perceber os avanços na problematização de questões como: acolhimento, amizade, companheirismo, compromisso

e competição, motivando a participação de todos potencializando a autoestima dos educandos.

### **Fala que eu te escuto**

As cartas com as expectativas e os crachás confeccionados por eles próprios já no primeiro encontro foram referidos pelos educandos como um primeiro movimento que os fez perceber a corresponsabilidade na gestão do curso.

As sínteses criativas logo nos primeiros encontros, revelaram, que a educação bancária estava muito enraizada em suas práticas cotidianas. Nas dramatizações víamos personagens com um discurso inflamado sobre prevenções e posologias medicamentosas. *“Pouco a pouco as pessoas nos ouvem menos nas palestras”.*

A fala acima, dita por uma ACS e reforçada por outros, mostrou o quanto aqueles profissionais precisavam rever sua caminhada e buscar novos horizontes, que só pelos caminhos da educação popular seria possível chegar lá. Para Freire (1996), estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tartar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. “Nesse sentido, a fala de uma educanda provocou em sala um debate importante sobre a forma como os agentes de saúde vêm conduzindo suas atividades educativas e sobre a importância do EdpopSUS:

*“Estamos condicionados a fazer educação bancária... o EdpopSUS vem bater de frente com o nosso jeito de fazer as coisas.”*

Apesar da forma muitas vezes prescritiva de abordagem aos usuários durante suas visitas domiciliares, percebemos que alguns princípios da educação popular estavam presentes no cotidiano dos educandos. Alguns já traziam em seu caminhar um histórico de luta com conquistas por meio de militância política. No entanto, percebemos que esses princípios precisavam apontar novos caminhos de luta e protagonismo com base, principalmente, na amorosidade.

### **O papel do ACS e ACE**

Sobre o processo de trabalho dos ACS e ACE, as narrativas e reflexões vivenciadas nos encontros deixavam transparecer uma certa inaceitação com os processos de trabalho propostos no momento atual e uma visão um pouco nostálgica dos processos anteriormente experienciados,

*Houve uma época que escolhíamos as famílias para cuidar. Passávamos às vezes o dia inteiro numa só casa, reidratando uma criança. Hoje não... Preenchemos papéis. “*

Na fala acima a educanda referia-se, ao fato de que, anteriormente o ACS tinha mais autonomia na definição do que poderia considerar importante o que a realidade atualifica dificultado em virtude da tecnificação desses processos.

Também emergiram histórias interessantes a criação da categoria dos agentes de saúde, de como se dava a relação desses profissionais com a comunidade, com o município.

Essas discussões remeteram à uma reflexão sobre quantidade e qualidade do processo de trabalho e uma reafirmação da intensidade do trabalho que realizam. Em suas palavras:

*nos dias atuais, até as visitas domiciliares necessitam ser feitas de forma resumida pois, nossa principal atribuição é o preenchimento de formulários.*

*“O que vale são estatísticas: Quantos morreram de dengue, quantos usuários são atendidos por mês, etc”.*

A questão da medicalização, do assistencialismo e clientelismo também vem à tona e remete à discussão dos determinantes

*“números para decidir onde investir mais dinheiro, onde se consome mais remédios, onde se granjeia mais votos ” “a população adoecida só aumenta a demanda de remédios” “Anos atrás, a situação era diferente de agora. Hoje temos que lidar com doenças psicossomáticas, droga, situações particulares nas casas nas pessoas que vemos e devemos fingir que nunca vimos...”*

Outra questão emergente das discussões foi a angústia de agentes de saúde e endemias frente à grande demanda em consequência do crescimento populacional com ressurgimento de antigas doenças e o aparecimento de outras em meio ao caos provocado pelas desigualdades sociais. O “estresse” também foi referenciado como causa de adoecimento das pessoas e a necessidade de novas estratégias de cuidado em saúde.

A sensibilização para o trabalho em equipe buscando valorizar o saber de cada trabalhador foi apontada como uma potencialidade da educação popular. Mas apesar de vislumbrarem essas potências, a questão da precarização dos vínculos trabalhistas, as péssimas condições de trabalho e mudanças de suas atribuições as foram apontadas como causas de insatisfação dos profissionais em relação ao seu ofício tecendo em geral , críticas às demandas impostas pelo sistema de saúde. .

*“tem muita gente adoecendo porque não gostar do que faz...” “hoje a gente chega na casa, pede pra dona de casa assinar a folha e vamos embora... se me perguntarem se eu amo trabalhar como agente de saúde, eu digo que gosto, mas eu não amo. Antes eu amava. “O governo quer números”*

E o cordel sempre arrematando...

*Eu preciso informar  
Que é muito complicado  
Pro ACS realizar  
Sua ação educativa  
Se ninguém autorizar*

Apesar da aparente desesperança das falas, um dos momentos significativos do percurso foi quando questionamos os educandos sobre seus sonhos. Com base no que trouxeram, buscamos motivá-los a seguir em frente problematizando acerca do que objetivavam em relação às atividades educativas e à necessidade de lutarem para conquistá-los.

E as sínteses vieram em forma de cordel

*Muitas foram as questões  
Que foram apresentadas  
Os educandos trouxeram  
Para serem questionadas  
As ações dos ACSs  
Estão sendo ameaçadas*

*Outro problema é grave  
Isso é para repensar  
A ação educativa  
Pro ACS executar  
Não dá pra acontecer  
Não é possível realizar*

*O motivo é o seguinte  
Vou dizer nesse cordel  
A função do ACS  
É só assinar papel  
Juram os educandos  
De joelhos e mãos pro céu.*

### **A luta pelo SUS e a participação popular**

Nas discussões, os educandos reafirmaram o SUS como resultado da luta popular por melhores condições de saúde e como direito conquistado por meio do exercício da cidadania. No entanto, foram enfáticos no reconhecimento de que esses direitos estão ameaçados pelas iniciativas que apontam para a privatização da saúde. Assim reafirmaram a necessidade da participação de todos na luta para que os princípios do SUS sejam implementados de fato.

Dessa forma o cordel: **juntinhos somos um** surgiu como síntese dessas reflexões:

*Gostaria de falar do SUS  
Nosso sistema único de saúde  
Que atende do rico ao pobre  
E concede um serviço nobre.*

*O SUS tem seus princípios  
Vou citar os mais falados  
Universalidade, integralidade e equidade.  
São esses os mais citados*

*Quando o SUS traz a universalidade  
É pra servir a todos  
Sem discriminação e preconceito  
Pois todos têm direito*

*Ao falar da integralidade  
Pense num serviço integral  
Ouvindo aos usuários  
Pensando além do sistema assistencial*

*Agora falando da equidade  
Que luta pela igualdade  
Lembre-se também de justiça  
Que é de suma prioridade*

*Querem privatizar a saúde pública  
Isso não podemos deixar  
Devemos lutar pelos nossos direitos  
E ao governo pressionar*

*Igualdade de serviço é o que queremos  
É preciso promover mudanças na organização  
Possibilitando melhorias na qualidade  
Dos trabalhos oferecidos  
Atendendo todos os níveis de atenção*

As reflexões sobre os enfrentamentos possíveis chegaram em forma de questionamentos:

*Mas por onde começar? Em nível macro, pressionando o Estado por meio de lutas e manifestações ou a nível local, com a organização social e política da população, dos profissionais de saúde e gestores? Como unificar as lutas dos movimentos que, na atualidade, se encontram fragmentados, cada um no seu quadrado? Como sair do individualismo e unir trabalhadores de saúde e população em prol do bem comum?*

As respostas vieram com as iniciativas de integração entre os agentes de saúde e de endemias.

Uma equipe apresentou uma dramatização onde o enredo trazia a situação de um agente de endemias que precisou realizar um trabalho de convencimento da comunidade para limpar suas caixas d'água. Não conseguindo o apoio da comunidade, pediu auxílio aos colegas agentes de saúde. Juntos propuseram aos moradores que reformassem ou limpassem suas caixas d'água, aproveitando as reformas que naquela época a comunidade fazia em suas residências. A historinha contada foi baseada numa experiência vivida por um dos integrantes da equipe.

Outra equipe dramatizou outra situação ocorrida em um dos territórios onde um ACE precisou da ajuda de um ACS para entrar na casa de uma moradora. No enredo, percebemos o quanto a moradora a recebeu, convidando-a para tomar um cafezinho e tudo mais.

### **A Resposta de Gandhi**

A historinha abaixo foi trazida por nós, para contribuir com a reflexão sobre formas de abordagem, tentando ajudar na reflexão de como o testemunho de vida pode provocar nas pessoas o desejo de transformação:

*Certa vez, Gandhi foi abordado por uma pessoa que pediu que ele falasse com seu filho pra que não comesse mais açúcar. Gandhi pediu que a pessoa retornasse quinze dias depois. Passados esses dias, a pessoa levou o filho novamente até o mestre. Gandhi olhou pro menino e disse: "Não coma açúcar." A pessoa responsável pelo menino questionou: "Só isso? Por que não disse logo quinze dias atrás?" Gandhi respondeu: "Por que eu comia açúcar." <sup>31</sup>*

A partir da historinha trouxemos alguns questionamentos: Queremos saúde de qualidade, mas o que "eu" estou fazendo para que isso aconteça? Como, ao invés de criticar o outro e procurar culpados, ou seja, podemos começar, por nós a mudança?

Nesse sentido uma reflexão construída foi perceberem que muitas vezes estavam *culpabilizando os usuários ou se apresentando como* salvadores da pátria, donos do saber. Um dos aprendizados daquele momento foi o de que não estão ali no território para educar as pessoas e sim para mutuamente se educarem. Um dos educandos sintetizou essa reflexão em uma frase:

*"Antes eu queria mudar o mundo, mas agora eu quero mudar a mim mesmo."*

O debate em plenária trouxe à cena o trabalho de uma das equipes sobre um mutirão onde ACS e ACE somaram forças e visitaram a comunidade para aconselhá-la sobre a importância da limpeza pública. No debate, inicialmente, os educandos atribuíram à comunidade o descaso pelo ambiente. No entanto, ao problematizarmos a situação concluíram que para que a comunidade assumisse a responsabilidade de cuidar do seu território, os moradores precisariam desenvolver um sentimento de pertença pelo lugar onde moram.

Esse debate os levou a outras reflexões como questionamentos sobre a forma como o trabalho educativo dos agentes de saúde e de endemias é realizado; a necessidade de uma atuação menos autoritária, saindo do lugar de repassador de informações, assumindo

---

<sup>31</sup> Narrativa trazida por uma educanda durante um encontro presencial

o papel de articulador de saberes e experiências locais como das rezadeiras, dos artistas, entre outros, retomando ainda a questão do trabalho em equipe.

Como síntese, um dos grupos apresentou a construção de um quebra-cabeça onde o objetivo era formar uma casinha. Um a um, os integrantes iam formando o desenho e em cada fragmento havia uma palavra atrás que deveria ser dita em voz alta. O objetivo era trazer à tona a reflexão sobre o trabalho em mutirão. “*Depende de nós o trabalho em equipe.*”

### **As estratégias pedagógicas e as contradições entre o falar e o fazer**

*Como foi dito outrora  
A ação educativa  
Ela é algo do passado  
Nenhuma perspectiva  
Mas o curso proporciona  
Uma nova alternativa*

A discussão sobre as estratégias metodológicas foi muito rica e, em alguns momentos, as equipes, considerando a prática bancária nas atividades que anteriormente realizavam, sentiram a necessidade de simular as atividades a serem realizadas nas atividades de campo. Nesses momentos, foi possível perceber as dificuldades de muitos em efetivar práticas mais participativas, em acolher os saberes da comunidade.

Algumas propostas foram bem interessantes e remeteram, não apenas a incluir os saberes da comunidade, mas também incorporar na prática educativa outros elementos, como o caso de uma das equipes que propôs uma roda de conversa onde os convidados, de olhos vendados, puderam conhecer as ervas medicinais do território, por meio do olfato. Nós educadores durante o processo de aprendizagem também vivenciamos possibilidades de aprender envolvendo dimensões diversas que incorporavam ao processo de aprendizagem, dimensões em geral sonegadas dos processos de aprender como nos ensinou Angela Linhares, especialmente aquelas que incorporavam as linguagens da arte e o cuidado. Diz ela ao nos lembrar que a arte nos possibilita experienciar os diversos padrões de sentir da experiência humana, em seus [...] modos de acalantar, sentir a dor, o parto, o gozo, a traição, o choro, o crescimento dos filhos, a seca, a invernada, a partida para o longe de outras terras, o acarinhado de quem se agunea por um agrado, o modo de despejar na natureza seus sentimentos de homem ou de mulher, a fome (LINHARES, 2003, p.21).

Outra estratégia interessante foi a proposta de trazer uma brincadeira popular, a amarelinha, para discutir a luta pelo SUS. Na dinâmica pensada pela equipe, o céu foi representado pela palavra SAÚDE, expressando o SUS que queremos conquistar.

Durante a vivência, desafios para se chegar ao CÉU-SAÚDE foram surgindo aos poucos por meios de palavras escritas em tarjetas sugeridas pelos usuários. Os temas: **Boa alimentação e a prática de exercícios** físicos surgiram como potências na promoção do bem-estar.

### **Imagens que falam: o Teatro do Oprimido e a discussão da Equidade**

*E nas socializações  
Muita dramatização  
O teatro é ponto forte  
Para participação  
Instigando os educandos  
À problematização*

O curso parece ter proporcionado aos educandos a oportunidade de olhar com mais atenção e amplitude para o território. Percebemos ao longo dos encontros que a maioria dos participantes tinha um conhecimento reduzido da realidade da sua comunidade.

As reflexões sobre equidade se deram por meio do teatro imagem. O teatro-imagem, é uma das técnicas do Teatro do Oprimido, sistematizado por Augusto Boal na década de 60, que traz a possibilidade de apresentar a problematização e a encenação do cotidiano, envolvendo a plateia em imagens/cenas que possibilitem o rompimento com as situações de opressão, expressando a consciência compartilhada de um conflito e sua contribuição para que esse possa ser superado. A proposta de utilização do Teatro Imagem foi oportunizar aos educandos a reflexão sobre opressão e iniquidades em saúde focando em linguagens não verbais. Nessa técnica, busca-se identificar por meio da linguagem corporal as situações de opressão. Os participantes são levados a pensar com imagens, a discutir uma determinada situação sem a palavra, usando seus próprios corpos (posições corporais, expressões fisionômicas, distâncias e proximidades, etc.) e objetos (BOAL, 2005, p.5). A proposta inicial foi discutir a partir das imagens construídas pelos atores, sobre as possíveis situações de vulnerabilidades vividas por pessoas das comunidades. As reflexões também seriam em torno de como os profissionais lidam com as diferentes situações.

As imagens de situações identificadas como vulnerabilidades (imagem real) e as possibilidades de superá-las (imagem ideal) foram sintetizadas em desenhos.

*Motivamos cada grupo  
A fazer obra de arte*

*Pra depois das discussões  
Apresentar a sua parte  
E deixar ainda melhor  
O momento do debate.*

A partir das reflexões alguns caminhos foram apontados para o enfrentamento das iniquidades e as práticas populares, em especial a farmácia viva, apareceram como potências para o enfrentamento das situações limite relacionadas á saúde.

Pareceu-nos que os caminhos da educação popular ajudaram educandos e educandas a repensar sua caminhada, a se perceberem agentes transformadores da sua comunidade, suscitando a reflexão coletiva sobre o valor da sabedoria popular no processo de cuidado em saúde. A educação popular em saúde surge como um horizonte utópico onde mora a igualdade, equidade, humanização, respeito e amor.

### **A FEIRA DO SOMA SEMPRE e o território, sua história, suas culturas e memórias**

*Todos nós somos arte  
No abrir e fechar dos olhos  
Todos nós fazemos arte  
Seja num abraço ou  
Num sorriso disfarçado  
Nosso trabalho é uma das artes mais belas  
Dentre todas as artes  
O cuidar de uma criança e  
Acompanhar um idoso é arte fascinante  
Olhamos para uma gestante e vemos a sua  
Força em carregar no seu ventre um ser  
Tão deslumbrante  
E isso é arte linda de se ver  
E as crianças brincam e correm na chuva  
Com seus pés descalços com nada pra  
Se preocupar  
Quando a chuva passa seu pai vai pra roça  
Plantar milho e feijão para as festas de São João  
E a mulher vai atrás pra também lhe ajudar  
E quando chega a farinhada junta todo mundo  
Vem homem, vem mulher e toda a criançada  
Um conta história e outra conta piada e sai  
Aquela gargalhada  
Tudo isso é cultura  
Tudo isso é nossa arte  
**Janilsa Rodrigues***

Os relatos dos educandos na feira, provocaram perplexidades. Eles perceberam a potência da memória coletiva do grupo para reconstruir a história do território. Na discussão sobre o apurado da Feira, foi possível levantar questões problematizadoras sobre a história: quem lembra do criador da Paixão de Cristo, tradição em Pacatuba? *Só os poderosos que morreram no acidente avião, são lembrados.*

Foi no ano de 1982, já pros meados do mês de julho  
Houve uma grande tragédia  
Que hoje venho a escrever  
Muitos morreram ali, sem perceber  
Foi um avião da VASP, Boeing 727/200  
Que caiu na serra  
Trazendo grande tormento  
Pra muitos familiares  
Que ficaram em desalento.  
Estavam neste avião  
Centro e trinta pessoas  
106 vinham da feira  
Com mercadoria boa  
Com o desastre falado  
Ficou a mercadoria a toa.  
Este vôo tinha o número  
De cento e sessenta e oito  
Do Rio a Fortaleza  
Aqui se avariou bastante  
Trazendo morte certa  
Pra 137 tripulantes.  
Neste vôo tinham pessoas de influência no país,  
Um deles deixou seu legado pra nós,  
Foi o grande chanceler  
Dr. Edson Queiroz  
Foi um dos maiores e graves desastres do nosso país  
Testemunhado por muitos  
Do jovem até o mais velho  
**Equipe Saúde em Foco**

### **A casa mal-assombrada da baronesa<sup>32</sup>**

*Pacatuba também tem um lado sombrio. Pelo menos é o que dizem as más línguas sobre a casa da baronesa da Aratanha. Localizada na serra, a propriedade pertenceu ao Barão Antônio Costa e Silva e a Baronesa Maria do Carmo Teófilo e Silva, pais do escritor Juvenal Galeno. Considerada a casa mais antiga da cidade, construída ainda no século XVIII, hoje em dia é habitada apenas por morcegos e preserva a fama de mal-assombrada. Há quem diga que almas vagam por lá. Um dos espaços mais intrigantes é o corredor, onde um buraco no chão dá acesso ao que dizem que já foi uma senzala, onde dormiam os escravos que trabalhavam nas plantações de café dos barões. **Equipe Saúde em Foco***

Mas as lutas vão compor de forma potente a memória trazida pelos trabalhadores e pela comunidade que relembra o movimento para arrecadar fundos e construir a unidade de saúde em um dos territórios.

---

<sup>32</sup> É a casa mais antiga de Pacatuba e sua construção data do século XVIII servindo de abrigo a cientistas e intelectuais de notório saber que participaram da Expedição Científica que visitou o Ceará entre 1859 e 1861 em busca de riquezas minerais que diziam existir na região. Os componentes da comitiva não encontraram as ricas jazidas de pedras preciosas que vieram buscar, mas realizaram importantes estudos antropológicos e registraram um momento cultural relevante da história do Ceará. A expedição, mais conhecida como a Comissão das Borboletas, levou dias para chegar a Serra da Aratanha, domínios dos barões do café, Antônio Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva, pais do poeta Juvenal Galeno pois o casarão fica no caminho do ponto mais alto da Serra da Aratanha cujo acesso é difícil. Atualmente encontra-se desabitada e é mantida em parceria da família com a prefeitura (<http://cearaemfotos.blogspot.com/2011>).

*A comunidade se organizou para a construção da unidade de saúde por meio de movimentos de barracas de comidas típicas doadas pela própria população e a noite todos se reuniam para comprar as diversas guloseimas e com o dinheiro arrecadado foi comprado tijolos, telhas, madeira e cimento para a construção do posto da saúde. Em 1996 houve a criação dos conselhos de saúde fortalecendo a participação popular além da implantação das primeiras equipes de PSF do município de Pacatuba. Tivemos muitas lutas pelo saneamento básico de qualidade com a participação popular e melhoria da qualidade da água potável, também teve a criação dos conselhos escolares. **Equipe Saúde em Foco***

Para Freire (1996), é preciso que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

*Uma das maiores iniciativas em termos de luta política foi a greve dos agentes comunitários de saúde de Pacatuba em 2016 que culminou na ocupação da câmara municipal que durou 28 dias. **Equipe Saúde em Foco***

A questão indígena surgiu no contexto do considerando que o município abriga na comunidade de Monguba, uma aldeia indígena da etnia Pitaguary. Essa questão foi articulada a um dos eixos do curso: direito à saúde e promoção da equidade. As **Políticas de Promoção da Equidade** (BRASIL, 2016) propõem a insituição de estratégias e ações na perspectiva de garantir o acesso aos serviços de saúde para a diversidade da população brasileira, fortalecendo a concepção de que são necessárias maneiras diferentes de cuidar da saúde. Nesse contexto os educandos se mobilizaram e se juntaram à luta indígena Pitaguary, sendo uma das atividades de campo a participação em uma das atividades reivindicatórias daquele povo.

*Um movimento mais recente e que pudemos acompanhar no trabalho de campo foi do povo indígena Pitaguary<sup>33</sup> contra reativação de uma pedreira na área indígena chamada “Brita Boa”. A reativação da pedreira iria agredir em grandes proporções o meio ambiente e as casas de todas as localidades de Monguba. Os indígenas conseguiram vencer a luta, mas em outubro de 2011 foi retomado o movimento pra reativar a pedreira dentro da área indígena.e eles ganharam a causa mais uma vez.<sup>34</sup> **Equipe Saúde em Foco***

---

<sup>33</sup> O nome Pitaguary, de origem Tupi, faz referência a “lugares nas serras altas, visíveis do mar”, origens do território ocupado pelos seus antepassados. Os Pitaguary são encontrados na serra de mesmo nome, entre os municípios de Maracanaú e Pacatuba, Região Metropolitana de Fortaleza, estado do Ceará. Desmatamento, queimadas e poluição das mineradoras vêm dificultando a sobrevivência das famílias que residem na comunidade. A população Pitaguary é estimada em 4.400 indígenas, que compõem cerca de 540 famílias residentes em quatro aldeias integrantes da TI Pitaguary, que abrange os municípios cearenses de Maracanaú e Pacatuba.

<sup>34</sup> Os indígenas da etnia Pitaguary da Região Metropolitana de Fortaleza, lutam há anos pela garantia de uso exclusivo de seu território ancestral, ameaçado pela reativação da Pedreira Canaã, da empresa Britaboa Ltda que vem tentando, desde 2011, retomar suas atividades na pedreira, contrariando o povo Pitaguary, que luta pela defesa de seus direitos, pela preservação ambiental e pela garantia de saúde de sua população. O conflito foi agravado pela desconsideração dos direitos indígenas durante os processos de licenciamentos relacionados à mineração no local e pela demora na homologação da Terra Indígena Pitaguary, declarada em 2006 pela União.

As reflexões sobre a prática dos educandos apontaram para a importância a necessidade de rever sua prática e reconhecer que muitas vezes rotulavam as pessoas como incultas, indoutas e necessitadas de esclarecimentos sobre maneiras de se cuidar, sem levar em conta o seu modo de vida e organização, o jeito como se cuidam, se vestem e se divertem. Isso nos remete à importância do diálogo e da cultura no trabalho da saúde. Miguel Arroyo (2001) afirma que a educação popular se ancora em matrizes fundamentais da nossa identidade como o diálogo, a convivência, a interação entre profissionais e população e que isso se dá por meio dos corpos, das falas, das culturas.

Perceber-se como protagonista de sua própria história e reconhecer a memória coletiva e a história das culturas do seu território pareceu-nos que, no contexto do Edpopsus em Pacatuba possibilitou aos agentes de saúde e de endemias a reflexão necessária para repensar suas práticas de trabalho.

Isso nos remeteu a importância do processo pedagógico possibilitar a ampliação do olhar sobre a realidade, ancorada na ação-reflexão-ação, promovendo o desenvolvimento de uma consciência crítica. Olhar criticamente sobre a realidade implica a esperança de que, nesse percurso pedagógico, sejam vislumbradas formas de pensar um mundo melhor para todos (Brasil, 2016).

Pudemos perceber nos educandos após o curso, sujeitos determinados a dar continuidade às lutas sociais e populares, mas agora buscando outros caminhos além dos que já trilhavam.

Pudemos ainda, escutá-los referenciando a educação popular como caminho pedagógico que traz categorias incluídas na PNEPSUS como a amorosidade, o diálogo e a participação em espaços que permitem ao cidadão, ao morador, ao catador de recicláveis, à dona de casa, ao idoso, à criança e ao jovem, voz e respeito.

Do lugar de educadores, buscamos em cada encontro, reafirmar que dar voz ao simples, ressignifica as nossas lutas e fortalece a participação de todos e todas. Ressaltamos a importância de não ficar esperando uns pelos outros para dar o pontapé inicial, problematizando o papel de cada um e cada uma em assumir o comando e somar força no coletivo, lutando pelo bem comum.

Para isso buscamos nos ancorar na ideia que Freire denominou de *inérito viável* e que implica na busca da superação *das situações limites* enfrentadas nos contextos de vida e trabalho. Esse processo no que diz respeito ao SUS, implica no compromisso dos trabalhadores e todos aqueles que desenvolvem as ações em saúde, “com a promoção da

autonomia dos sujeitos, com a construção da alteridade que ocorre no encontro entre si, nos serviços, nos processos educativos, de promoção e comunicação em saúde” (BRASIL, 2016).

A fotonovela que se segue é a transcrição de uma cena teatral onde os educandos refletem sobre a importância das parteiras e rezadeiras. A montagem incorporou uma série de manifestações artísticas como a poesia, pensamentos, cantigas e o teatro livre. A apresentação foi quase uma “ópera popular” que a muitos conseguiu emocionar. O interessante foi constatar que os personagens que representavam figuras simples da comunidade tinham o conhecimento popular, mas também procuraram o auxílio da equipe de saúde evidenciando a complementariedade de saberes e a importância do saber popular no cuidado em saúde. Desse modo referenciamos Vasconcelos (2001), que nos lembra em relação a essa questão, que a educação popular oferece um instrumental fundamental para o desenvolvimento de novas relações, “por meio da ênfase ao diálogo, a valorização do saber popular e a busca de inserção na dinâmica local”, afirmando ainda que a identidade cultural é ancora em um processo educativo e que o respeito ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural.



*Quando eu nasci seu moço  
no sertão do Ceará  
Não tinha maternidade  
E a cidade era longe demais  
Mãe suzu me pariu  
Mãe tereza me pegou  
Mãe das dores me benzeu  
Mãe Laura me amamentou  
Salve a Parteira  
Mãe cachimbeira  
A mãe que me pegou  
Salve a Parteira  
Mãe cachimbeira  
Cheia da força do amor*

***Salve a Parteira, Mãe cachimbeira,  
A mãe que me pegou***

*Letra e Música - Zé Vicente CE*

## REFERÊNCIAS

1. ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto imagens**. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
2. BOAL, A. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
3. \_\_\_\_\_. **Jogos para atores e não-atores**. 8ª ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
4. BRASIL. **Ideias e Dicas para o Desenvolvimento de Processos Participativos em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016
5. GARCIA, F. A casa da baronesa do café. **Blog Ceará em fotos e histórias**. Fortaleza, 2010. Disponível em <http://cearaemfotos.blogspot.com/2011/06/casa-da-baronesa-do-cafe.html>
6. ENSP.FIOCRUZ CE – Pedreira da Empresa Britaboa ameaça índios Pitaguary em Fortaleza. Disponível em <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=ce-pedreira-da-empresa-britaboa-ameaca-indios-pitaguary-em-fortaleza>
7. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
8. \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
9. LINHARES, Â. M. B. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre a arte e educação**. 2.ed. Iju: Unijui, 2003.
10. VASCONCELOS, E. M. (Org.). **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2001.